



CLASS.: 301.34
G 249 m
tese
TOMBO: nº 88

SVE

MUDANÇA SÓCIO-ECONÔMICA E MARGINALIZAÇÃO
EM MARÍLIA.

Tese de doutoramento apresen-
tada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Marília.



JAYME WANDERLEY GASPAROTO

DEZEMBRO DE 1973

1410000088



INTRODUÇÃO

A pesquisa da qual resultou este trabalho foi realizada na cidade de Marília, de abril de 1.972 a julho de 1.973.

O trabalho está subdividido em duas partes: 1ª- "Aspectos sócio-econômicos" e 2ª- "Marginalização em Marília". Baseia-se em material coletado em publicações e monografias sobre Marília e em material coletado através de questionários aplicados a chefes de família.

A escolha de Marília como contexto geográfico para o estudo, foi motivada por estar situada numa região definida como "frente pioneira" e por verificar, aliás, como em toda a região, a partir de meados da década de 1.950, em fenômeno bastante significativo, qual seja, o de uma parcela da população citadina, quase sempre egressa de zona rural, dedicando-se ao trabalho agrícola de que se acostumou a chamar de "rural volante".

Inicialmente, o objetivo do trabalho era, realmente, o de estudar o fenômeno "rural volante" e chegamos até mesmo, a realizar várias observações participantes e entrevistas informais com os "boia-frias". Entretanto, dificuldades de ordem político-institucionais, que inclusive acarretaram a perda de um vasto material coletado, impediam-nos de continuar o estudo tal como fora proposto, inicialmente.

Por outro lado, verificamos que o trabalho agrícola é procurado não só pelos que haviam emigrado da zona rural, mas constitui uma variante para os desempregados citadinos; o que nos levou a concluir que o fenômeno "rural volante" se insere num contexto sócio-econômico que se define a partir de uma economia urbana e por ela.

Com esse quadro, o objetivo do trabalho deslocou-se para o estudo de um setor da população urbana, abrangendo os trabalhadores agrícolas, setor esse que, no contexto da sociologia latino-americana, é descrito como população "marginal".

Quando nos propusemos a estudar a "marginalização" social em Marília, defrontamo-nos com uma série de problemas de ordem teórico-metodológicas. Tratava-se de estudar um setor da população que, dadas as características das mudanças sócio-eco



nômicas do Brasil, ocupa uma posição definida como de marginalidade em relação à sociedade.

Cabe, aqui duas ordens de considerações:

- 1) Como definir a "população marginal" - o fenômeno bastante estudado, mas apenas de forma descritiva?
- 2) Como explicar a "população marginal" - características de grandes cidades - em uma cidade do interior?

Estas duas considerações implicam uma terceira: que quadro teórico empregar para estudar as "populações marginais"?

A nosso ver as teorias culturalistas não satisfazem, quanto à explicação do fenômeno, uma vez que consideram a marginalidade em relação às culturas dominantes, quando a situação de "marginal" vai provocar nos indivíduos conflitos intrapsíquicos. Se bem que estes conflitos possam ocorrer, e ocorrem, no caso das "populações marginalizadas" na América Latina.

A nosso ver, a concepção que melhor satisfaz a necessidade de uma teoria para o fenômeno "populações marginais" é a que o vincula aos problemas de origem econômica, já que os indivíduos nesta situação, no interior da formação econômico-social, no Brasil, vêm restringida sua participação nas várias esferas da vida econômica e social, em função de uma baixa renda que lhe impede o consumo bens e serviços.

A marginalidade configurada como "não participação" é definida pela CEPAL (1), como marginalidade radical, por oposição à marginalidade por desajustamento.

Há que salientar que esta definição de marginalidade tem um caráter profundamente ideológico, já que tem inspirado a órgãos governamentais e outras instituições, uma política de integração, através de aplicação de verbas em programas de promoção social, esquecendo-se que o problema não é complementar a baixa renda dessa camada da população, mas vinculada à natureza da formação econômico-social historicamente determinada.

Não obstante, vemos nessa concepção de, "não participação", senão um conceito cabalmente explicativo do fenômeno, ao menos um ponto de partida para uma análise.

Nessa altura coloca-se o problema, de como estabelecer os indicadores empíricos dessa "não participação" nos bens e serviços produzidos. E, a partir desses indicadores, como ex

plicar a "não participação" sem cair na posição ideológica, que procura "integrar" a "população marginalizada" sem que o sistema o permita, pelo menos na forma como é proposta esta integração.

O processo de industrialização no mundo sub-desenvolvido, em que pese, a nosso ver, o vazio desta denominação, já que emprega tendo por termo de comparação as sociedades onde a industrialização se deu conforme o medêlo clássico do capitalismo, tem características sui-generis, uma vez que leva a uma expansão em grande escala das cidades, não só pelo crescimento natural da população, como também pela migração rural-urbana. Conforme Fernando Henrique Cardoso: "a expansão das cidades está longe de ser acompanhada de um crescimento profissional dos recursos, que permitiria o desenvolvimento equilibrado das coletividades urbanas" (2). O que explicaria "a existência de um desequilíbrio na repartição dos empregos urbanos, que, além disso, são em número insuficiente para atender as necessidades dos habitantes das cidades" (3). Ainda, segundo citado autor, isso explicaria "a formação de uma população marginal".

Disso, fácil é concluir que se não há uma expansão do mercado de trabalho urbano em quantidade suficiente para atender à demanda, a população economicamente ativa, própria da cidade ou liberada da agricultura, constitui um excedente de mão-de-obra.

Esta não expansão do mercado de trabalho urbano decorre de uma característica básica da industrialização, nesta parte do globo: enquanto numa economia desenvolvida, o tipo clássico, o crescimento do produto bruto resulta principalmente, dos aperfeiçoamentos progressivos das técnicas de produção e do trabalho acumulado (capital), nas economias "sub-desenvolvidas", resulta da aplicação de tecnologia de alto nível importada, fazendo com que a oferta de trabalho não atenda à demanda.

No caso das primeiras sociedades, teríamos um exército de reserva. e no caso das segundas, a "população marginal"?

Esta proposição implica na violentação da teoria que informa o conceito de exército de reserva.

No entanto, em que pese a suas falhas, tal colocação a nosso ver, poderá nortear a análise da "população marginal".

"A força de trabalho é uma mercadoria que seu possuidor, o assalariado, vende ao capital. Porque a venda? Para viver" (4)

Se a força de trabalho constitui uma mercadoria, portanto portadora de valor de troca, essa "população marginal" estará alijada do processo de produção, já que, comumente, não é qualificada e a terminologia de alto nível, se por um lado restringe a oferta de trabalho, por outro, exige mão-de-obra qualificada.

Isto posto, o passo seguinte será estabelecer os indicadores da "marginalidade".

A renda "per capita" e a estrutura ocupacional nos parecem os mais significativos.

Elaboramos um questionário padrão amplo que, além dos indicadores acima, abrangia outros aspectos, tais como sexo, idade, religião, vida social, estrutura etária, etc., questionário que foi aplicado a uma "amostra" da população da cidade de Marília.

Para determinação do universo, a partir do qual, foram sorteadas as amostras, estabelecemos o seguinte procedimento: -

- a) adotamos a variável "valor-nominal" dos prédios;
- b) levantamos, do Cadastro Predial da Prefeitura Municipal, todos os prédios cujo valor vai até Cr\$ 6.000,00 - tomamos, como limite, esse valor, em razão de o setor de Lançadoria da Prefeitura, classificar os prédios nessa faixa como "populares".
- c) vencida a etapa "b", relacionamos 5.885 prédios nessa faixa de valor; desse total, foram escolhidos 25% dos prédios (1.473) como amostras, pelo processo de número aleatórios, dos quais apenas 1.336 responderam ao questionário padrão (cerca de 22,66% do total de prédios que compunham o universo amostral) já que muitos estavam desocupados e outros se negaram a responder.

Esta população amostral (6.622 pessoas) constitui cerca de 8,31% do total da população urbana de Marília, conforme a tabela abaixo.

POPULAÇÃO MARGINALIZADA

População	Universo (Habitan tes)	%	Amostra (Populaç. Pesquis.)	%
Cidade	75.902	100	6.622	8,31
"Pobre"(1)	24.425	32,17	6.622	27,12

1) 5 pessoas por domicílio.

NOTAS

- (1) Pereira, Luiz, "Populações Marginais", in Estudos do Brasil Contemporâneo, São Paulo, Livraria Pioneira, 1971, pg. 161
- (2) Cardoso, Fernando Henrique, O Modelo Político Brasileiro, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973, pg. 136
- (3) Cardoso, Fernando Henrique, op. cit., pg. 136
- (4) Marx, Karl, Trabalho Assalariado e Capital, 2ª ed., Rio, Editorial Vitória Ltda., 1963, pg. 23



1ª PARTE

"ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS"



A FRENTE DE EXPANSÃO PARA O OESTE DE SÃO PAULO

O surgimento de Marília está estreitamente ligado à expansão do café em direção ao oeste paulista.

Essa expansão teve um caráter peculiar já que representou um processo integrado de aumento da cultura, o estabelecimento de uma rede de vias de comunicação e o rápido crescimento demográfico.

Quanto a rede de comunicações, a construção de ferrovias em direção ao rio Paraná, seguindo num sentido paralelo, fez com que surgissem diversas rodovias, precárias, é certo, mas que atendiam às necessidades imediatas de ligação entre as várias cidades que surgiam, nas regiões da Sorocabana, Paulista e Noroeste. Em determinados casos, como o da Noroeste, a ferrovia precedia a criação de cidades e a construção de rodovias; em outros, a própria estrada de ferro construía estradas, precedendo a implantação de seus trilhos, como é o caso da Paulista.

Fernando de Azevedo descreve o que foi a implantação dessa rede de comunicações a partir da ferrovia: "Longe de sufocar os velhos processos de transportes que se faziam, por terra, em lombo de burro, ou em veículos arcaicos de tração animal, e, por água, nas vias fluviais, em canoas e barcas, a via férrea estimulou a navegação e a abertura de caminhos transversais que, partindo de sítios, fazendas e latifúndios, convergiam para as estações ou pequenas cidades, fundadas em clareiras de florestas e vinham entroncar-se, como vias radiais, no grande coletor geral"(1):.

Embora a expansão da cultura cafeeira em direção aos planaltos ocidentais, tivesse seu início por volta de 1.890, as regiões da Noroeste, Paulista e Sorocabana só foram atingidas no primeiro quartel deste século. É depois da 1ª Guerra Mundial, quando ocorre uma nova aceleração na frente da expansão do café, que as plantações da rubiácea foram abertas nestas regiões.

Para a ocupação da Alta Paulista, desempenhou papel importante a E.F. Noroeste do Brasil, que teve sua construção iniciada em 1.905, com início em Bauru e que, em 1.914 já havia atingido Araçatuba (2). É da Noroeste que parte o primeiro plantador de café em terras marilienses, logo após a abertura de um picadão em Presidente Pena (Cafelândia) à Platina, na Sorocabana.

Representou, ainda, o mesmo papel a abertura em 1.916, de uma rodovia, pela Cia. Paulista de Estradas de Ferro e que ligava Piratininga - na época, última estação da ferrovia - a um ponto, em que hoje está localizada a estação de Marília.

Com o estabelecimento dessas duas vias de comunicação, surgiram os grandes latifúndios necessários à cultura do café, e a imigração que, em fins do século XIX e início do atual dirigia-se para a Mogiana e Paulista (até Jaú), tem nesta região um novo centro de atração, fazendo com que surgisse, rapidamente, as cidades.

Fundação de Marília

O período mais recuado sobre o qual se dispõe de informações sobre a região, está situado por volta de 1.850.

Conta que, em 31 de março de 1.856, José Teodoro de Souza, pleiteou, de acordo com a lei, a legitimação de posse de uma vasta área de terras, a oeste da então Vila de Botucatu. Por ocasião do registro, afirmou José Teodoro de Souza, que essas terras, que se estendiam por uma área de cerca de 9.000 km², foram por ele ocupadas em 1.847 (3).

Legalmente dono das terras, José Teodoro de Souza procurou povoá-las, para tanto recrutando gente em Minas Gerais, principalmente em Pouso Alegre, cidade de onde partiu para a penetração nos sertões do oeste paulista.

Dessa primeira investidas com vistas ao povoamento, resultou o atual município de Campos Novos Paulista, distante de Marília cerca de 50 km. Conforme o assinala, Corcino M. dos Santos (4).

principal fator responsável pelo desbravamento da região.

Nessa época, o Dr. Cincinato da Cunha Braga, amigo do Cel. Antonio Carlos, compra a seu conselho, cerca de 3.600 alqueires paulistas de terra, que depois foram vendidas a Bento de Abreu Sampaio Vidal. Estas terras tinham uma extensão de 21 kms., sobre o espigão divisor de águas Peixe-Feio.

Em razão de suas terras se confrontarem com propriedades pertencentes a terceiros e para assegurar a posse contra possíveis invasores, Cincinato Braga mandou plantar 10.000 cafeeiros no espigão, onde hoje está localizada a Av. Sampaio Vidal. Este é o primeiro registro de cultura de café em terras do município, iniciando-se, assim, o ciclo da cultura responsável pelo surto de desenvolvimento de Marília.

A primeira povoação levantada no município denominou-se Cincinatina, em terras de Cincinato Braga. Essa povoação talvez constitua hoje o povoado de Dirceu.

Em 1919, Antonio Pereira da Silva, que já estivera aqui em 1918, compra do Major Eliziário de Camargo Barbosa, uma área de 53 alqueires paulistas. Nesse mesmo ano, manda erigir um cruzeiro de madeira no local onde hoje se situa a Matriz de Santo Antonio. Procede a derrubada da mata e, com o concurso do agrimensor Mario Saraiva, faz o traçado da povoação que terá o nome de Alto Cafezal, em razão de existir no alto do espigão a lavoura plantada por Cincinato Braga.

Após o traçado e dividida a área ao redor do cruzeiro em lotes, Antonio Pereira da Silva abre uma estrada de 12 kms., ligando o alto do espigão à povoação de Cincinatina, nas proximidades do rio Tibiriçá.

Essa povoação fundada por Antonio Pereira da Silva constituiu o núcleo da futura cidade.

Em 1.924, Vasques Carrion funda o povoado da Vila Prado, hoje Vila Barbosa, ao lado do Alto Cafezal, que contava, nessa época 26 casas (6).

Por essa época, "a única rua comercial era a de São Luiz (no Alto Cafezal), fervilhante de gente, atravancada de mulas, de carros de boi, de caminhões. As narrativas que me fizeram os amáveis informadores têm o sabor das histórias de Far-West: - assistia-se a cada dia à chegada de novos pioneiros que acampavam no meio de troncos de árvores, levantando com rapidez cabanas de terra, antes de construïrem uma casa melhor no seu próprio lote"(7).

A narrativa de Pierre Monbeig nos dá uma imagem clara de movimentação que animava a nova povoação.

Corria o ano de 1.925, quando Bento de Abreu Sampaio Vidal deliberou a abertura de um novo patrimônio, nas terras que havia comprado de Cincinato Braga. O traçado dessa nova povoação, que confrontava com o Alto Cafezal, coube ao engenheiro Durval de Venezes.

As três povoações animavam-se de um rápido progresso, tanto que, a 3 de agosto de 1.926, o Presidente do Estado, Carlos de Campos, cria o Distrito Policial do Alto Cafezal, no Município de Campos Novos e comarca de Assis, e, em 22 de dezembro do mesmo ano, o povoado fundado por Sampaio Vidal é elevado a Distrito de Paz, com o nome de Lácio e integrado no município e comarca de Cafelândia.

É o avanço do café. Segundo ainda Pierre Monbeig, em 1.928, as três povoações - Vila Prado, Alto Cafezal e Lácio - contavam com 628 casas.

A 3 de dezembro de 1.928, chega a Marília o primeiro trem da Paulista.

A 24 de dezembro de 1.928, é criado, pela Lei Estadual nº 2.320, o município de Marília, na comarca de Piratininga, com terras desmembradas dos municípios de Campos Novos e Cafelândia e abrangendo toda uma área onde hoje se localiza, além de Marília, o município de Vera Cruz, Pompéia, Ocaçu, Oriente, Quintana, Herculândia e Varpa.

após a primeira tentativa de povoamento, sofre um novo atento com a imigração de mineiros para São Paulo, "os quais receavam ser incluídos na lista de recrutamento", por ocasião da Guerra do Paraguai.

Nas mesmas circunstâncias pelas quais José Teodoro de Souza tomou posse destas terras, João Antonio de Moraes e Francisco de Paula Moraes, os segundos possuidores das terras vertentes do Rio do Peixe, onde hoje se localizam o Município e a cidade de Marília, não constando informação alguma sobre se suas terras pertenciam ou não ao mineiro de Pouso Alegre.

Os Moraes dividiram a área em glebas, as quais foram vendidas a diversas pessoas.

A Enciclopédia Brasileira do Município (5) registra, como primeira propriedade organizada para a produção, a Fazenda das Piedades do Rio do Peixe, segundo escrituras lavradas em 25 de maio, 10 de julho e 4 de agosto de 1.882.

No plano governamental, as terras de Marília passaram a ser conhecidas quando, em 1.905, a Comissão Geográfica e Geológica do Estado fez um levantamento do Rio do Peixe, percorrendo uma extensão que vai do Ribeirão Alegre, a nordeste da atual zona urbana da cidade, até o Rio Paraná. Na nascente do ribeirão da Pomba, situada entre as ruas XV de Novembro, José de Anchieta, A raraquara e 24 de Dezembro, a comissão encontra um aldeamento de índios coroados ou Caingangos. Tal fato demonstra que, apesar dos registros de propriedades feitos pelos Piedade, as terras continuavam desabitadas pelos homens brancos.

Posteriormente, em 1.913, quando a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil atingia já a atual cidade de Cafelândia, na época denominada Presidente Pena, Cel. Antonio Carlos Ferraz de Sales abre, a mando do Governo do Estado, um "picadão" de 147 km., desde Cafelândia, ao norte de Marília, até Platina, situada ao sul.

Tudo leva a crer que a abertura desse "picadão" foi o



Notas:

- (1) Azevedo, Fernando de ; "In tren corre para o oeste", 2ª ed. vol.XII, São Paulo, Edições Melhoramentos, pg.75.
- (2) Azevedo, Fernando de ; op.cit., pg.70. O autor diz, ainda, à página 76, que, em 1935, foi aberta uma estrada ligando Araçatuba, Colonia Paulista e Penapolis à E.F. Sorocabana; e, em 1936, uma outra que ligava Colônia Paulista a Walparaíso.
- (3) Enciclopédia Brasileira dos Municípios (São Paulo), Rio, I.B.G.E., 1955, vol. XXXV, pg.70
- (4) Santos, Corcino Medeiros dos; "O Trabalho nas Frentes Pioneiras", separata dos Anais do VI Simpósio Nacional dos professores Universitários de História, São Paulo, 1973, pg.789
- (5) Enciclopédia Brasileira dos Municípios (São Paulo), Rio I.B.G.E., 1955, vol.XXXV, pg.71
- (6) Monbeig, Pierre, Algumas observações sobre Marília, cidade pioneira (Estado de São Paulo), in "Revista do Arquivo Municipal", col.XXVII, Prefeitura do Município de São Paulo, Departamento de Cultura, 1941, pg.224.
- (7) Monbieg, Pierre, op.cit.pg.224

O CRESCIMENTO E COMPOZIMENTO DA POPULAÇÃO

Como vimos, a ocupação do solo do município iniciou-se por volta de 1.915, com a cultura do café na Fazenda Cincinta tina.

Com a construção da estrada ligando o alto do espigão à estação de Piratininga, a população de Marília teve um crescimento rápido.

A procura de novas terras para o café, aliadas às ricas possibilidades das terras localizadas no espigão e mais a perspectiva de prolongamento dos trilhos da Paulista, fez com que afluísse para cá, um grande contingente de pessoas vindas das mais diversas regiões do país. Com a construção da ferrovia o aumento da população foi acelerado. Embora não haja dados concretos, a população do município é estimada em cerca de 45.000 habitantes (1), quando de sua emancipação política, o que nos mostra a intensidade com que se dava a ocupação do solo.

Pierre Monbeig afirma que, em 1.928, Marília contava já, com 623 casas na zona urbana. Em 1.929, o total de prédios somava 1.084, como o demonstra o quadro I.

O crescimento da cidade está estreitamente ligado à zona rural. Num primeiro momento temos a implantação dos grandes latifúndios para a cultura do café; coexistindo com os latifúndios temos as pequenas propriedades, ocupadas por aqueles que para aqui vieram com um pequeno capital, ou então pelos formadores de café, sem capital, e que, ao cabo de alguns anos recebiam lotes de terra em pagamento do trabalho, (2)

Num segundo momento, o número das pequenas propriedades aumenta, com a fragmentação das grandes glebas, motivada pela crise de super-produção de café em 1.929.

Com a crise desse ano, agravada pelas crises políticas de 1.930-32, o crescimento da cidade não sofreu solução de continuidade, embora tenha arrefecido. A economia do município

encontrou um derivativo na cotonicultura. Esta nova cultura teve um desenvolvimento rápido, por exigir "pouco capital, de produção anual e sem grandes exigências do solo", o que faz com que se caracterizasse como cultura de sitiantes.

O papel de centro comercial que Marília representava, como cidade de "ponta de trilhos", prejudicado pela crise de 1.929, foi renovado com o algodão, já que um número maior de pequenas propriedades levou uma circulação maior de capital e de pessoas.

O comércio se expande com a prosperidade da zona rural. Dirigem-se para a cidade não só portugueses, sírios (tradicionalmente ligados às atividades comerciais) como também aqueles lavradores que se arruinaram com a crise do café, ocasionando maior urbanização do município, como mostraremos quando da análise da distribuição da população.

População Regional E Sub-Regional

Embora a população do Município venha registrando, paulatinamente, acréscimos no total de habitantes, a sua participação, em termos regionais e do Estado, vem diminuindo, apresentando os seguintes índices de decréscimo, em relação à população do Estado: 1940/50 = -0,18%; 1950/1960 = -0,22% e 1960/1970 = -0,18% (quadro II).

Quanto à participação na Região (11ª Região Administrativa), apresenta decréscimos nas décadas de 1940/1950 = -1,44% e 1950/1960 = -1,29%. No entanto, na década de 1960/1970 apresentou um acréscimo de 1,89%. Este crescimento teve como causa a maior urbanização do Município, já que a população rural decresceu nesta década.

Tal crescimento de população ocorrido em Marília apresentou-se como um fato não verificado em toda a região, uma vez que os demais municípios da 11ª Região Administrativa sofreram um alto decréscimo em seus contingentes populacionais na mesma década.

Em relação aos Municípios com os quais se limita, Marília apresenta um maior índice de urbanização; logo em seguida, Pompéia, Vera Cruz, Getulina e Guaimbê, pela ordem decrescente da taxa de urbanização. Os demais municípios limítrofes apresentam índices iguais ou inferiores a 30% (quadro III)

A elevada taxa de urbanização de Marília, de per si e em comparação com os municípios vizinhos, pode ser explicada pelo movimento migratório para a zona urbana, não só da população rural do Município, como também de outros.

População Global

Embora, ao contrário da maioria dos municípios da 11ª Região Administrativa, Marília tenha apresentado um saldo positivo no comportamento da População Global, os índices de crescimento tem sido relativamente baixos.

Tomando 1940 como ano base de nossa análise, verificamos que na década 1940/1950, o índice de crescimento do período foi de 7,13. No período 1940/1960 verificou-se um índice de 12,06 e no período 1.940/1970, o índice foi 21,03.

Considerando-se os períodos decenais, o de 1940/1950, apresentou um índice de 7,13, com uma taxa anual de 0,71. Para 1950/1960, o índice foi de 4,65 (total) e 0,46 ao ano. O período de 1960/1970, teve um índice total de 7,98 e 0,80 ao ano.

Após ter caído de 7,13 na década de 1940/1950 para 4,65 na década de 1950/1960, tem um índice de 7,98 para 1960/70. Como se observa, este último período apresentou o maior índice de crescimento, com um acréscimo de 7.260 habitantes (quadro IV e V).

Crescimento Vegetativo e Componente Migratório

A análise do comportamento de uma população, para ser mais precisa, requer a consideração de duas variáveis assaz importantes: o crescimento vegetativo ou natural e a componente



migratória. Devem ser consideradas taxas brutas de natalidade e mortalidade por 1.000 habitantes, para se avaliar o crescimento vegetativo. Quanto à componente migratória, na falta de informações concretas, só podemos estabelecê-la a partir do confronto do saldo vegetativo e crescimento total da população, o que, evidentemente não nos permitiu avaliar a entrada de imigrantes e saída de emigrantes.

Para a análise do comportamento dessas duas variáveis, tomamos como base o ano de 1940, para o qual contamos com dados censitários. E uma vez que, apesar das falhas características dos recenseamentos, não podemos prescindir dos dados apresentados nesses levantamentos gerais da população, dividimos o período de 10 em 10 anos, coincidindo sempre com a data de realização dos censos.

A década de 1.940/1.950 apresentou um total de 21.602 nascimentos para 7.622 óbitos, com um saldo vegetativo de 13.900. O mesmo período, no entanto, apresentou um acréscimo real da população de apenas 5.780, pessoas, o que nos dá uma diferença entre saldo vegetativo e o crescimento real de 8.120. Este fato demonstra, embora não tenhamos elementos para estabelecer o fluxo migratório, que emigraram muito mais pessoas do que imigraram. A grosso modo, podemos afirmar que enquanto a zona urbana foi o centro de atração não só para a população rural de Marília, como também para as populações rurais e urbanas de outros municípios, a emigração da população rural de Marília foi em grande número, já que apresentou um índice de - 8,05%, para a década de 1.940/1.950, como o demonstra o quadro VI.

A década de 1950/1960 verificou um total de 41.438 nascimentos e 11.324 óbitos: a diferença entre o saldo vegetativo e o crescimento real de população foi de 19.794. Já a década de 1960/1970 apresentou um total de 36.489 nascimentos e 11.380 óbitos e a diferença entre o saldo vegetativo e o acréscimo real da população foi de 9.549.

Se acrescentarmos o total do saldo vegetativo de uma

década a população do início dessa mesma década (em termos percentuais), teremos a população e o crescimento hipotéticos na época dos Censos. Correlacionando este percentual, também, hipotético, com o percentual real de crescimento, podemos dimensionar o saldo migratório. Senão vejamos: a década de 1940/1950, que apresentou um acréscimo real de 7,13%, abstraindo o fluxo migratório (emigração e imigração), deveria ter apresentado um crescimento de 17,14%. Isto nos leva a concluir que o saldo migratório, nesse período, foi de - 10,01%. Na mesma linha de raciocínio, a década de 1950/1960 apresentou um saldo migratório de - 29,45% e a de 1960/1970, -21,27%, como podemos observar na tabela abaixo:

Período	Crescim. Verific. %	Crescim. Hipotét. %	Saldo Migratório %
1940/1950	7,13	17,14	-10,01
1950/1960	4,65	34,10	-29,45
1960/1970	7,98	29,25	-21,27

Se lembrarmos que a população global, no período de 1940/1970 cresceu apenas 21,03%, teremos uma imagem clara do fenômeno.

No decurso de apenas onze anos, Marília atingiu 81.064 habitantes, em razão do rápido desenvolvimento econômico da região, principalmente após a introdução da cotonicultura.

Após a 2ª Guerra Mundial, também esta cultura sofre um decréscimo contínuo (esse decréscimo será abordado, quando analisarmos o setor primário), o que leva a um esvaziamento da zona rural, enquanto ocorre o inverso com a zona urbana.

Embora o saldo vegetativo na década 1950/1960, tenha sido bastante elevado, isto não significa uma diminuição do fluxo migratório; ao contrário, esta década apresentou o maior índice, como vimos acima.



Apesar desses indicadores o crescimento global da população e maior taxa de urbanização indica que a cidade vem se afirmando, com relativa independência em relação à zona rural: de cidade dependente de uma economia essencialmente agrícola, passa a cidade com economia própria, embora a agricultura ainda re presente papel importante na economia mariliense.

Distribuição E Composição Da População

Conforme a importância de um setor econômico sôbre os demais, a população tende a se distribuir de forma diversa. Quando o setor primário predomina, e neste a agricultura, tem-se um maior contingente populacional na zona rural. À medida que há uma evolução da economia de setor primário para secundário e terciário, a população tende a um deslocamento para a zona urbana.

Na presente análise, abordaremos em primeiro lugar a densidade demográfica, ou seja, o número de habitantes por unidade de superfície (no caso, o Km²). Posteriormente procuraremos avaliar a população em termos de contingentes rurais e urbanos. Por último, a composição etária da população.

Densidade Demográfica

O crescimento da densidade demográfica, no Município se deve a dois fatores: diminuição da área total do Município e aumento do efetivo populacional. Em 1945, a área era de 1.346 Km²., com uma densidade de 60,91 hab/km². Em 1950, registrou-se uma área de 1.398 Km², com uma densidade de 64,42 hab/Km². e em 1955, a área do Município é de 1.469 Km², e uma densidade de 66,70 hab/Km². Em 1960, o Município vê sua área restringida para 1.194 Km², com a emancipação do distrito de Ocaçu. Nesse ano, registrou-se uma densidade de 76,12 hab/km².

Analisando o comportamento da densidade, de per si, observamos, apesar das alterações da área do Município, um contínuo crescimento. No período 1955/1960, verificamos a maior taxa



de crescimento: 9,42 hab/km² (quadro VII). Dada a variação da área há um crescimento irregular da densidade com altos e baixos. Isso é explicado pela contínua diminuição da população rural, embora a população urbana tenha aumentado.

Na presente análise, deveremos distinguir entre a densidade demográfica urbana e rural.

Dada a falta de elementos quanto à área da cidade, não é possível uma análise de evolução da densidade na zona urbana.

Para o ano de 1970, o perímetro urbano era de 12.088-km², o que dá uma densidade de 6.039 hab/km², na cidade e 18,74-hab/km², na zona rural.

População Urbana e Rural

Ao contrário da maioria dos municípios da Região, seguindo o exemplo das cidades industrializadas do país, Marília apresenta uma preponderância da população urbana sobre a rural.

Conforme se pode observar nos anexos 3, 8 e 9, registrou-se, de década em década, um aumento da população urbana, aumento esse cujo índice menor (35,32%) foi observado de 1940/50. Na década 1950/1960, a taxa foi de 41,66% e 1960/1970, registrou 40,9% de acréscimo.

Essa progressiva urbanização deveu-se ao declínio das atividades agrícolas, principalmente daquelas que demandam grande quantidade de mão de obra: algodão e café e a substituição dessas áreas pelas de pastagem. Ao lado disso observa-se um desenvolvimento da indústria na zona urbana.

Assim é que, para uma população urbana de 28.358 e rural de 52.706, em 1970 temos 75.902 habitantes na zona urbana e 22.212 na rural. Houve uma total inversão. (quadros VIII e IX)

Além da indústria, temos a instalação de uma série de equipamentos, tais como escolas, hospitais e estabelecimentos de serviços, que por si só provocam a urbanização.



Embora se verifique uma relativa expansão de certas culturas, tais como a do café e sericicultura, as quais ocupariam mais indivíduos, a tendência é o aumento da população urbana, não só porque a cidade já apresenta uma estrutura, no setor secundário e terciário, como também, pelo fato de Marília ter se tornado uma cidade administrativa, com a criação da 11ª Região Administrativa.

Composição Etária Da População

A análise da distribuição da população por idade de seus membros é dificultada pela carência de dados mais recisos. Assim, para o presente estudo, tomamos os índices percentuais por grupo etário para 1950 e 1960, os quais constam do Diagnóstico da 11ª R.A, e aplicamo-los sobre as populações urbana e rural, o que nos permite ter uma idéia aproximada da idade do contingente populacional. Para 1970, calculamos o índice de cada faixa etária sobre a população total, a partir dos dados censitários.

Tomando-se o quadro X, teremos uma visão algo distorcida da realidade, uma vez que os números absolutos apresentam um crescimento em certas faixas etárias, em relação às décadas anteriores. Esse estudo só é completo, tomando-se o QUADRO XI (índices percentuais), onde temos a participação dos grupos de idade sobre a população global.

A 1ª faixa etária (0 - 4 anos) decresceu, assim como as faixas de 20 -29 e 30 -39 anos, o que se pode explicar pela emigração, já que os jovens são os que vão procurar trabalho em outras localidades.

Enquanto, pela aplicação dos índices percentuais, é verificada uma expansão da população urbana, a população rural sofre uma redução violenta. Considerando a faixa de 15 a 69 anos - população economicamente ativa-, temos o seguinte: em 1950 26.720 pessoas; em 1960, 20.162 e em 1970, 12.201, para a população rural.

Podemos concluir, daí, que as atividades agrícolas são prejudicadas pelo decréscimo dessas faixas etárias. Por outro lado, não temos dados para estabelecer se a mão-de-obra está sendo substituída pela aplicação da tecnologia.



QUADRO I

Prédio Existente na Zona Urbana de Marília

Ano	Nºmero de Prédios
1929	1084
1930	1120
1931	1453
1932	1643
1933	1862
1934	2075
1935	2846
1936	3254
1937	3637
1938	4055
1939	4098
1940	4643
1950	7256
1960	12151
1970	17584

QUADRO II
População do Município- População Regional- População do Estado

Anos	População do Município	População Regional (11ª Região Administrativa)	População do Estado	Participação da População do Município sobre a Regional %	PM/PE %	PR/PE %
1.940	81.064	528.406	7.117.251	15,30	1,13	7,42
1.950	86.844	626.192	9.134.423	13,86(-1,44)	0,95(0,18)	6,85
1.960	90.884	705.862	12.931.313	12,57(-1,29)	0,73(0,22)	5,46
1.970	98.114	678.344	17.708.478	14,46(+1,89)	0,55(0,18)	3,83

FONTE: Censos Demográficos de 1.940, 1950, 1960, e Sinopse Preliminar do Censo Demográfico de 1970-São Paulo, Fundação IBGE-IBE e Diagnósticos da 11ª R.A. do Estado de São Paulo.

QUADRO III

População Sub-Regional (Município de Marília e limítrofes)

Municípios	População		Taxa de Urbanização
	TOTAL	URBANA	
Álvaro de Carvalho	4.194	1.146	27,32
Echaporã	7.780	2.401	30,86
Getulina	12.215	5.121	41,92
Guaimbê	5.057	1.312	35,83
Júlio Mesquita	4.702	1.176	25,01
Marília	98.114	75.902	77,36
Ocaçu	6.023	1.248	20,72
Oriente	8.833	2.115	23,94
Pompéia	18.021	9.671	53,60
Vera Cruz	11.792	5.804	49,22

FONTE: Sinopse Preliminar do Censo Demográfico-1970
São Paulo - Fundação IBGE - IBE.

QUADRO IVPopulação

População						
Anos	Total	%	Urbana	%	Rural	%
1940	81.064	100	28.358	34,98	52.706	65,02
1950	86.844	100	38.376	44,19	48.468	55,81
1960	90.884	100	54.178	59,61	36.706	40,39
1970	98.144	100	75.902	77,36	22.212	22,64

FONTE: Dados Absolutos: Censos Demográficos 1940, 1950
1960 e 1970 - Série Regional - São Paulo - Fundação IBGE - IBE.



QUADRO V

População Global

Anos	Habitant.	Índice Base Fixa	Acréscimo total	Índice Base Móvel	Acréscimo Parcial	Taxa de Crescimento		Acresc. de Ha- bitação Anual
						Do Período	Anual	
1940	81.064	100	--	100	--	--	--	--
1950	86.844	107,13	5.780	107,13	5.780	7,13	0,71	578
1960	90.884	112,06	9.820	104,65	4.040	4,65	0,46	404
1970	98.114	121,03	17.050	107,98	7.260	7,98	0,80	723

FONTE: Dados Absolutos: Censo Demográfico 1940, 1950, 1960 e 1970 - Série Regional -
São Paulo - Fundação IBGE - IBE.

QUADRO VI

Crescimento Vegetativo

ANOS	Natalida de - a *	Mortali- dade - b	Saldo-c	Aumento, Populaç.	C - D
1941/50	21.602	7.622	13.900	5.780	8.120
1951/60	41.438	11.824	29.614	9.820	19.794
1961/70	36.489	11.380	26.599	17.050	9.549

FONTE: Cartório do Registro Civil de Marília.

QUADRO VII

Densidade Demográfica

ANOS	HABITANTES	ÁREA Km ²	DENSIDA- DE DEMO- GRÁFICA	TAXA DE CRESCIMENTO	
				DO PERÍODO	ANUAL
1940	81.064	1.469	55,18	—	—
1945	81.982	1.398	58,64	3,46	0,69
1950	86.844	1.346	64,52	5,88	1,19
1955	97.893	1.346	72,72	8,20	1,64
1960	90.884	1.194	76,12	9,42	1,88
1965	92.659	1.194	77,60	1,48	0,30
1970	98.114	1.194	82,17	4,57	0,91

FONTE: Para os anos de 1940, 1950, 1960, e 1970, Censos Demográficos de São Paulo.

Para os anos inter-censitários, "Dados e Informes", (Monografia anual organizada pelo Núcleo de Coletas Estatísticas - Fundação I.B.G.E.)

QUADRO VIII

População Urbana

ANOS	Habitante	Índice Base Fixa	Acrésci- mo total	Índice de Base Mo- vel.	Acrésci- mo parci- al.	Taxa de Crescimento		Acréscimo de Habi- tantes A- nual
						do Período	Anual	
1940	28.358	100,00	—	100,00	—	—	—	—
1950	38.376	135,32	10.018	135,32	10.018	35,32	3,55	1.001
1960	54.178	191,05	25.820	141,66	15.802	91,05	9,10	1.580
1970	75.902	267,65	47.544	140,90	21.724	167,65	16,76	2.172

FONTE: Dados Absolutos: Censos Demográficos 1940, 1950, 1960 e 1970 - Série Regional -
São Paulo - Fundação I.B.G.E. - I.B.E.

QUADRO IX

População Rural

ANOS	Habitantes	Índice Base Fixa	Acréscimo total	Índice Base Móvel	Acréscimo parcial	Taxa de Crescimento		Acréscimo de Habitantes Anual
						Do Período	Anual	
1940	52.706	100,00	—	100,00	—	—	—	—
1950	48.468	91,95	- 4.238	91,95	- 4.238	- 8,05	- 0,80	- 423
1960	36.706	69,64	-16.000	75,73	-11.762	-16,22	- 1,62	-1.176
1970	22.212	42,14	-30.494	60,51	-14.494	-15,22	- 1,52	-1.449

FONTE: Dados Absolutos - Censo Demográfico - 1940, 1950, 1960 e 1970 - Série Regional - São Paulo - Fundação I.D.G.E. - I.D.E.

QUADRO X

Composição Etária da População

GRUPOS ETÁRIOS	1950		1960		1970	
	urbana	rural	urbana	rural	urbana	rural
0 - 4	6,635	8,375	8,630	5,847	12,091	3,538
5 - 9	5,415	6,839	8,116	5,499	11,370	3,327
10 - 14	4,693	5,928	6,849	4,640	9,594	2,808
15 - 19	4,102	5,181	5,667	3,839	7,939	2,323
20 - 29	6,719	8,487	8,912	6,038	12,486	3,654
30 - 39	4,655	5,879	6,442	4,361	9,025	2,641
40 - 49	3,081	3,892	4,481	3,038	6,278	1,837
50 - 59	1,723	2,176	2,735	1,854	3,833	1,122
60 - 69	875	1,105	1,522	1,031	2,133	624
70 - 79	318	402	563	382	789	231
80 - +	107	136	195	132	273	80
ignorada	53	68	65	44	91	27
TOTAL	38.376	48.468	54,178	36.706	75.902	22.212

1950 - 26.720

1960 - 20.162

1970 - 12.201



QUADRO XI

Composição Etária da população (em valores percentuais)

GRUPOS ETÁRICOS	1950	1960	1970
0 — 4	17,21	15,93	12,33
5 — 9	14,11	14,98	13,36
10 — 14	12,23	12,64	12,87
15 — 19	10,69	10,46	11,56
20 — 29	17,51	16,45	9,13
30 — 39	12,13	11,89	6,90
40 — 49	8,03	8,27	11,87
50 — 59	4,49	5,05	9,74
60 — 69	2,23	2,81	6,40
70 — 79	0,83	1,04	3,69
80 — +	0,23	0,36	2,07
Ignorada	0,14	0,12	0,08
TOTAL	100	100	100

FONTE: Estatísticas Oficiais — IBGE, in Diagnóstico da 11ª Região Administrativa do Estado.

NOTAS

- (1) Devenos salientar que, em 1928, o Município de Marília abrangia os atuais Municípios de Vera Cruz, Oriente, Quintana, Herculândia, Varpa, Ocaçu, e parte de Queiróz.
- (2) Santos, Corcino Hodeiros dos; op.cit. pg.803, nota de rodapé nº 40

SETOR PRIMÁRIO

O setor primário em Marília, apesar do desenvolvimento industrial verificado, desempenha ainda um grande papel na economia do Município.

Assim é que a sua análise se impõe para um tipo de estudo como o presente que visa caracterizar a infra-estrutura sócio-econômica do Município.

Não foi nessa preocupação estabelecer projeções a partir de tendências de comportamento. Mas constatar a realidade existente e destacar aqueles aspectos que dizem respeito ao escopo do estudo, no que se refere ao "problema social". Nesse sentido, as consultas feitas a determinados estudos, tais como DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA PAULISTA (1) e DIAGNÓSTICO DA 11ª REGIÃO ADMINISTRATIVA (2), foram feitas com o objetivo de procurar uma orientação metodológica para a organização e apresentação do estudo e não, propriamente, uma preocupação teórica.

Utilização do Solo

Como se pode observar no quadro I, o setor agrícola ocupava em 1971 a maior área de solo produtivo: 55.616 has., o que representa 46,58% da área do município. Em segundo plano, está a pecuária com 45.491 has. de pastos e um percentual de 38,10%.

A área de agricultura está subdividida em: áreas de culturas anuais — 40.670 has. (34,07% da área total do município) e áreas de culturas permanentes — 14.511 has. (12,15%).

Observamos ainda que, em relação ao ano de 1960, em 1971, as culturas anuais tiveram um decréscimo de 1,67% o que não representa um fato de relevância já que é um percentual irrisório.

Com o desmatamento contínuo das terras do Município, em 1971 havia apenas 2.000 has. de matas naturais. Por outro la



do, observamos no decênio um aumento substancial da área reflorestada: de 554 has. em 1960 para 7.000 has. em 1971.

Com o ressurgimento ainda incipiente da sericicultura, lavoura que representou papel de certa importância na economia do Município, na década de 1940, registramos em 1971, 435 has. (0,37%) de área ocupada pelas amoreiras.

Como vemos, há um equilíbrio entre as atividades agrícolas e pecuárias, em termos de área, equilíbrio já verificável para o ano de 1960.

Segundo a metodologia adotada no estudo "Desenvolvimento da Agricultura Paulista" - produtos agrícolas por grupo de tecnificação (3), observa-se que o setor moderno ocupa a menor área (3.094 has. colhidos em 1971), enquanto o setor tradicional vem em 2º lugar (5.200 has. colhidos em 1971).

A maior área é ocupada com os produtos do grupo em transição: 67.200 ha.colhidos, como se observa no quadro II.

Estrutura Fundiária

Para a análise da estrutura fundiária do Município foram consultados o Censo Agrícola do I.B.G.E., de 1960 e Cadastro de Imóveis Rurais do INCRA (antigo IBRA), de 1970.

Adotamos também o conceito de módulo rural médio, apresentado no "Diagnóstico da 11ª R.A. e que foi estabelecido pelo INCRA, a partir de vários indicadores, tais como: tipo de exploração, distância do mercado, investimento nos imóveis, infra-estrutura municipal, nível de tecnologia, etc. Assim é que aquele órgão estabeleceu, para a Sub-Região de Marília (Municípios de Marília, Álvaro de Carvalho, Alvinlândia, Echaporã, Gália, Garça, Lupércio, Ocaçu, Oriente, Oscar Bressane, Pompeia, Quintana e Vera Cruz), o módulo de 39,6% has. ou seja, "a menor unidade de área que, conduzida por uma família de 6 membros, seja levado a efeito determinado tipo de exploração agrícola, possibilitando bem estar econômico e social que nela trabalham" (4).



Quanto à posse e uso da terra, por carência de dados e informações sobre o número de arrendatários, porcenteiros, etc, torna-se impossível a análise.

A) Área Total e Área Cadastrada

A área total do Município de Marília soma 119.400 ha.

Comparando-se a área real com a área cadastrada, verificamos que esta, em 1960, atingia apenas 91,29% da área total, enquanto em 1970 atingia 95,03%, como se observa na tabela abaixo:

ÁREA TOTAL - ha.	ÁREA CADASTRADA		RELAÇÃO ÁREA CADASTRADA / ÁREA TOTAL	
	1 9 6 0	1 9 7 0	1 9 6 0	1 9 7 0
119.400	108.996	113.475,7	91,28	95,04

B) Estratificação dos Imóveis Rurais

Em Marília, em que pese o não declínio do papel exercido pela agricultura na economia do Município, está se processando a concentração da propriedade agrícola.

Conforme Milliet (5), havia, em 1935, 4.204 propriedades agrícolas, no Município, das quais 3.023 no estrato de até 10 ha.; em 1970, o INCRA registrou 1.336 imóveis.

Esta concentração está ocorrendo em detrimento dos imóveis com área próxima ao módulo rural médio (39,6 has.) estabelecido pelo INCRA, como o demonstra o quadro anexo III.

Para 196 propriedades com área superior a 50 has., em 1935, temos, em 1970, 320 propriedades (6).

Em 1960, os imóveis no estrato de 20 a 50 has. representavam o maior número de propriedades rurais: 578, significando 33,31% da soma dos imóveis, totalizando uma área de 18.135ha. Se em 1970, este estrato de área ainda detém o maior número de

propriedades - 399 -, uma área total, entretanto, decresceu para 12.730 has. e sua participação no conjunto de imóveis baixou para 29,87% (quadro IV).

Excluindo os imóveis de até 2 has., os quais podem ser considerados lotes urbanos ou suburbanos (7) (Em 1960 = 110, com 170 has. de área e, em 1970 = 43, com 49 has. de área), havia 679 e 574 estabelecimentos agrícolas com área inferior a 20 has, em 1960 e 1970, respectivamente.

Se lembrarmos que, em 1960, havia apenas 136 imóveis com área superior a 100 has., e, em 1970, apenas 190, tais fatos demonstram a existência, em grande escala, de minifúndios insuficientes para o sustento de famílias de agricultores, já que esses imóveis têm uma área inferior à do módulo rural médio considerado. Esta situação persiste em 1970.

Os estabelecimentos na faixa de 50 a 500 has. somavam 332 (19,14%) com 33.362 has. de área (30,61%). Para 1970, este quadro praticamente não se altera (quadro V).

A maior concentração de área se verifica nos estabelecimentos de área igual ou superior a 500 has.: 36 e 47, respectivamente para 1960 e 1970. Cabe salientar que em 1960 representavam 2,07% do total de estabelecimentos e 43,58% da área; em 1970, representavam 3,52% e 47,83%, respectivamente para o total de imóveis e total de área.

Os decréscimos ocorreram nos estratos de 5 a 50 has. e de 50 a 500 has, tanto no número quanto na área total dos imóveis, enquanto o estrato de 500 e mais hectares, apresentou acréscimos, o que vem corroborar o que afirmamos acima sobre a concentração de propriedades. Entretanto, o primeiro e terceiro estratos apresentaram decréscimos na área média, o que não ocorreu com o segundo.

Estes fatos estão diretamente relacionados com o decréscimo da população rural - da ordem de 39,49%, da década de 1960/1970, em Marília.



Apesar do êxodo rural, as atividades agrícolas não sofreram uma alteração profunda, pois, se, quanto à área, sofreram redução nos anos de 1967 a 1970, em 1971 a área cultivada aumentou.

Estas variações dependeram mais do comportamento do mercado de produtos agrícolas, do que de uma mudança quanto ao tipo de atividade econômica.

Estes fatos indicam uma maior aplicação de tecnologia.

C) Área Explorada

Da área total cadastrada pelo INCRA em 1970, apenas 73,53% eram explorados. (quadro VI)

Os imóveis com maior porcentagem de exploração está na faixa de 10 a 20 has., (77,40%); vem logo a seguir os situados na faixa de 200 a 500 has., (77,05%).

De uma forma geral os imóveis com área igual ou superior a 50 has. apresentam um índice de exploração, acima de 70% exceto os situados na faixa de 2.000 a 5.000 has. (69,08%).

Apenas uma propriedade, na faixa de 2.000 a 5.000 ha é totalmente inexplorada (3.005,3 has), constituindo, portanto um latifúndio. As demais são exploradas em larga escala, seja com atividades agrícolas, seja com pecuária.

D) Evolução Da Área Colhida

Quanto a área colhida, verificamos que, com exceção do ano de 1966, os demais apresentaram decréscimos no total da área, em relação a 1960, sendo que 1968 apresentou o maior índice de decréscimo (quadro VII).

Considerando os índices de base móvel, verificamos que os anos de 1969 e 1971, apresentaram maiores acréscimos em relação ao ano anterior, sendo o de 1971 de maior expressão, com um crescimento de 39,54% em relação a 1970, e que vai re-

fletir sensivelmente não só no volume, como no valor da produção para o último ano do período.

Os quadros VIII e IX demonstram que a maior porcentagem da área, em todo o período considerado, é ocupada pelos produtos oleaginosos, explicável pela qualidade do terreno; além do que a produção de oleaginosos é responsável pelo grande número de indústrias de óleo instaladas no Município e região(8).

Alternando os valores dos percentuais, vêm a seguir, os cereais e os agro-industriais.

Os tubérculos e raízes (representados unicamente pela mandioca) e as frutas tem uma participação pouco expressiva no quantum da área plantada; estas últimas constituem uma atividade econômica incipiente na região.

Se tomarmos os produtos por grupo de tecnificação segundo o "Desenvolvimento da Agricultura Paulista", verificamos que, de 1966 a 1971, os do grupo "em transição" ocupam a maior área, nunca inferior a 80% em todo o período; enquanto o grupo "tradicional", após um crescimento até 1968, vem decrescendo paulatinamente. Já o grupo "moderno" apresenta uma oscilação, em função dos acréscimos e decréscimos de área ocupada pelo algodão e pela melancia (quadro X).

E) Evolução E Composição do Valor da Produção

Como se pode observar no quadro XI, apenas o ano de 1967 apresentou decréscimo no valor total da produção: 36,59%; os demais anos apresentaram crescimento, devendo destacar-se o ano de 1971, que apresentou um acréscimo de 228,75%, em relação no início do período estudado. O quadro XII nos dá a idéia da evolução do valor da produção, a partir de 1945.

Tomando os índices de base móvel, verificamos que, com exceção do ano de 1967, os demais apresentaram saldos positivos em relação ao ano anterior, particularmente 1971: 82,13% de acréscimo sobre 1970,

Quanto à composição do Valor da Produção (quadros XIII, XIV, XV e XVI), considerando os produtos segundo a classificação adotada pelo Diagnóstico da 11ª Região Administrativa, no ano de 1966 os "oleoginosos" detinham o maior percentual, vindo a seguir, os "agro-industriais". No entanto, em 1967, a posição se inverte, passando os "agro-industriais" a deter o maior percentual. Explica-se tal fato pela queda violenta do principal "oleaginoso" produzido no Município: o amendoim que, de 52.497.400 kg. produzidos em 1966, cai para 8.754.410 kg. em 1967.

Esta situação permanece até o final do período.

Quanto aos "cereais", durante todo o período, mantêm a terceira posição, com excessão de 1971, quando passam para a quarta posição.

Quanto às frutas e aos tubérculos e raízes, mantêm sempre a mesma posição, aqueles em sexto lugar e êstes em último.

Por outro lado, os percentuais de participação apresentam oscilações durante o período, em decorrência do comportamento de cada cultura em particular, o que dá uma idéia da insegurança na agricultura, mormente em se considerando o mecanismo do preço.

Se considerarmos os produtos por grupo de tecnificação, vamos constatar que os do grupo "em transição" detém o maior percentual durante todo o período, apesar das oscilações verificadas.

Já os do grupo "tradicional" detiveram maior percentual em relação aos do grupo "moderno" até 1967, quando a posição se inverte.

A primeira vista, queremos crer que a economia agropecuária do Município tende a evoluir no sentido do grupo "moderno" de tecnificação.

Principais Produtos Agrícolas

CAFÉ

Marília, como vimos, surgiu sob a égide do café.

Apesar das crises de 1929 e 1930-32, a produção do café não decresceu. Já, em 1935 (9), Marília produz 734.400 arrobas.

A partir desse ano até 1956, o volume da produção sofreu decréscimo contínuos, embora o número de cafeeiros tenha permanecido praticamente o mesmo, como o demonstra o quadro XV. Até 1959 a produção aumenta, para novamente atingir a menor baixa em 1966, com apenas 759.510 arrobas colhidas.

Podemos afirmar que, apesar das oscilações, o café é uma cultura bastante sólida no Município, detentor, inclusive, do maior valor de produção.

Os decréscimos no total da produção, a partir de 1959 até 1966, deve-se à erradicação dos cafeeiros levada a efeito pelos cafeicultores, com o patrocínio do Governo Federal. Observando no quadro XVI, a coluna de "pés novos" concluímos que a erradicação só atingiu os cafeeiros velhos.

ALGODÃO

O algodão, cultura introduzida em Marília, após 1932, com a proibição pelo Governo Federal, de novas plantações de café, atinge o seu período áureo no biênio 1937/38 (quadro XVIII). Após 1945, ano em que apresenta uma produção de 1.400.000 arrobas, sua produção vem caindo continuamente, atingindo um total de 6.800 arrobas em 1971, para uma área de apenas 170 has.

O algodão trouxe para Marília, em 1938, duas grandes indústrias: SANBRA e ANDERSON CLAYTON. Hoje, praticamente sua cultura emigrou de Marília, com ela, as indústrias algodoeiras.

Marília, que contava em 1929, com uma agência bancária, para contar também "com a Sociedade Colonizadora do Brasil" (BRATAC). Esta sociedade não só orientou a imigração dos japoneses para Marília, como também foi a intermediária entre

os capitalistas e industriais do Japão e os imigrantes. Esses capitalistas e industriais financiam as lavouras do algodão.

Essa cultura, que se desenvolveu com o elemento nipônico, que se adaptava bem à nova cultura, sofreu um declínio paulatino, com a 2ª Guerra Mundial, já que o Japão era não só o fomentador da cotonicultura como também o seu principal comprador.

AMENDOIM

Coincidindo com o declínio da cultura do algodão, o amendoim sofreu uma expansão rápida: de 487.500 Kgs. produzidos em 1945, atinge 771.089.920 Kgs. em 1962 (quadro XIX). E ainda hoje, embora a sua produção tenha decrescido, representa um elemento importante na economia do Município, perfazendo, em 1971, 44.200 ha. de área colhida, constituindo a principal cultura quanto à área. Quanto ao valor global da produção só é suplantado pelo café.

Pelo papel desempenhado na economia Municipal e, principalmente, por ser uma cultura que demanda mão de obra em larga escala, cabe aqui uma análise mais detida sobre o amendoim.

De 1962 a 1970, a área plantada sofreu decréscimo de certa monta, como se pode verificar no quadro XIX. Em 1968, esse decréscimo foi de maior vulto. A partir de 1969, a área plantada registrou acréscimos, que no entanto foram mínimos, com exceção de 1971, ano em que a área aumentou cerca de 237,89%, em relação a 1970, só suplantada pelo ano de 1962, em que se verificou a maior área colhida.

Pode-se aventar como explicação para o fenômeno o comportamento do preço médio ao produtor que, embora tenha aumentado durante o período, nunca o foi em termos compensadores para o custo de produção; em 1971, o preço médio apresentou uma elevação de 92,30% em relação a 1970, o que provavelmente influenciou no aumento da área plantada e consequentemente no valor total da produção.

Essa cultura é profundamente dependente do comportamento dos preços.

Com excessão do ano de 1967, em que houve uma queda ponderável tanto na área plantada quanto no valor total da produção, nos demais anos esta última variável apresentou saldos positivos, em função da variável preço médio, embora, como ficou dito acima, êste não se tenha apresentado como compensador face ao custo de produção.



QUADRO I

Uso do Solo

1960/1971

Atividade	1 9 6 0		1 9 7 1	
	ha.	%	ha.	%
Culturas anuais	42.674	35,74	40.670	34,07
Culturas Permanentes	18.638	15,61	14.511	12,15
Matas Naturais	7.393	6,19	2.000	1,67
Área Reflorestada	554	0,46	7.000	5,86
Sericicultura	-	-	435	0,37
Pastagens	42.347	35,47	45.491	38,10
Outros	7.794	6,53	9.293	7,78
TOTAL	119.400	100	119.400	100

FONTES dos dados brutos: Dados e Informes (Monografia anual organizada pelo Núcleo de Coleta Estatística de Marília - Fundação I.B.G.E.)

QUADRO II

Área Colhida por Grupo de Tecnificação

Ano: 1971

Grupos de Tecnificação	Produtos	Área Colhida em 1.971. (ha)
Moderno	Algodão	170
	Laranja	77
	Tangerina	35
	Limão	12
	Melância	2.800
	TOTAL	3.094
Em Transição	Café	14.000
	Milho	8.400
	Amendoim	44.200
	Mandioca	600
	TOTAL	67.200
Tradicional (1)	Arroz	1.500
	Feijão	2.700
	Mamona	1.000
	TOTAL	5.200
	TOTAL GERAL	75.494

FONTE dos dados brutos: Dados e Informes (Monografia anual organizada pelo Núcleo de Coleta Estatística de Marília - Fundação I.B.G.E.)

(1) Foram excluídos 45.491 has. de pastagens.

QUADRO III

Imóveis Rurais Segundo os Estratos de Área

Período: 1954... 1970

Estrato de área	1954	1956	1960	1961	1963	1970
até 2	199	103	126	113	85	43
2 a -5	393	91	94	85	85	86
5 a -10	529	158	145	137	135	120
10 a -20	357	466	420	385	373	368
20 a -50	272	656	578	542	532	399
50 a -100	106	181	182	178	173	130
100 a -200	48	104	102	99	93	88
200 a -500	51	49	48	52	50	55
500 a -1000	15	27	26	27	29	32
1000 a -2000	6	11	12	12	9	9
2000 a -5000	1	2	2	2	3	6
TOTAL	1.977	1.848	1.735	1.632	1.567	1.336

FONTE: 1) Para os anos de 1960 e 1970: Censo Agrícola Estado de São Paulo -- Fundação I.B.G.E.

2) Para os anos inter-censitários: "Dados e Informes" (Monografia anual organizada pelo núcleo de Coleta Estatística de Marília, Fundação I.B.G.E.)

QUADRO IV-A

Imóveis Rurais Segundo os Estratos de Área

Ano 1960

Classes de Área (ha.)	Total de Imóveis	Área Total	Índices (%)	
			Imóveis	Áreas
- 1	18	16	1,04	0,01
1 a -2	92	154	5,30	0,14
2 a -5	94	413	5,42	0,38
5 a -10	165	1,157	9,51	1,06
10 a -20	420	8,260	24,21	7,58
20 a -50	578	13,135	33,31	16,64
50 a -100	182	7,475	10,49	6,86
100 a -200	102	11,411	5,88	10,47
200 a -500	48	14,476	2,77	13,28
500 a -1000	26	22,202	1,50	20,37
1000 a -2000	7	11,093	0,40	10,18
2000 a 5000	3	14,204	0,17	13,03
TOTAL	1.735	108.996	100	100

FONTE dos dados brutos: Censo Agrícola de 1960. -- Estado de
São Paulo - Fundação I.B.G.E.



QUADRO IV-B

Imóveis Rurais Segundo os Estratos de Área

Ano 1970

Classes de Área	Total de Imóveis	Área Total	Índices (%)	
			Imóveis	Área
-1	15	11	1,12	0,01
1 a -2	23	33	2,09	0,03
2 a -5	86	317	6,44	0,28
5 a -10	120	936	8,98	0,82
10 a -20	368	5.643	27,54	4,98
20 a -50	399	12.730	29,87	11,22
50 a -100	130	9.948	9,73	8,77
100 a -200	88	12.187	6,59	10,74
200 a -500	55	17.390	4,12	15,32
500 a -1000	32	21.274	2,40	13,75
1000 a -2000	9	13.765	0,67	12,13
2000 a 5000	6	19.231	0,45	16,95
TOTAL	1.336	113.475	100	100

FONTE dos dados brutos: Censo Agrícola de 1970-Estado de
São Paulo, Fundação I.B.G.E.

NOTAS

- (1) Desenvolvimento da Agricultura Paulista - I.E.A., Sec: da Agricultura, março de 1.971
- (2) Diagnóstico da 11ª Região Administrativa, Secretaria de Economia e Planejamento, Coordenadoria de ação regional.
- (3) Desenvolvimento da Agricultura Paulista - I.E.A., Sec. da Agricultura, março de 1.971, pg.3
- (4) op cit, vol I, pg.97
- (5) Milliet, Sergio, Roteiro do Café, Bispa Editora, São Paulo, 1946, p.52
- (6) Isto indica uma forte concentração de propriedades, já que, em 1935, Marília abrangia todo o território dos atuais municípios de Vera Cruz, Oriente, Pompeia, Quintana, Herculândia, Varpa e Ocaçu.
- (7) A Prefeitura Municipal, até que um loteamento não seja reconhecido por lei, cobra impostos territoriais, clas-sificando, portanto, tais imóveis como rurais.
- (8) Diagnóstico da 11ª Região Administrativa Vol.I p.59
- (9) Milliet, Sergio, op cit, pg.65.



PECUÁRIA

Evolução das Pastagens

De 1950 a 1959, a área de pastagens, no Município, apresentou um crescimento contínuo; a partir desse ano até 1964.

No período de 1950 a 1971, a área de pastagens apresentou índices de crescimento até 1959; a partir desse ano até 1964, os decréscimos foram contínuos. Em 1965 e 1966, a área aumentou, para, em 1967, retornar o processo de decréscimo que vai até 1970, ocorrendo um novo aumento de hectares em 1.971.

Já no ano de 1967, embora tenha apresentado um índice de crescimento de 2,73% em relação a 1964, em relação a 1966 apresentou um índice de decréscimo da ordem de 14,39%. Essa tendência atinge também o ano de 1968, quando o decréscimo foi de 7,65% em relação a 1967. (quadro I).

A partir de 1969, a tendência se inverte, quando a área já, neste ano, apresenta um saldo positivo de 1,92% em relação a 1968, embora se verifique, ainda, um saldo negativo de 0,45% em relação ao início do período considerado.

Entretanto, em 1970, o total da área cai novamente :- 7,07% de decréscimo em relação a 1964, e 6,93% em relação a 1969.

Já em 1971, observamos um novo crescimento, da ordem de 26,87% em relação a 1964 e 36,52% em relação a 1970.

Por outro lado, fácil é constatar que, embora o processo de evolução da pastagem tenha apresentado uma oscilação no período em pauta, esta oscilação nunca atingiu 10% de índice negativo. O que indica não estar ocorrendo um processo de substituição das culturas pela pecuária, uma vez que, de 1950 a 1971, o aumento do rebanho bovino só ultrapassou a casa dos 30%, em 1.958 (quadro II). Se considerarmos os índices de base variável, apenas o ano de 1.971 apresentou um crescimento superior a 30% em relação ao ano anterior.

Efetivo e Valor do Rebanho

A) Bovino

A bovinocultura representa, na pecuária de Marília, a atividade de maior expressão, não só em função da área, como também do valor do rebanho.

Considerando o período de 1950 a 1971, o efetivo do rebanho bovino apresentou um crescimento contínuo até 1958; a partir desse ano, sofreu um processo de altos e baixos, sem, entretanto, nunca atingir um quantum inferior ao do início do período (quadro II). Cabe lembrar aqui que os dados correspondem ao efetivo do rebanho em 31 de dezembro de cada ano, sendo impossível determinar o fluxo de entrada e saída, durante o ano.

Se tomarmos o índice de evolução do valor do rebanho, podemos verificar que o crescimento tem sido contínuo, atingindo, em 1971, um índice de 6.173%, em relação a 1960, embora, de ano em ano tenha apresentado oscilações (quadro III).

Devemos considerar, ainda que o valor do rebanho depende de duas variáveis: 1) o número de cabeças; e 2) preço médio por cabeça. Quanto à 1ª variável, sua influência foi inconstante, já que apresentou altos e baixos. Resta-nos atribuir a maior parte da influência ao preço médio, como se pode verificar pelos índices de base fixa. Não podemos determinar com exatidão sua influência, uma vez que depende da idade das reses.

B) Outros Rebanhos

Os demais rebanhos existentes são de pouca expressão no conjunto da economia do Município.

Quanto ao valor do rebanho, o quadro IV (coluna Rb/ouros) nos mostra a relação entre o rebanho bovino e outros. Dentre estes, merece destaque o rebanho avícola.

Produtos de Origem Animal

Quanto aos produtos de origem animal, merecem análise



apenas o leite "in natura" e ovos, porque outros têm uma produção inexpressiva, como a cera e o mel de abelha, ou então não são produzidos.

A) Leite

Apesar da oscilação verificada no período de 1950/71, a produção do leite se mantém com uma relativa constância (quadro VI).

Quanto ao valor da produção, os índices demonstram um crescimento ponderável, no entanto, dada a oscilação na quantidade produzida, podemos constatar que êsse crescimento é função do preço médio por litro, pago ao produtor.

Apenas o ano de 1968 registrou um decréscimo de 7,61% em relação ao ano anterior.

B) Ovos de Galinha

A avicultura vem registrando um processo de evolução positiva, como demonstra o quadro VII: de 580.000 dúzias produzidas em 1950 atingiu 2.583.231 dúzias, em 1969, ano de maior produção em todo o período. Por conseguinte, o valor global da produção registrou altos índices de crescimento.

Entretanto, o crescimento do valor global de produção dependeu não só do aumento da quantidade produzida, mas também do preço médio pago ao produtor. Por essa razão, no ano de 1971 embora a produção tenha registrado um decréscimo de 315.246 dúzias, o valor global, em relação a 1970, cresceu 10,12%.

Em Marília, assim como em toda a região, estão se desenvolvendo as atividades granjeiras, o que possibilitará a implantação de uma série de indústrias relacionadas com a avicultura, tais como de adubos, de ração, etc.

QUADRO I

Evolução da Pastagem
Período 1964/1971

ANOS	ÁREA (ha)	ÍNDICE DE EVOLUÇÃO	
		Base Fixa	Base Variável
1950	35.656	100	-
1951	40.737	111	111
1952	41.360	116	102
1953	42.119	118	102
1954	42.877	120	102
1955	43.106	121	101
1956	43.811	123	102
1957	44.024	124	101
1958	46.877	131	106
1959	44.016	123	94
1960	42.347	119	96
1961	36.557	103	86
1962	38.844	100	106
1963	37.213	104	96
1964	35.854	101	96
1965	40.876	115	114
1966	42.792	120	105
1967	36.834	103	86
1968	35.017	98	95
1969	35.692	100	102
1970	33.320	93	93
1971	45.491	127	137

FONTE: "Dados e Informes" (Monografia anual organizada pelo Núcleo de Coleta Estatística - Fundação I.B.G.E.)

QUADRO II

Gado Bovino

Período: 1950/1972

Anos	Rebanho Efetivo em 31/12	Base Fixa	Base Variável
1950	36.000	100	
1951	42.000	117	117
1952	43.100	120	102
1953	44.106	123	102
1954	45.100	125	102
1955	45.350	126	100
1956	46.240	128	102
1957	46.510	129	101
1958	49.870	138	107
1959	46.320	128	93
1960	42.700	118	92
1961	36.300	101	85
1962	36.600	101	101
1963	37.000	103	101
1964	37.500	104	101
1965	42.800	119	114
1966	45.100	125	105
1967	40.100	113	89
1968	37.812	105	94
1969	38.921	108	103
1970	36.133	100	93
1971	45.491	126	136

FONTE IBGE

QUADRO III

Borinos (Rebanho existente em 31/12)

ANOS	EFETIVOS DO REBANHO	VALOR DO REBANHO (Cr\$ 1.000,00)	ÍNDICE DE CRESCIMENTO VALOR	
			Base Fixa	Base Móvel
1950	36.000	32	7	-
1951	42.000	40	9	125
1952	43.100	56	13	140
1953	44.106	59	14	105
1954	45.100	86	20	146
1955	45.350	100	23	116
1956	46.240	106	25	106
1957	46.610	117	27	110
1958	49.870	247	58	211
1959	46.320	315	74	127
1960	42.700	427	100	136
1961	36.300	545	128	128
1962	36.600	732	171	134
1963	37.000	1.184	277	162
1964	37.500	2.750	644	232
1965	42.800	5.436	1284	199
1966	45.100	10.093	2363	184
1967	40.100	8.439	1976	83
1968	37.812	8.446	1978	101
1969	38.921	9.942	2328	118
1970	36.133	14.516	3399	146
1971	45.491	26.360	6173	182

FONTE: "Dados e Informes" (Monografia anual organizada pelo Núcleo de Coleta Estatística - Fundação I.B.G.E.)

QUADRO IV

Valor Global do Rebanho, a Preços Correntes

Período: 1960/1971

(Cr\$ 1000)

ANOS	BOVINOS	OUTROS(1)	TOTAL	RB/Outros
1.960	427	39	466	10,95
1.961	545	179	724	3,04
1.962	732	203	935	3,60
1.963	1184	266	1450	4,45
1.964	2750	1109	3859	2,48
1.965	5486	2423	7909	2,26
1.966	10093	2709	12802	3,73
1.967	8439	2218	10657	3,30
1.968	8446	2268	10714	3,72
1.969	9942	2938	12880	3,38
1.970	14516	4219	18735	3,44
1.971	26360	3106	29466	8,46

FONTE: "Dados e Informes" (Monografias anual organizada pelo Núcleo de Coleta Estatística - Fundação I.B.G.E.)

1) Equinos, Suínos, Muares, Aves, Ovinos e Caprinos

QUADRO V

Outros Rebanhos

1971

ESPECIFICAÇÃO	EFFETIVO DO REBANHO
Aves	248.100
Suínos	4.089
Equinos	2.588
Asininos	12
Íuares	1.648
Ovinos	531
Caprinos	210

FONTE: "Dados e Informes" (Monografia anual organizado pelo Núcleo de Coleta Estatística - Fundação I.B.G.E.)

QUADRO VI

Produção do Leite "In Natura".

Período 1950/1971

ANO	QUANTIDADE PRODUZIDA 1.000 l.	VALOR DA PRODUÇÃO Cr\$ 1.000
1.950	1.864	3
1.951	1.502	2
1.952	3.650	11
1.953	3.682	12
1.954	3.500	14
1.955	3.610	18
1.956	3.713	22
1.957	3.748	24
1.958	3.946	37
1.959	4.385	48
1.960	4.615	69
1.961	3.267	65
1.962	3.235	82
1.963	3.385	135
1.964	3.464	242
1.965	4.816	385
1.966	5.050	808
1.967	4.834	822
1.968	4.218	759
1.969	4.509	992
1.970	3.668	1.247
1.971	4.951	1.377

FONTE: "Dados e Informes" (Monografia anual organizada pelo Núcleo de Contabilidade Estatística - Fundação I.B.G.E)



QUADRO VII

Produção De Ovos De Galinha

Período 1950/1971

ANOS	PRODUÇÃO		VALOR DA PRODUÇÃO
	Dúzias	Índice de Crescimento	
1.950	580.000	100,0	3
1.951	500.000	86,2	4
1.952	606.000	104,4	6
1.953	598.600	103,1	7
1.954	598.000	103,1	7
1.955	592.000	102,0	9
1.956	593.600	102,3	11
1.957	594.000	102,4	12
1.958	623.500	107,5	22
1.959	710.062	122,4	27
1.960	774.662	133,5	39
1.961	777.622	134,0	62
1.962	779.650	134,4	73
1.963	793.330	136,7	119
1.964	805.100	138,8	172
1.965	888.000	153,1	462
1.966	950.000	163,7	552
1.967	800.000	137,9	600
1.968	835.000	143,9	735
1.969	2.583.231	445,3	2.712
1.970	2.585.937	445,8	3.093
1.971	2.270.691	391,4	3.406

FONTE: "Dados e Informes" (monografia anual organizada pelo Núcleo de Coleta Estatística - Fundação I.B.G.E.)

SETOR SECUNDÁRIO

Composição da Estrutura Industrial

Por estar situada numa região em que predomina a agricultura, é perfeitamente explicável que se desenvolvesse, em Marília, no setor industrial, ligado ao setor primário. Em 1.938, se instalaram duas grandes indústrias (SANBRA e ANDERSON CLAY - TON), para o processamento do algodão.

Classificando as indústrias segundo o critério Chenery em tradicionais, intermediárias e modernas (1), temos as tradicionais em maior número (quadro II). Em 1946, esse tipo representava 57% do total de indústrias, enquanto as intermediárias 33,5% e as modernas apenas 9,5% (quadros I e II).

A participação das indústrias tradicionais vem crescendo, embora em 1960 tenha registrado um acréscimo, em relação à 1.946, embora tenham aumentado em números absolutos.

Com as indústrias intermediárias dá-se o mesmo, embora os seus percentuais de participação tenham oscilado, no período em pauta.

Apenas as modernas registraram um aumento contínuo, não obstante tenham decrescido em 1952.

Dentre as indústrias em geral, destacam-se, em todo o período, os produtos alimentares (quadro III), o que se explica pela posição do polo econômico que Marília ocupa, desde sua fundação. Desde os tempos em que era uma cidade de "ponta de trilhos", converge para Marília a produção de toda uma vasta região para alimentar suas indústrias. Por outro lado, a cidade constitui, também, centro fornecedor de toda uma vasta região que abrange toda a Alta Paulista, e estados da Região Sul.

A seguir, temos as de minerais não metálicos, as de vestuário, calçados e artefatos de tecidos e as de mobiliário.

Esses quatro tipos de indústrias estão ligados, como



as de produtos alimentares, às características da região.

Pessoal Ocupado

Para um total de 200 indústrias em 1946, temos 2.124 pessoas ligadas às atividades industriais, total esse que decorre até 1960. Entretanto, em 1965, já apresentam um aumento em relação não só aos anos de 1952 e 1960, como também em relação a 1946, como podemos observar no quadro IV.

Se, por um lado, as indústrias tradicionais sempre ocuparam o maior número de pessoas em Marília, por outro o seu percentual de participação no total de pessoas ocupadas tem decréscimo, o mesmo se dando com as intermediárias. (quadro V)

Apenas as modernas registraram contínuos acréscimos, durante todo o período,

Em 1952, temos 2.007 pessoas ligadas às atividades industriais; total esse que em 1960 é de 1.728, registrando um decréscimo de 6% (quadro IV).

Em 1.960, esse total é de 1.728, com um decréscimo de 19% em relação ao ano base, mas representando uma elevação de 13% sobre 1.952.

Em 1965, temos um acréscimo de 3% sobre o ano base e 26% sobre 1960. Em 1972, registram-se acréscimos de 25% e 21% sobre o ano base e sobre 1965, respectivamente.

Cabe lembrar que, em 1946, as indústrias têxteis ocupavam o maior número de pessoas — 1.720 para 24 indústrias, —, enquanto em 1972 ocupavam apenas 233 para apenas 1 indústria.

Valor da Produção

O valor global de produção, em valores reais, de 1946 a 1972 teve um acréscimo de 1.318%.

No entanto, se houve acréscimos contínuos sobre o valor de 1946, considerando os índices relativos, o valor da produção decorreu cerca de 53%, em 1.960. (quadro VI)

O período de maior crescimento verificado foi o de 1946/1952, que inclusive registrou um aumento no número de indústrias.

Salário Médio e Zona de Concentração de Operários

O salário-médio pago pelas indústrias em Marília, gira em torno de Cr\$ 350,00 mensais, pouco acima do atual salário mínimo. Algumas indústrias do grupo tradicional chegam pagar até Cr\$ 500,00.

No entanto, o número dessas indústrias é bastante pequeno; por conseguinte esse salário médio maior pouco representa para a "população" operária, já que apenas um pequeno número de trabalhadores tem acesso a esse salário.

Quanto às zonas de concentração de operários, são constituídas pelos bairros próximos ao local de trabalho. Assim é que, os bairros Vila São Miguel, Vila Palmital, Jardim América, Bassan, Parque São Jorge e Jóquei Clube, são os mais procurados pelos operários, uma vez que aí se localizam as indústrias.

QUADRO IIndústrias

1946/1972

GRUPO DE INDÚSTRIAS	1946	1952	1960	1965	1972
Tradicionais	114	193	118	122	141
Intermediárias	67	133	52	64	77
Modernas	19	21	25	39	57
TOTAL	200	347	195	225	275

FONTE: "Dados e Informes" (Monografia anual organizada pelo Núcleo de Coleta Estatística - Fundação I.B.G.E.)

QUADRO IIIndústrias (%)

1946/1972

GRUPO DE INDÚSTRIAS	1946	1952	1960	1965	1972
Tradicionais	57,0	55,62	60,52	54,22	51,27
Intermediárias	33,5	38,33	26,66	28,44	28,00
Modernas	9,5	6,05	12,82	17,34	20,73
TOTAL	100,0	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: "Dados e Informes" (Monografia Anual organizada pelo Núcleo de Coleta Estatística - Fundação I.B.G.E.)

QUADRO IIINúmero de Indústrias

1946/1972

RAMO DE INDÚSTRIAS	1946	1952	1960	1965	1972
Minerais não metal.	20	24	22	27	26
Metalúrgicas	3	3	5	10	16
Mecânicas	6	8	3	8	10
Mat. Elétrico-Comun.	1	2	2	2	7
Material de Transp.	8	5	7	4	4
Madeiras	24	12	11	4	10
Mobiliário	10	24	19	26	29
Papel e Papelão	-	-	3	7	7
Borracha	-	-	1	-	1
Couros, peles e produtos similares	3	3	3	2	2
Química	-	2	4	4	6
Produtos de Perfumaria, sabão e velas	1	1	1	4	4
Produtos de Matéria Plástica	=	-	-	-	3
Textil	24	7	6	5	8
Vestuário, calçados e artef. tecidos	31	82	17	18	28
Produtos Alimentares	50	14	76	82	90
Bebidas	3	6	3	3	2
Editorial e Gráfica	4	7	4	9	17
Diversas	2	20	8	10	5
TOTAL	200	347	195	225	275

FONTE: "Dados e Informes" (Monografia anual organizada pelo Núcleo de Coleta Estatística - Fundação I.B.G.E.)

QUADRO IV

Pessoal Ocupado na Indústria

1946/1972

ANOS	TOTAL DO PESSOAL OCUPADO	ÍNDICE DE CRESCIM. %	
		Base Fixa	Base Movel
1946	2.124	100	--
1952	2.607	94	94
1960	1.728	81	113
1965	2.185	103	126
1972	2.650	125	121

FONTES dos dados brutos: "Registro Industrial" - Fundação I.B.G.E.

QUADRO V
Pessoal Ocupado Na Indústria

Período: 1946/1972

Grupo de Indústrias	1946		1952		1960		1965		1972	
	pessoal ocupado	%	pessoal ocupado	%	pessoal ocupado	%	pessoal ocupado	%	pessoal ocupado	%
Tradicional	2.335	88,85	1413	70,40	1.275	73,79	1.472	67,37	1.815	68,49
Intermediária	183	6,93	476	23,72	195	11,28	302	13,82	298	11,20
Moderna	122	4,62	118	5,88	258	14,93	411	18,81	537	28,31
Total	2.640	100,00	2.007	100,00	1.728	100,00	2.185	100,00	2.650	100,00

FONTE dos Dados Brutos: IBGE

QUADRO VI

Valor Global da Produção a Preços Correntes

1946/1972

ANOS	VALOR A PREÇOS CORRENTES Cr\$ 1.000	VALOR DEFLACIO NADO 65/67	ÍNDICES DE CRESCI- MENTO.	
			Base Fixa	Base Móvel
1946	148	7,400	100	-
1952	442	88,400	1.194	1.194
1960	2,493	37,545	507	42
1965	38,137	52,748	712	140
1972	320.943	97.551	1.318	185

FONTE: "Dados e Informes" (Monografia anual organizada pelo Núcleo de Coleta Estatística - Fundação I.B.G.E.)

NOTAS

- (1) Chenery, "A Study of Industrial Growth, United Nations, N.Y., 1967 in, Diagnóstico da 11ª Região Administrativa pg. 105 e 106.



SETOR TERCIÁRIO

COMÉRCIOA) Comércio Varejista

✧ Analizando o comportamento dessa componente da economia do Município, observamos que o Censo do Comércio de 1960, apresentou uma pequena variação no total de estabelecimentos (532) em relação ao Censo de 1950 (548), com um decréscimo de 3,29%, (quadro I).

Em razão do crescimento da zona urbana e do fato de Marília ter se tornado cidade polo de uma vasta região, o Comércio Varejista, em 1971, apresentou um crescimento de 38,68%, em relação a 1960, com um total de 735 estabelecimentos.

No quadro II, temos a participação percentual dos estabelecimentos segundo o gênero de comércio, dados referentes ao ano de 1971.

Os estabelecimentos de produtos alimentícios, bebidas, e estimulantes, têm a maior participação, com 39,19% (283 estabelecimentos). A seguir vem os estabelecimentos de tecidos e artefatos, artigos do vestuário e amarelinho, com um percentual de 24,62% (181 estabelecimentos).

Os demais tipos de estabelecimentos têm uma participação pequena: com exceção dos de artigos diversos (9,53%) e de produtos químicos, farmacêuticos e afins (5,58%), os demais estão abaixo de 5%.

Comércio Atacadista

Ao contrário do comércio varejista, o atacadista vem decrescendo de forma acentuada.

Como se observa no quadro I, de 62 estabelecimentos em 1950, caiu para 61 em 1960 e para 20 em 1971, registrando um decréscimo de 1,62% na década de 1950/1960 e 67,21% na década de 1960/1970.



Podemos explicar êsse comportamento, pelo decréscimo da população rural, que é a procura em maior escala êsse tipo de comércio.

Cabe salientar que, dos 20 estabelecimentos existentes em 1971, cerca de 12 são representados por vendedores ambulantes de roupas e outros artigos, que a Fundação I.B.G.E. cataloga como atacadistas. A rigor, teríamos apenas 8 estabelecimentos atacadistas: 1 de produtos farmacêuticos, 4 de produtos alimentícios, 1 de ferragens e material de construção e 2 de tecidos.

Pessoal Ocupado

A variável "pessoal ocupado" no comércio, acompanha o comportamento verificado para uma componente da economia municipal. Assim é que, em 1960, houve um decréscimo de 7,38% em relação a 1950; e em 1971, registrou-se um acréscimo de 81,50% em relação a 1960, para o pessoal ocupado no comércio varejista.

Para o comércio atacadista, no entanto, para 1960 temos um acréscimo de 33,77% sobre 1.950. Já em 1971, temos um decréscimo de 70,61% sobre 1960.

Em 1971, o pessoal ocupado no comércio varejista representava 94,64% do total, e o ocupado no comércio atacadista apenas 5,36% (quadro III).

Em termos globais, apesar do decréscimo do número de estabelecimentos varejistas e atacadistas, em 1960, e do atacadista em 1971, a variável "pessoal ocupado" apresentou um acréscimo de 0,63% em 1960 sobre 1950; e 43,04% em 1971, sobre 1960.

Salário Médio e Zona de Concentração

O salário médio do pessoal ocupado no Comércio, segundo o Sindicato dos Comerciários em Marília, gira em torno de Cr\$ 350,00 mensais.

Quanto à zona de concentração dos comerciários, torna-se dificultoso determiná-la, uma vez que salientam os mais varia-



dos pontos da cidade. No entanto, podemos afirmar que os bairros Alto Cafezal, Rodrigues, Vila Fragata, Santa Olívia, Cascata, Marília, Vila São Miguel, Bassan e Vila Palmital são os preferidos já que não constituem bairros da chamada classe alta e não se verifica aí, com exceção das periferias dos Bairros Alto Cafezal, Vila São Miguel e Vila Palmital, concentração da "população marginalizada".

SERVIÇOS

O Setor "Serviços" compreende serviços prestados por empresas privadas, com fins lucrativos, diferenciando-se das demais atividades econômicas, quanto ao objetivo, uma vez que não visa a produção e comercialização de utilidades e sim a prestação de serviços a pessoas ou entidades.

Adotamos, para a análise desse setor, a classificação utilizada pela Fundação I.B.G.E., nos Censo Comercial e de Serviços: Serviços de Alojamento e Alimentação, Serviço de Confecção e Reparação, Serviços de Higiene Pessoal, Serviços Comerciais e Serviços de Diversões, Rádio-Difusão e Televisão.

Composição e Estrutura da Prestação de Serviço.

Em 1950, o total de estabelecimentos dos três gêneros enunciamos acima, era de 443. Para 1960, temos 485 estabelecimentos, registrando-se um acréscimo de 9,48%. Já para 1971, temos 462 estabelecimentos, com um decréscimo, em relação a 1960, de 4,76% (quadro IV).

Dos três gêneros de serviços, os de confecção e Reparação são os de maior número, com uma participação percentual, em 1971, de 50,43% sobre o total de estabelecimentos, preponderância esta que mantiveram durante todo o período.

Como podemos observar, no quadro IV, em 1960 este gênero de serviço apresentou um acréscimo de 10,68%, sobre 1950 e na década seguinte apresentou um decréscimo de 6,80%.

Os estabelecimentos de Alojamento e de Alimentação, são os que estão em segundo lugar, quanto ao número, com uma participação percentual de 35,93%, no total de estabelecimentos em 1971.

Tal como os de Confecção e Reparação, apresentaram crescimento na década de 1950/1960, com um acréscimo de 2,96%. Na década de 1960/1970 apresentaram um decréscimo da ordem de 4,60%.

Em último, temos os estabelecimentos de Higiene Pessoal. Esse gênero de prestação de serviços foi o único que apresentou crescimento constante nos três últimos censos: 1,66 % de acréscimo no período 1950/1960, e 3,28% no período 1960/1970.

Quanto a estabelecimentos prestadores de Serviços Comerciais, em 1972 temos: 9 Seguradoras; 3 Financiadoras; 3 Despachantes; 25 Escritórios de Contabilidade; 3 Investidoras; 11 Estabelecimentos de Representação Comercial e 5 de Serviços Diversos.

Quanto aos estabelecimentos de Diversões, em 1972 temos: 4 Cinemas e 1 Teatro.

Para os Serviços de Rádio-Difusão, contamos com 3 Emissoras.

Pessoal Ocupado

Também para o pessoal ocupado, serão considerados apenas três gêneros de prestação de serviço: de Alojamento e de Alimentação, Confecção e Reparação e Higiene Pessoal.

Para efeito de análise, consideraremos o pessoal administrativo (proprietários) e os empregados em separado.

Em termos globais, o pessoal administrativo ocupado nos três gêneros de serviço apresentarem crescimento.

Considerando os índices de base fixa, verificamos os seguintes acréscimos: 16,62% em 1960, sobre 1950 e 31,01%, em

1971 sobre 1960. O crescimento maior verificado foi na década de 1950/1960 (quadros V e VI).

Em 1960, observou-se um acréscimo da ordem de 63,79 % no gênero de Alojamento e de Alimentação; enquanto o gênero de Confecção e Reparação apresentou um decréscimo da ordem de 53,31 %, em relação a 1950. Já o gênero Higiêne Pessoal apresentou um acréscimo de 1.79%.

Para 1970, verificamos um decréscimo no primeiro gênero: 22,81% sobre 1960, embora os índices de base fixa tenham sido superior ao de 1950. Para o gênero de Confecção e Reparação, após o decréscimo acentuado verificado em 1960, observou-se um acréscimo de 108,66% sobre aquele; no entanto, o índice de base fixa permaneceu inferior ao de 1950.

Para o gênero de Higiêne Pessoal não se verificou alteração no total do pessoal, permanecendo o mesmo de 1960.

Para os empregados, em 1960, verificamos decréscimos acentuados quer no total do pessoal ocupado que em cada gênero de serviços, com exceção de Higiêne Pessoal, que apresentou 2,15% de acréscimo em 1960 sobre 1950 e 4,30%, em 1971 sobre 1960.

O total do pessoal ocupado, na década de 1950/1960, sofreu um decréscimo de 60,16%; na década seguinte, entretanto, apresentou um crescimento da ordem de 136,69%, embora o índice de base fixa tenha permanecido inferior a 100 (quadros V e VII).

Dos gêneros de serviço, o que apresentou maior decréscimo na década de 1950/1960, foi o de Confecção e Reparação, com 70,92%. Na década de 1960/1971, este gênero apresentou 212,40 % de crescimento, permanecendo ainda, o índice de base fixa inferior ao de 1950.

Da mesma forma que o gênero descrito acima, também o de Alojamento e de Alimentação apresentou decréscimo na década de 1950/1960 (63,44%), e, embora tenha havido um crescimento de



167,46% na década de 1960/1971; o número de estabelecimentos per
maneceu inferior ao de 1.950.



QUADRO I

Estabelecimentos Comerciais

ANOS	1950		1950		1970	
	Nº Esta- beleci - mentos	Índice Base Fixa	Nº Esta- beleci- mentos	Índice base fixa	Nº Esta- beleci- mentos	Índice base fixa
COMERCIO						
Varejista	548	100	530	96,71	735	134,10
Atacadista	62	100	61	98,38	20	32,79
T O T A L	610	100	591	96,88	755	127,75

QUADRO (II)

Estabelecimentos Segundo O Gênero De Comércio
1971

GÊNERO DE COMÉRCIO	Nº DE ESTABELECIMENTOS,	%
Ferragãos e Material de Construção	18	2,45
Máquinas e aparelhos, Mat.Elétrico	20	2,72
Veículos e Acessórios	34	4,62
Móveis, Art. Habit.Uso Doméstico	26	3,54
Papel, Impressos e Art. Escritório	8	1,08
Prod. Químicos, Farmaceut. e Afins	41	5,58
Combustíveis e Lubrificantes	25	3,40
Tecidos e Artefatos, Art.Vestuário e de Armarinhos	181	24,62
Prod. Alimentícios, Bebidas e Est.	288	39,19
Artigos Diversos	70	9,53
Artigos Usados	10	1,36
Artigos Mal Definidos ou não declarados	14	1,91
T O T A L	735	100,00

FONTE: "Dados e Informes" (monografia anual organizada pelo Núcleo de Coleta e Estatística-Fundação I.B.G.E)

QUADRO III

PESSOAL OCUPADO NO COMERCIO

ANOS COMERCIO	1950		1960		1971	
	Pessoal Ocupado	Índice	Pessoal Ocupado	Índice	Pessoal Ocupado	Índice
Varejista	1.261	100	1.168	92,62	2.120	168,12
Atacadista	305	100	408	133,77	120	39,34
TOTAL	1.566	100	1.576	100,63	2.249	143,04

QUADRO IV

ESTABELECIMENTOS DE SERVIÇO

ANOS	1 9 5 0			1 9 6 0			1 9 7 1		
	Nº DE ES TABELECI MENTOS	ÍNDICE		Nº DE ES TABELECI MENTOS	ÍNDICE		Nº DE ES TABELECI MENTOS	ÍNDICE	
		BASE FIXA	BASE MOVEL		BASE FIXA	BASE MOVEL		BASE FIXA	BASE MOVEL
Alojamento									
Alimentaça.	169	100	100	174	102,96	102,96	166	98,23	95,40
Confeccão									
Reparação	214	100	100	250	110,68	110,68	233	103,87	93,20
Higiêne									
Pessoal	60	100	100	61	101,66	101,66	63	105,00	103,28
T O T A L	443	100	100	485	109,48	109,48	462	106,70	95,24

QUADRO V

Pessoal Ocupado nos Serviços

ANOS	1 9 5 0		1 9 6 0		1 9 7 1	
	Administração	Empregados	Administração	Empregados	Administração	Empregados
GÊNERO DE SERVIÇOS						
Alojamento e Alimento	174	227	285	83	205	222
Confecção e Reparação	272	471	127	137	265	428
Higiene Pessoal	57	93	58	95	58	97
TOTAL	403	793	470	316	528	747

QUADRO VIEvolução do Pessoal Ocupado nos ServiçosAdministração

Anos	1 9 5 0		1 9 6 0		1 9 7 1	
Gêneros Serviço	Base Fixa	Base Móvel	Base Fixa	Base Móvel	Base Fixa	Base Móvel
Alojamen- to/Alim.	100	---	163,79	163,79	117,81	77,19
Confeccão Reparação	100	---	46,69	46,69	97,42	208,66
Higiene Pessoal	100	---	101,75	101,75	101,75	100,00
TOTAL	100	---	116,62	116,62	131,01	112,34

QUADRO VII

Evolução do Pessoal Ocupado nos Serviços -
Empregado

Anos	1 9 5 0		1 9 6 0		1 9 7 1	
Gênero de Serviços	Base Fixa	Base Móvel	Base Fixa	Base Móvel	Base Fixa	Base Móvel
Alojamento						
Alimentaça.	100	---	36,56	36,56	96,91	267,46
Confecção						
Reparação	100	--	29,08	29,08	90,89	312,40
Higiêne						
Pessoal	100	---	102,15	102,15	104,30	102,10
TOTAL	100	---	39,84	39,84	94,20	236,39

2ª PARTE

"O UNIVERSO MARGINAL"

(Características das famílias pesquisadas)



COMPOSIÇÃO DEMOGRÁFICA

Estrutura Etária

O estudo da estrutura etária das 1.336 famílias pesquisadas revela uma similaridade com a pirâmide populacional do Município, uma vez que a diferença percentual de uma faixa etária da população pesquisada, em relação à mesma faixa etária no Município, raramente atinge 1% e nunca chega a 2%, como se vê nos quadros anexos I e II.

Comparando-se os grandes grupos etários de 0--14;15-59 e de mais de 60 anos, observa-se uma predominância do grupo adulto (15--59 anos), o que revela um grande potencial produtivo não só nessa população pesquisada, como em todo o Município, como se observa nos quadros anexos III e IV. Este fato vai refletir na oferta global de mão-de-obra.

Por outro lado, o grupo de 0--14 anos representa também um alto índice, tanto para o Município como para a população pesquisada: 38,56% e 40,36%, respectivamente.

Isto significa um grande encargo para a população economicamente ativa.

A proporção dos grandes grupos etários, para a população pesquisada é de 0,55 para os adultos, 0,40 para os jovens e apenas 0,05 para os velhos.

Quanto à distribuição por sexo, para o Município e para o "universo pesquisado", observa-se uma pequena predominância do sexo feminino, com excessão do grande grupo etário de mais de 60 anos.

Concluindo, pode-se observar que há uma redução da força de trabalho disponível em razão do grande número de jovens e da predominância de elementos do sexo feminino no grande grupo de 15--59 anos, o que faz com que aumente os encargos da população

componente da oferta global de mão-de-obra.

Distribuição Étnica

Das 6.622 pessoas que compõem as 1.336 famílias, 4.846 são brancas, perfazendo um percentual de 73,18% (quadro V)

As pessoas de cor parda totalizam 962, representando um percentual de 14,53%. Logo a seguir, temos os negros, num total de 652 indivíduos, representando 9,84%.

Os amarelos são em pequeno número: 149 (2,25%) e os mestiços (filhos de brancos e amarelos) somam apenas 13, com um percentual de 0,20%.

Como se observa, a população branca constitui a maioria, vindo a seguir os pardos e os negros. Levando-se em conta que foram tomadas amostras de, praticamente, todos os bairros da cidade, a etnia tem pouca validade para a determinação da "marginalidade" em Marília, se partirmos da concepção tradicional de que o negro está necessariamente na base da pirâmide social e é o elemento que mais apresenta problemas de integração social.

Estado Civil

Quanto ao estado civil, em que procuramos caracterizar a situação consensual dos indivíduos com 16 anos e mais, fizemos distinção entre os casados no civil e religioso, só no civil só no religioso, com o objetivo de caracterizar a participação dos indivíduos em qualquer das religiões, ainda que tal fato não indique a participação efetiva do indivíduo em uma determinada, já que a confirmação do casamento pela religião pode ter um cunho eminentemente social.

Com a variável "casado só no religioso", procuramos constatar a sobrevivência de uma forma de validação da união conjugal, comumente verificada nas áreas rurais ou nas regiões mais tradicionais do país.

Isto posto, podemos verificar (quadros VI, VII e VIII



que, do total de pessoas com 16 anos e mais, 2.288 mantêm relações consensuais (57,20%).

Considerando-se apenas os indivíduos casados, temos que 868 casais são casados no civil e no religioso, representando 75,88% dos que se acham na condição de "casados" ou "outro". Os que são casados apenas no civil somam 665 casais (14,42%) e os que casaram apenas no religioso somam 58 casais (5,06%). Os casais que estão na condição de "outro" (amaziados) somam 53 (4,64%) (quadro VIII)

Considerando toda a "população" com 16 anos e mais, podemos verificar (quadros VI e VII) que 1.712 indivíduos de ambos os sexos não mantêm relações consensuais (42,80%), 36,60% (1.464 pessoas) representados por solteiros e 5,03% (201 pessoas) são viúvos.

Os desquitados e separados representam uma minoria: 44 separados (1,1%) e 3 desquitados (0,05%).

Quanto aos solteiros, verifica-se uma pequena predominância do sexo masculino.

Quanto aos viúvos, a maioria é representada por mulheres: do total de 5,03%, 4,95% são mulheres.

Também para os desquitados verifica-se uma pequena predominância do sexo feminino.

Famílias Segundo O Número de Pessoas Residentes

Quanto ao número de pessoas que compõem a família e residem junto, verificamos a predominância das famílias com 4 pessoas (19,46%). A seguir temos as famílias com 5 pessoas (17,74%) e as com 3 (14,67%).

Representam um percentual de certa relevância, ainda, as famílias com 6 pessoas (12,95%).

Como podemos observar, no quadro IX, as famílias com até 6 pessoas perfazem 75,60% do total de famílias pesquisadas,

exceto as de 1 pessoa.

Entretanto, as famílias com mais de 6 pessoas perfazem um percentual de 22,46% (num total de 300 famílias). Destas, as com 7 pessoas representam o maior número: 103 (8,08%).

Quanto ao status familiar dos indivíduos, encontramos os seguintes tipos de família:

- 1) Família Nuclear Completa: pai, mãe e filhos.
- 2) Família Nuclear Simples: Marido e Mulher.
- 3) Família Semi-Nuclear:
 - a) pai e filhos
 - b) mãe e filhos
- 4) Família Extensa Completa: pai, mãe e filhos, mais parentes e/ou agregados.
- 5) Família Extensa Simples:
 - a) Marido, Mulher e Parentes
 - b) Parentes
- 6) Famílias Semi-Extensa:
 - a) pai, filho, parentes e/ou agregado
 - b) mãe, filho, parentes e/ou agregado

A família nuclear completa aparece em maior número, vindo a seguir a família semi-nuclear, do tipo "b" (mãe e filhos) e a família extensa completa (Quadro X)



QUADRO I

Composição da População Amostral por Idade e Sexo.

1972 / 1973

Sexo Faixa Etária	POPULAÇÃO PESQUISADA			MUNICÍPIO		
	M	F	TOTAL	M	F	TOTAL
0—4	395	412	807	6.119	5.986	12.105
4—9	465	477	942	6.656	6.461	13.117
10—14	474	441	915	6.429	6.205	12.634
15—19	388	421	809	5.571	5.777	11.348
20—24	297	322	619	4.258	4.705	8.963
25—29	215	226	441	3.305	3.472	6.777
30—39	383	411	794	5.727	5.925	11.652
40—49	329	328	657	4.850	4.714	9.564
50—59	186	177	363	3.275	3.010	6.285
60—69	100	86	186	1.843	1.783	3.626
70 e mais	37	38	75	995	1.034	2.029
Ignorada	6	8	14	35	41	76
TOTAL	3.275	3.347	6.622	49.063	49.113	98.176

FONTE dos dados brutos:— Pesquisa Direta.

QUADRO II

Composição da População por Idade e Sexo, (em %)

1972/1973

Sexo Faixa Etária	População Pesquisada			Município		
	M	F	TOTAL	M	F	TOTAL
0-----4	5,96	6,22	12,18	6,23	6,10	12,33
5-----9	7,02	7,20	14,22	6,70	6,58	13,36
10----14	7,16	6,80	13,96	6,55	6,32	12,87
15---19	5,86	6,26	12,12	5,67	5,89	11,56
20---24	4,49	4,85	9,34	4,34	4,79	9,13
25---29	3,25	3,40	6,65	3,37	3,53	6,90
30---39	5,78	6,21	11,99	5,84	6,03	11,87
40---49	4,97	4,95	9,92	4,94	4,80	9,74
50---59	2,81	2,67	5,48	3,33	3,07	6,40
60---69	1,51	1,29	2,80	1,88	1,81	3,69
70 e +	0,56	0,57	1,13	1,01	1,06	2,07
Ignorada	0,09	0,12	0,21	0,03	0,05	0,08
F _t	49,46	50,54	100	49,97	50,03	100

FONTE dos dados brutos:- Pesquisa Direta.

QUADRO III

Composição da População Por Sexo e Grandes Grupos Etários.

1972 / 1973

FAIXA ETÁRIA	SEXO	POPULAÇÃO PESQUISADA			MUNICÍPIO		
		M	F	TOTAL	M	F	TOTAL
0-----14		11.334	1.330	2.664	19.204	18.652	37.856
15-----59		1.798	1.885	3.683	26.986	27.603	54.589
+ de 60 anos		143	132	275	2.873	2.858	5.731
F _t		3.275	3.347	6.622	49.063	49.113	98.176

FONTE dos dados brutos:- Pesquisa Direta.

QUADRO IV

Composição da População por Sexo E Grande Grupo Etário

1972/1973

Grupo Etário \ Sexo	POPULAÇÃO PESQUISADA			MUNICÍPIO		
	M	F	TOTAL	M	F	TOTAL
0-----14	20,14	20,22	40,36	19,56	19,00	38,56
15-----59	27,16	28,34	55,50	27,49	28,11	55,60
+ de 60 anos	2,16	1,98	4,14	2,92	2,92	5,84
TOTAL	49,46	50,54	100	49,97	50,03	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

QUADRO V

Distribuição Étnica da População Pesquisada.

1972 / 1973

CÔR	Homens		Mulheres		Total	
	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%
Branca	2.398	36,21	2.448	36,97	4.846	73,18
Negra	314	4,74	338	5,10	652	9,84
Parda	485	7,31	477	7,22	962	14,53
Amarela	86	1,24	67	1,01	149	2,25
Mestiços	6	0,10	7	0,10	13	0,20
TOTAL	3.285	49,60	3.337	50,40	6.622	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

: .

QUADRO VI

Estado Civil da População Pesquisada - 16 Anos e Mais

1972/1973

Estado Civil \ Sexo	Masculino	Feminino	Total
Casado civil e religioso	868	868	1.736
Casado só no civil	165	165	330
Casado só no religioso	58	58	116
Solteiro	782	682	1.464
Viuvo	32	169	201
Outros	53	53	106
Separado	8	36	44
Desquitado	2	1	3
Total	1.968	2.033	4.000

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

2ª PARTE

"O UNIVERSO MARGINAL"

(Características das famílias pesquisadas)



QUADRO VIII

Situação Consensual da População Pesquisada em %

1972/ 1973

SEXO				
ESTADO CIVIL		Masculino	Feminino	Total
Casado civil e religioso		37,94	37,94	75,88
Casado só no civil		7,21	7,21	14,42
Casado só no reli gioso		2,53	2,53	5,06
Outros		2,32	2,32	4,64
TOTAL		50,00	50,00	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

QUADRO IX

Situação Familiar Segundo o Número De Pessoas Residentes

1972 / 1973

Nº de pessoas	Nº de famílias	%
1	26	1,94
2	144	10,78
3	196	14,67
4	260	19,46
5	237	17,74
6	173	12,95
7	108	8,08
8	76	5,70
9	60	4,50
10	26	1,94
+ de 10	30	2,24
TOTAL	1.336	100

obs: Inclusive agregados e outros parentes que convivem com a família

FONTE dados brutos: Pesquisa Direta



QUADRO X

Situação Familiar segundo o Status das Pessoas Residentes

1972 /1973

Especificações	Nº de Famílias	%
Família Nuclear Completa	949	71,03
Família Nuclear Simples	89	6,66
Família Semi-nuclear (a)	17	1,27
Família Semi-nuclear (b)	149	11,15
Família Extensa Completa	63	4,71
Família Extensa Simples (a)	10	0,75
Família Extensa Simples (b)	12	0,89
Família Semi-extensa (a)	3	0,22
Família Semi-extensa (b)	12	0,89
Vivem sós	32	2,39
TOTAL	1.336	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

GRAU DE INSTRUÇÃO

O grau de instrução da população amostral pode ser considerado bom, já que os analfabetos e semi-alfabetizados somam apenas 21,46% do total de pessoas pesquisadas, sendo que o maior número é constituído pelos pais (pai e mãe): 1.062 de um total de 1.421 pessoas (quadros I e II).

Comparando esses dados com os do Recenseamento Demográfico de 1970, vemos que, para o Município, a percentagem de analfabetos atinge 36,25%, enquanto para a mostra pesquisada, temos apenas 13,56% (compare-se os quadros II e III). Não devemos esquecer, entretanto, que, enquanto a população por nós pesquisada é urbana, os dados do Censo referem-se a todo o Município, onde o contingente populacional rural vai influir sobremaneira no comportamento dos dados.

Do total de pessoas pesquisadas, 31,91% não completaram o primário; 21,26% têm o primário completo; 8,15% têm o ginasial incompleto e apenas 1,36% terminaram o ginasial. Quanto ao colegial, apenas 0,82% o completaram e 0,98% não.

Da análise dos quadros I e II, concluímos que embora o grau de instrução da população amostral seja bom, poderia ser melhor, já que apenas 11,31% do total de pessoas prosseguiram os estudos além do primário, contingente este constituído na sua quase totalidade pelos filhos.

Deve-se ressaltar, ainda, neste sentido, que apenas 9% dessa população continua frequentando escola, o que nos dá um total de apenas 601 pessoas.

QUADRO I

Grau de Instrução da População Pesquisada

1972 / 1973

Membro da Gráu Família de Instrução	Pai	Mãe	Filho	Filha	Outro	Total
Analfabeto	276	423	70	77	52	898
Semi- Alfabetizado	260	203	27	21	12	523
Primario Incompleto	310	401	715	660	27	2.113
Primário Completo	280	216	451	428	33	1.408
Ginasial Incompleto	36	39	243	210	12	540
Ginasial Completo	13	6	37	30	4	90
Colegial Incompleto	2	-	22	34	7	65
Colegial Completo	4	5	20	23	2	54
Sem idade Escolar	xx	xx	450	454	17	931
TOTAL	1.181	1.293	2.035	1.947	166	6.622

FONTE do dado bruto : Pesquisa Direta.

QUADRO II

Grau de Instrução Da População Pesquisada

1972 / 1973

DISCRIMINAÇÃO	F i	%
Analfabetos	898	13,56
Semi-Alfabetizado	523	7,90
Primário incompleto	2.113	31,91
Primário completo	1.408	21,26
Ginasial Incompleto	540	8,15
Ginasial Completo	90	1,36
Colegial Incompleto	65	0,98
Colegial Completo	54	0,82
Sem idade escolar	931	14,06
TOTAL	<u>6.622</u>	100

FONTE dos dados Brutos: Pesquisa Direta

QUADRO III

Nível De Escolaridade Da População Do Município
De Marília

GRAU DE INSTRUÇÃO	F _I	%
Sem idade escolar	11.744	10,94
Analfabetos	34.588	36,25
Sabem ler e escrever	51.844	52,81
TOTAL	98.176	100

FONTE: Censo Demográfico de 1970-Série Regional -
São Paulo- Fundação Brasileira de Geografia e Estatística -1973

RELIGIÃO

A religião exerce um papel importante na vida dos indivíduos, não só como agência socializadora (a Igreja) como também quanto a um código ético-moral.

No caso da população pesquisada, a quase totalidade disse professar algum credo religioso, já que apenas 0,45% não tem religião.

A mais professada, no caso, é a religião católica — 86,03%, vindo a seguir a evangélica ou protestante — cerca de 9,5% (quadro I).

Estas duas são as mais importantes, visto que apenas 3,35% dos pesquisados são espíritas e 0,67%, budistas.

Convém ressaltar, nessa altura, que consideramos, como adepto do credo professado pela mãe, os menores de 10 anos.

Entretanto, se a quase totalidade dos indivíduos professam alguma religião, o quadro II nos revela que 71,89 desses indivíduos não frequentam os seus cultos. Dos restantes, 23,19% frequentam apenas 1 vez por semana e 2,97, 2 vezes.

Acima de 2 vezes por semana até 7 vezes, o número dos que frequentam é pequeno. Pelas características das várias religiões que aparecem no quadro I, podemos afirmar que os que mais frequentam são os praticantes de credos não católicos, já que a situação de minoria religiosa leva os indivíduos a uma maior coesão, não só entre si, como em relação à frequência aos seus locais de culto.

Por outro lado, embora não tenhamos inquirido, muitos dos que responderam professar a religião católica, na verdade, fazem em função da tradição de família ou por razões sociais.



QUADRO I

Religião Professada Pela População Pesquisada

1.972 / 1.973

Religião Professada	Numeros Absolutos		Total	%
	Homens	Mulheres		
Cat'olica	2.843	2.854	5.697	86,03
Protestante	297	332	629	9,50
Espirita	101	121	222	3,35
Budista	21	23	44	0,67
Nenhuma	23	7	30	0,45
TOTAL	3.285	3.337	6.622	100

FONTE dos dados brutos : Pesquisa Direta

QUADRO II

Frequência à Igreja -- 1.972 / 1.973 .

Vezes por semana	Homens	Mulheres	Total	%
1	424	1.105	1.529	23,19
2	84	112	196	2,97
3	35	51	86	1,30
4	8	5	13	0,20
5	3	7	10	0,16
6	2	3	5	0,80
7	-	14	14	0,21
Não .. Frequenta	2.706	2.033	4.739	71,89
TOTAL	3.262	3.330	6.592	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.



ORIGEM DA POPULAÇÃO

Naturalidade Do Pai

Dentre a população pesquisada, observamos que os naturais de apenas 3 estados (São Paulo, Minas Gerais e Bahia) ultrapassaram o índice de 10%, como demonstra o quadro I anexo.

Dos pais vivos e que convivem com a família, 65,62% são naturais do Estado de São Paulo; 10,67%, de Minas Gerais, e 10,42% da Bahia.

Quanto aos demais estados, apenas Pernambuco (3,30%) e Alagoas (2,37%) apresentam um índice de certa relevância, já que os demais estados apresentam índices abaixo de 1%; às vezes, tendo-se mesmo, de agrupá-los por Região, dado o pequeno número de pais daí originários.

Quanto aos estrangeiros, totalizam 38, com um percentual de 3,32%. Desses, 14 são naturais da Península Ibérica (1,19%) e 15 são originários do Japão (1,27%). Os demais são naturais da Europa Central (8) e 1 apenas é latino-americano (argentino).

Como se pode observar, a imigração, nesse caso, apresenta um índice de 34,38%, o que, aparentemente, é de certa relevância. No entanto, ao se verificar a distribuição dos indivíduos pelos locais de origem, observa-se que, apenas quanto a Minas Gerais e Bahia, este movimento tem certa importância.

Naturalidade da Mãe

Tal como ocorreu com os pais, o total de mães vivas e conviventes apresenta a mesma distribuição quanto ao Estado de origem: São Paulo (70,39%), Minas Gerais (10,21%) e Bahia (7,96% (quadro II)).

Da mesma forma, apenas os estados de Pernambuco (3,96%) e Alagoas (2,16%) apresentam, ainda, um índice superior a 1%.

Os demais estados e regiões do Brasil apresentam índices inferiores a 1%.

Quanto às estrangeiras, temos a mesma distribuição: Península Ibérica com o maior número (12) e a seguir o Japão, com 9. Apenas nesse caso, aparece a Itália com 6 e a Europa Central não apresenta nenhum caso.

Poderíamos dizer que a similaridade na distribuição dos pais e mães, quanto à naturalidade (no caso de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Alagoas) se deve ao fato de a maioria dos casais terem emigrado após o casamento.

Naturalidade Dos Filhos Residentes

Quanto aos filhos residentes, a quase totalidade (91,76%) é natural do Estado de São Paulo. Apenas 2,59% são naturais de Minas Gerais e 2,18% do Paraná. Ainda nesse caso, Pernambuco e Bahia apresentam um índice acima de 1%: 1,26% e 1%, respectivamente. Quanto aos demais estados, os índices que apresentam são inferiores a 1%.

Quanto aos estrangeiros, temos apenas 1, originário de Portugal.

Naturalidade De Outros Parentes e Agregados

Os parentes e agregados conviventes somam 166. Desses, 120 são naturais do Estado de São Paulo e constituem o maior contingente. Dos restantes, 17 são de Minas Gerais; 11 da Bahia e os demais 18 distribuem-se pelos outros estados brasileiros, sendo que 6 (3 europeus e 3 japoneses) são estrangeiros.

Como se pode observar (quadro IV), aqui também o maior número de indivíduos é constituído por São Paulo (72,29%), vindo a seguir Minas Gerais (10,24%), Bahia (6,63%) e Região Nordeste (4,82%). Os demais estados e regiões apresentam índices inferiores a 2%.



Concluindo, do exposto acima, vemos que, afora os natu-
rais de São Paulo, os maiores contingentes populacionais nos são
dados pelos estados de Minas Gerais e Bahia, em maior escala, e
Pernambuco e Alagoas, em menor escala.

Tal fato nos dá uma idéia dos grupos componentes da
corrente imigratória para o Município de Marília, principalmente
se se atentar para o fato de 34,38% do pais, 29,61% das mães,
8,24% dos filhos e 27,71% dos outros parentes e agregados serem
naturais de estados que não São Paulo.



QUADRO I

Naturalidade Do Pai (1)

Estado ou País	f _i	%
São Paulo.....	775	65,62
Minas Gerais.....	126	10,67
Bahia.....	123	10,42
Pernambuco.....	39	3,30
Alagoas.....	28	2,37
Ceará.....	11	0,93
Paraná.....	9	0,73
Rio de Janeiro.....	6	0,51
Outros Estados-Região sul.....	4	0,36
Out. Estado-Região Norte.....	3	0,25
Out. Estado-Região Nordeste..	9	0,73
Out. Estado-Região sudeste...	2	0,18
Out. Estado-Região Cen. Oes..	4	0,36
Península Ibérica.....	14	1,19
~ Europa Central.....	8	0,68
Japão.....	15	1,27
América Latina.....	1	0,08
Não responderam.....	4	0,36
TOTAL	1.181	100

Vivos e que convivem (1)

FONTE: dos dados brutos : Pesquisa Direta

QUADRO II

Naturalidade Da Mãe (Viva e Que Convivem)

1.972 / 1.973

ESTADO OU PAÍS	f i	%
SÃO PAULO	910	70,39
Minas Gerais.....	132	10,21
Bahia.....	103	7,96
Pernambuco.....	51	3,94
Alagoas.....	28	2,16
Paraná.....	9	0,69
Ceará.....	8	0,62
Outros Est.-Região Sul	1	0,08
" " " Sudeste	7	0,54
" " " Centro Oest	4	0,31
" " " Nordeste	4	0,31
" " " Norte	4	0,31
Península Ibérica..	12	0,93
Itália.....	6	0,46
Japão.....	9	0,69
Não responderam....	5	0,40
Total.....	1.293	100

FONTE dos dados brutos, Pesquisas Diretas.

QUADRO III
Naturalidades Dos Filhos Residentes
 1.912 / 1.973

ESTADO OU PAÍS	fi		Total	%
	M	F		
São Paulo.....	1.868	1.786	3.654	91,76
Paraná.....	44	43	87	2,18
Minas Gerais...	53	50	103	2,59
Pernambuco.....	23	27	50	1,26
Bahia.....	18	22	40	1,00
Mato Grosso....	8	6	14	0,35
Ceará.....	7	6	13	0,33
Alagoas.....	7	3	10	0,25
Pará.....	2	2	4	0,10
Rio de Janeiro..	3	1	4	0,10
Sergipe.....	1	1	2	0,05
Portugal.....	1	-	1	0,03
Total.....	2.035	1.947	3.982	100

FONTE dos dados brutos : Pesquisa Direta.



QUADRO IV

Naturalidade De Outros Parentes e Agregados Conviventes
1.972 / 1.973

ESTADO OU PAIS	f _i		Total	%
	M	F		
São Paulo.....	54	66	120	72,29
Minas Gerais.....	2	15	17	10,24
Bahia.....	5	6	11	6,63
Outros Est.Reg. Sul.	1	1	2	1,20
" " " Sudeste -	-	2	2	1,20
" " " Nordeste	1	7	8	4,82
Portugal.....	1	2	3	1,81
Japão.....	1	2	3	1,81
TOTAL	65	101	166	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

MIGRAÇÃO FAMILIAR

Procuramos, aqui, estudar, em sequência à parte anterior, quando estudamos individual, o local de residência das famílias imediatamente anterior ao da mudança para a zona urbana de Marília.

Local De Procedência Das Famílias

Das 1.336 famílias, cerca de 90% realizaram uma mudança pelo menos; as demais são constituídas por indivíduos (pais e mães) naturais da própria zona urbana do Município, ou então vieram a constituir família aqui.

A maioria, ou seja 87,13%, antes de residirem em Marília moravam em alguma cidade do próprio Estado de São Paulo. As demais são provenientes de vários estados brasileiros, sendo que apenas 2 vieram de Portugal.

Das que vieram de outros estados, 44 são do Paraná, 43 de Minas Gerais e 39 da Bahia. Das restantes, merecem destaque, pelo seu número, apenas as que vieram de Pernambuco.- cerca de 18. Os demais Estados têm uma representação pequena como se pode observar, nos quadros I e II.

Quanto às provenientes do Paraná, devemos observar que a maioria delas são originárias desta Região da Alta Paulista e muitos mesmo de Marília, que se dirigiram àquele Estado por ocasião da abertura da frente pioneira no Norte daquele Estado e por ocasião do declínio da cultura do algodão, aqui na Região de Marília.

Região de Procedência Das Famílias

Neste item, procuramos verificar as zonas do Estado de São Paulo, de onde as famílias provieram. Para tanto, fizemos sua distribuição segundo critério adotado pela Fundação I.B.G.E. por Micro-regiões (quadro IV).



Ainda, neste ítem, excluímos as famílias originárias do próprio Município, já que o seu número elevado (cerca de 27,75%) causaria uma distorção no estudo, embora pudéssemos englobá-las no total da Micro-região 245 (Alta Paulista).

Assim é que, podemos verificar (quadro III) que 831 famílias procederam das mais variadas Micro-regiões do Estado. No entanto, merecem destaque as Micro-regiões 239, 241 e 245, Nova Alta Paulista, de Bauru e Alta Paulista, respectivamente. Dentre estas, o maior contingente é representado pela Alta Paulista, o que se explica pela posição de polo sócio-econômico ocupado por Marília.

Por outro lado, não obstante Bauru ser também polo e sede de uma Região Administrativa (7ª), o segundo maior contingente é proveniente dessa região. O terceiro maior contingente vem da Nova Alta Paulista.

As demais micro-regiões têm uma representação menor, e na sua maioria, é de famílias que para aqui vieram por ocasião da abertura do Município, atraídas por uma nova frente de trabalho.

Das 1.164 famílias com residência imediatamente anterior no próprio Estado de São Paulo, 323 são do próprio Município de Marília, assim distribuídas:

Zona urbana (distrito sede).....	134 (11,51%)
Zona urbana (outros distritos) ..	140 (12,03%)
Zona rural	49 (4,21%)
T O T A L	323

Deve-se ressaltar que, embora esse total seja elevado (no contexto da amostra), estas famílias são constituídas, em sua maioria, por indivíduos (pais e mães) oriundos de outras regiões, já que apenas 74 são de pais e mães marilienses (quadro III)

Zona De Procedência Das Famílias

Quanto à zona de procedência das famílias (urbana ou



rural), das 1.336 famílias pesquisadas, 486 (cerca de 36,38%) são provenientes da zona rural: 140 do próprio Município e 346 de outros Municípios.

Embora, pelos dados do Censo Demográfico de 1970, - verifiquemos que o êxodo rural no Município foi elevado (39,49%) o maior número dessas famílias procuraram outras regiões, já que das famílias pesquisadas e que são provenientes da zona rural, apenas 10,48% são de Marília, enquanto 25,90% são de outros Municípios. Aqui poderíamos aventar a hipótese de que as famílias que emigraram da zona rural do Município teriam procurado a cidade de Marília. No entanto, verificaríamos que tal não se deu, uma vez que levantamos amostras de todos os bairros periféricos da cidade e obtivemos a percentagem acima.

Das famílias originárias da zona urbana, 183 são do Município: 134 da cidade de Marília e 49 da zona urbana dos demais distritos.

Podemos observar (quadro V), quanto ao deslocamento de famílias, que 661 são provenientes da zona urbana de outros Municípios.

Do total de famílias, apenas 6 deixaram de responder ao quesito, o que não tem relevância alguma, já que representam apenas 0,45% do total da amostra.

Concluindo, da análise do quadro V, verificamos que, - quanto à amostra, embora a zona rural tenha concorrido com elevado número, o maior contingente de famílias é constituído por aquelas vindas da zona urbana. Devemos lembrar, aqui, que estes dados se referem à residência imediatamente anterior à de Marília.

Podemos concluir que, embora o êxodo rural nas regiões da Alta Paulista e Nova Alta Paulista tenha sido bastante significativo, o maior número de famílias se deslocou para outras regiões, principalmente para a Grande São Paulo, e outros Estados.

Comparando-se os quadros III e V, verificamos que o número de famílias provenientes da zona urbana dos pequenos Municípios da Alta Paulistas e Nova Alta Paulista, é bastante significativo. Esses municípios têm sua vida econômica baseada estritamente na agricultura, não constituindo, a zona urbana, outra coisa senão um entreposto comercial para a zona rural. Ao declinar as atividades agrícolas, forçosamente a zona urbana deixa de oferecer mercado de trabalho, obrigando as famílias a procurar trabalho em outras localidades, principalmente as grandes cidades.

Residência E Migração Na Zona Rural

Cerca de 558 famílias, do total pesquisado, residiram na zona rural, como se pode ver no quadro VI. Apenas 5 famílias (cerca de 0,37% do total) não responderam ao quesito.

Como podemos observar, embora na análise do item anterior verificássemos que 486 famílias vieram diretamente da zona rural para Marília, temos que um total de 72 famílias se deslocaram da zona rural para a zona urbana de outro Município e posteriormente, dirigiram-se para Marília.

Comparando-se esses dados com os do quadro I do capítulo seguinte (tempo de residência em Marília), onde verificamos que cerca de 40,19% das famílias residem em Marília há menos de 10 anos, poderíamos crer que realmente estão ligados ao fenômeno do êxodo rural, embora um certo número de famílias que aqui residem há menos de 10 anos, vieram da zona urbana de outro Município.

Quanto ao deslocamento das famílias na zona rural, verificamos (quadro VII) que o maior número de famílias (233-41,76%) mudaram pelo menos uma vez; 156 mudaram duas vezes e 144, três vezes, 24, quatro vezes e apenas 19 mudaram cinco vezes. O número de famílias que mudaram mais de cinco vezes é pequeno: 10. Representando cerca de 1,79% das 558 que moraram na zona rural.

O quadro VII, não obstante, nos dá uma idéia do deslocamento das famílias na zona rural, em decorrência do fator de oferta de trabalho.



QUADRO I
Procedência Das Famílias
 1.972 / 1.973

ESTADO OU PAÍS	f _i		Total
	Capital	Interior	
São Paulo.....	36	1.128	1.164
Bahia.....	2	37	39
Mato Grosso.....	-	7	7
Paraíba.....	-	1	1
Pernambuco.....	1	17	18
Alagoas.....	-	6	6
Sergipe.....	-	1	1
Ceará.....	-	3	3
Rio de Janeiro..	-	3	3
Paraná.....	-	44	44
Minas Gerais.....	2	41	43
Pará.....	2	1	1
Piauí.....	-	2	2
Guanabara.....	2	-	2
TOTAL.....	43	1.293	1.336

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

QUADRO II
Procedência Das Famílias
 1.972 / 1.973

ESTADO OU PAÍS	%		
	CAPITAL	INTERIOR	TOTAL
São Paulo	83,72	87,24	87,13
Bahia	4,65	2,85	2,92
Mato Grosso	-	0,54	0,53
Paraíba	-	0,08	0,07
Pernambuco	2,33	1,32	1,35
Alagoas	-	0,46	0,45
Sergipe	-	0,08	0,07
Ceará	-	0,23	0,22
Rio de Janeiro	-	0,23	0,22
Paraná	-	3,40	3,30
Minas Gerais	4,65	3,17	3,22
Pará	-	0,08	0,07
Piauí	-	0,16	0,15
Guanabara	4,65	-	0,15
Portugal	-	0,16	0,15
TOTAL	100	100	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.



QUADRO II
Procedência Das Famílias
1.972 / 1.973

ESTADO OU PAÍS	%		
	CAPITAL	INTERIOR	TOTAL
São Paulo	83,72	87,24	87,13
Bahia	4,65	2,85	2,92
Mato Grosso	-	0,54	0,53
Paraíba	-	0,08	0,07
Pernambuco	2,33	1,32	1,35
Alagoas	-	0,46	0,45
Sergipe	-	0,08	0,07
Ceará	-	0,23	0,22
Rio de Janeiro	-	0,23	0,22
Paraná	-	3,40	3,30
Minas Gerais	4,65	3,17	3,22
Pará	-	0,08	0,07
Piauí	-	0,16	0,15
Guanabara	4,65	-	0,15
Portugal	-	0,16	0,15
TOTAL	100	100	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

QUADRO III
Procedência Das Famílias Segundo Micro Regiões Do Estado
 1.972 / 1.973

Zona de Procedência (Micro Região)	f _i	%
228		
231.....	6	0,51
234.....	10	0,86
235.....	15	1,29
236.....	16	1,37
237.....	10	0,86
239.....	80	6,87
240.....	4	0,34
241.....	147	12,63
242.....	34	2,93
243.....	4	0,34
244.....	10	0,86
245.....	290	24,91
246.....	42	3,61
247.....	5	0,43
248.....	8	0,69
250.....	13	1,12
251.....	50	4,30
252.....	10	0,86
254.....	5	0,43
260.....	4	0,34
262.....	47	4,04
266.....	6	0,51
Outras Micro Regiões	20	1,72
Marília - Zona Urbana	134	11,51
" " Rural	140	12,03
" " Urbana Distr.	49	4,21
TOTAL	1.164	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.



QUADRO V
Micro Regiões Do Estado De São Paulo
1.972/1.973

Nº	DENOMINAÇÃO
225	Alta Araraquarense de Fernandópolis
228	Barretos
229	Alta Mogiana
230	Planalto de Franca
231	Alta Noroeste de Araçatuba
233	Divisor São José dos Dourados-Tietê
234	São José do Rio Preto
235	Média Araraquarense
236	Serra de Jaboticabal
237	Ribeirão Preto
239	Nova Alta Paulista
240	Alta Noroeste de Penápolis
241	Baurú
242	Araraquara
243	Depressão Periférica Setentrional
244	Encosta Ocidental da Mantiqueira Paulista
245	Alta Paulista
246	Jaú
247	Rio Claro
248	Campinas
250	Alta Sorocabana De Presidente Prudente
251	Alta Sorocabana de Assis
252	Ourinhos
253	Serra de Botucatu
254	Açucareira de Piracicaba
255	Tatuí
257	Jundiaí
259	Vale do Paraíba Paulista
260	Campos de Itapetininga
262	Grande São Paulo
266	Baixada Santista

FONTE IBGE.



QUADRO V
Deslocamento Das Famílias
 1.972 / 1.973

Zona de Procedência	f _i	%
Urbana de Marília (distri- -to sêde)	134	10,03
Zona Urbana de Marília (outros dist.)	49	3,67
Zona Rural de Marília	140	10,48
Zona Urbana De Outros - Municípios	661	49,47
Zona Rural de Outros - Municípios	346	25,90
Não Responderam	6	0,45
TOTAL	1.336	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

QUADRO VI
Local Anterior De Residência Das Famílias
1.973 / 1.973

Morou na Zona Rural	fi	%
Sim	558	41,77
Não	773	57,86
Não Respondeu	5	0,37
TOTAL	1.336	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

1

QUADRO VII
Mobilidade De Emprego Na Zona Rural
L.972/1.973

Nº de vezes que mudou	f _i	%
1	233	41,76
2	156	27,96
3	114	20,43
4	24	4,30
5	19	3,40
6	7	1,25
7	2	0,36
8	1	0,18
Não Respondeu	2	0,36
TOTAL	558	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

FIXAÇÃO DA POPULAÇÃO

Tempo De Residência Em Marília

Os quadros I e II anexos nos demonstram que 22,16% das famílias pesquisadas moram em Marília há menos de 5 anos, ou seja, 296 famílias; 18,03% - 241 famílias - moram há mais de 5 e menos de 10 anos, enquanto cerca de 780 famílias (58,39%) --incluive as que se foram e sempre residiram aqui -- moram em Marília há mais de 10 anos.

É significativo, numa amostra de 1.336 famílias (que constitui cerca de 8,78% do total de famílias recenseadas no Censo Demográfico de 1970), cerca de 40,19% para aqui se deslocaram há menos de 10 anos, o que nos dá idéia do movimento migratório da população, não só em relação ao Estado como também em relação ao País, já que muitas dessas famílias vieram diretamente de outros estados para Marília.

Ainda, dentre esses 40,19%, 22,16% são famílias que residem em Marília há menos de 5 anos, o que vem corroborar a afirmação acima.

Por outro lado, embora o total de famílias que aqui residem há mais de 10 anos seja elevado, mesmo assim este dado vem confirmar, mais uma vez, o que afirmamos acima, já que apenas 74 famílias são de pais e mães marilienses.

Tempo de Residência No Bairro

Quanto ao tempo de residência no bairro, por ocasião da pesquisa, o maior número de famílias residia há menos de 3 anos (cerca de 54,65%) o que, se atentarmos para o quadro I, revela o deslocamento dessas famílias na zona urbana, já que esse quadro nos demonstra que apenas 13,18 do total de famílias pesquisadas residem em Marília há mais de 3 anos.

Ainda, o maior percentual é de famílias que residem r



bairro pelo espaço de tempo de até 1 ano (22,75%), (quadro III) .

As famílias que residem no bairro há mais de 10 anos somam 211 (cerca de 15,79%). As demais distribuem-se pelo espaço de tempo de mais de 3 a menos de 10 anos.

Podemos apreciar melhor esse deslocamento, observando o quadro IV. Aí podemos verificar que cerca de 55,01% das famílias residiam em outro bairro da cidade e cerca de 6,89% residiam no mesmo bairro, mudando apenas de domicílio.

Afora estes, mais de 3,15% que não especificaram o local onde residiam antes, os demais são provenientes ou da zona rural e outros distritos do Município, ou de outros Municípios,, sendo que 18 famílias vieram diretamente da Capital do Estado.

Quanto aos motivos porque se mudaram, as respostas, como normalmente deveria ocorrer, foram as mais variadas, como se pode constatar no quadro V.

Entretanto, a compra de casa própria foi o motivo que apresentou maior número de respostas, já que a percentagem dessa resposta é de 30,54%.

Este fato se explica em razão da construção de 2 núcleos de casas populares na cidade: Núcleo Habitacional Castelo Branco e Núcleo Habitacional Costa e Silva, embora nem todos que compraram casa própria, compraram-nas em um destes núcleos.

A procura de melhor emprêgo, com maior renda apresentou também um número elevado de respostas: 323 (cerca de 24,13%). Se acrescentarmos a este total o número de respostas "ficou desempregado" (29 respostas), teremos aquele percentual, acrescido para 26,35% o que representa uma boa parte da amostra.

Estes dados vêm confirmar a posição de polo sócio-econômico de Marília, já que, na fuga à falta de trabalho e condições de vida precárias, os indivíduos para aqui se deslocam, em busca de solução para os seus problemas. Mas nem sempre o conseguem, visto que a cidade, apesar do relativo desenvolvimento eco



nômico urbano que apresenta, não oferece trabalho em larga escala, principalmente em número suficiente para absorver a oferta de mão-de-obra, não só da própria cidade, como também de outras regiões que a procuram.

Estes indivíduos vêm engrossar as fileiras do desemprego ou do sub-emprego que se manifesta das mais variadas formas:--volante rural, prestação de serviços que não implica em qualificação de mão-de-obra, etc.

As demais respostas que apresentam certa relevância, referem-se ao término do contrato de aluguel ou ao desconforto da casa: 8,68 e 8,61 respectivamente.

As demais são por motivos vários e apresentam uma percentagem sempre inferior a 4%.

No entanto, devemos salientar, ainda, as respostas que se referem à procura de instrução para os filhos, em número de 27 (2,02%) que, assim como aquelas que se referem à procura de emprego, estão relacionadas com as famílias provenientes ou da zona rural ou da zona urbana dos pequenos municípios da Região.

Quanto à escolha do bairro para morar, as respostas referentes à compra de casa própria, como não poderia deixar de ser, foram as que apresentaram maior percentual (31,51%), um pouco maior que a dada no item acima (por que se mudou?), (quadro VI)

A seguir, devemos destacar a resposta "não encontrou outro local", que representa cerca de 15,20% do total das respostas ao quesito. Esta percentagem nos dá idéia não só da falta de casas na cidade, como também do alto preço do aluguel, que apresenta um dos índices mais altos do país.

Os dados acima, para corroborar a afirmação do parágrafo anterior, podem ser correlacionados com as respostas referentes ao preço do aluguel, no nível de vida e à falta de recursos. As últimas,, somadas, dão-nos o percentual de 18,48%, o que é, de certa forma, relevante, para a caracterização do problema da cidade "pobre", no conjunto da população da cidade.

É interessante notar que, aqui, as respostas relacionadas com a procura de trabalho apresentaram um índice baixo: 3,44 %, o que se explica pela natureza da pergunta.

As demais respostas são pelos mais variados motivos, merecendo destaque às que se referem às condições do bairro e ao fato de as famílias terem gostado do bairro e que, de certa forma, estão correlacionadas.



QUADRO I
Tempo De Residência Das Famílias Em Marília
 1.972 / 1.973

PERÍODO		
- de 1 Ano.....	70	5,24
de 1 a - de 2 anos....	47	3,52
de 2 a - de 3 anos....	59	4,42
de 3 a - de 4 anos....	50	3,74
de 4 a - de 5 anos....	70	5,24
de 5 a - de 6 anos....	54	4,04
de 6 a - de 7 anos.....	47	3,52
de 7 a - de 8 anos....	44	3,29
de 8 a - de 9 anos....	58	4,34
de 9 a - de 10 anos...	38	2,84
de 10 a- de 15 anos...	217	16,24
de 15 a- de 20 anos...	352	26,35
de + de 20 anos...	166	12,43
Sempre Moraram em Marília	45	3,37
Não Responderam.....	19	1,42
TOTAL.....	1.336	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

QUADRO II

Tempo De Residência Das Famílias Em Marília
1.972 / 1.973

Período	f _i	%
- de 5 anos	296	22,16
5 a - 10 anos	241	18,03
+ de 10 anos	780	58,39
Não responderam	19	1,42
TOTAL	1.336	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta
inclusive as famílias que se formaram e sempre residiram
em Marília

QUADRO III
Tempo De Residência Das Famílias No Bairro
1.972/1.973

Periodo	f _i	%
Até 1 ano	304	22,75
+ de 1 a 2 anos	201	15,05
+ de 2 a 3 anos	225	16,85
+ de 3 a 4 anos	117	8,76
+ de 4 a 5 anos	66	4,94
+ de 5 a 7 anos	94	7,03
+ de 7 a 10 anos	118	8,83
+ de 10 a 15 anos	102	7,63
+ de 15 anos	109	8,16
TOTAL	1.336	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.



QUADRO V

Movim. De Imigrantes Das Famílias

1.972 / 1.973

QUADRO IV

Local Anterior De Residência Das Famílias

1.972/1.973

Onde morava antes	f _i	%
Outro bairro da cidade	735	55,01
Mesmo bairro	92	6,89
Zona rural do município	149	11,15
Outro distrito	30	2,25
Capital do estado	18	1,35
Outro município	240	17,96
Outro Estado	29	2,17
Outro País	1	0,07
Não Especificou	42	3,15
TOTAL	1.336	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

QUADRO V

Motivo De Mudanças Das Famílias

1.972 / 1.973

Por que se mudou?	f _i	%
Comprou Casa	408	30,54
O dono pediu a casa (por termino de contrato)	116	8,68
Aluguel Caro	52	3,89
A casa era Cedida	23	1,72
Motivos Familiares	41	3,07
A procura de melhor emprego ou melhores condições de vida.	323	24,18
Ficou desempregado	29	2,17
A procura de instrução para - os filhos	27	2,02
A casa anterior não oferecia - conforto	115	8,61
O bairro não oferecia condições.	17	1,27
Longe do trabalho	25	1,87
Não gostavam do bairro	53	3,97
Máu relacionamento com os - vizinhos	8	0,60
Não se acostumaram na cidade - em que moravam	4	0,30
Por Motivo de doenças	18	1,35
Por transferência no trabalho	18	1,35
Outros motivos	17	1,27
Não responderam	42	3,14
TOTAL	1.336	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta



QUADRO VI

Motivo Da Escolha Do Local De Moradia

1.972 / 1.973

Por que escolheu este lugar para morar ?	f _i	%
Adquiriram casa própria	421	31,51
Aluguel barato	118	8,83
O bairro oferece condições	132	9,88
Gostam do bairro	124	9,28
A casa é mais confortável	32	2,40
A casa é cedida	64	4,79
O bairro está de acordo com - o nível de vida.	50	3,74
Por ter amigos no bairro	11	0,82
Não encontrou outro local	203	15,20
À procura de trabalho	46	3,44
Por falta de recursos	15	1,12
Por motivos familiares	26	1,95
Perto do serviço	50	3,74
Perto do centro	16	1,20
Outros motivos	20	1,50
Não respondeu	8	0,60
TOTAL	1.336	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.



ASPIRAÇÃO DE MUDANÇA

Neste ítem, procuramos analisar as pretensões de mudança, do bairro ou da cidade.

Quando a resposta foi "sim", inquirimos o motivo e para onde pretendiam mudar-se. Quando a resposta foi "não", também inquiríamos o motivo, procurando constatar as razões que poderiam levar ou não as famílias a uma fixação.

Assim é que, das 1.336 famílias, apenas 266 responderam "sim"; 1.063 responderam "não" e apenas 7 deixaram de responder ao quesito, como se pode ver na tabela abaixo:-

Pretende mudar-se da vila?	f_i	%
sim	266	19,91
Não	1.063	79,57
Não respondeu	7	0,52
F_t	1.336	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

Quanto às respostas positivas, podemos ver (quadro I), que as relacionadas com as condições de higiene e saúde apresentam o maior índice: 18,42%, enquanto as relacionadas com as condições de trabalho detêm o 2º maior índice: 17,67%. Os que pretendem se mudar por estar desempregados são em número de 25(9,40%). Estes dois últimos dados vêm confirmar o que foi dito acima quanto à oferta de trabalho em Marília.

As respostas que se referem à adaptação das famílias ao bairro, apresentam, também, um índice alto: 10,53%.

Deve-se destacar, também, as respostas que se referem à distância do local de residência em relação ao Centro de Cidade (10,15%), o que poderia indicar certo nível de aspiração de

mudança quanto ao status, se levarmos em conta que o local de residência é um de seus indicadores.

As demais respostas, a nosso ver, não apresentam tanta relevância já que, de uma forma ou de outra, estão relacionadas com as analisadas acima.

Para melhor esclarecermos esta nossa análise, podemos nos reportar ao quadro II (para onde pretende dirigir-se a família).

Assim, vemos que os maiores índices pertencem às respostas "para perto do cento". Índice igual cabe aos que responderam "não saber ainda, para onde se mudar", enquanto os que pretendem mudar-se para outro bairro, sem especificar de que tipo, somam 13,91%.

Como se pode ver, o maior número de respostas se referem a uma aspiração de mudança na própria cidade, atentando-se, ainda, para as respostas: "para perto do trabalho", "para uma casa que ofereça condições de conforto".

As respostas que se relacionam com mudança da cidade, estão distribuídas da seguinte forma: "para outro estado"=5; "para outra cidade"=48; "para a zona rural"=23 e "para onde encontrar trabalho"=2. Somados os índices referentes a essas respostas, obtemos o percentual de 29,32% das famílias com aspiração de mudança e que representa o maior índice das respostas neste sentido. Aqui, mais uma vez temos a confirmação de que a cidade não oferece condições de adaptação para o egresso da zona rural já que os que pretendem se dirigir à zona rural somam cerca de 8,65% do total de respostas positivas. Devemos atentar, não obstante, que no contexto geral da amostra, esse índice é insignificante (1,72%).

Quanto aos que não pretendem mudar de bairro, podemos ver (quadro III) que o maior número é de famílias que têm casa própria (33,40%). A seguir, a maior porcentagem é dos que não pretendem mudar porque gostam do bairro (25,21%).

Agora os que não responderam porque não querem mudar-se (11,10%), as porcentagens mais significativas são dos que consideram o aluguel de acordo com suas possibilidades financeiras e os que responderam que o bairro tem recursos (7,53%). 3,01% não pretendem mudar porque a residência fica perto do local de trabalho; enquanto 2,82% não o fazem porque não têm condições de mudar.

As demais respostas são em pequeno número, com excessão dos que alegaram "outros motivos" para não mudar.

QUADRO I
Motivos Das Aspirações a Mudança
 1.972 / 1.973

Se sim , por que ?	f _i	%
Comprou casa propia	9	3,38
Não gosta do bairro	28	10,53
Está desempregado	25	9,40
O bairro não oferece condi -- -- ções sanitárias , etc.	49	18,42
Para melhorar de emprego ou - de nível de vida	47	17,67
A casa não oferece conforto	25	9,40
Não gosta dos vizinhos	8	3,01
O aluguel é caro	14	5,27
O bairro é distante do centro	27	10,15
Não gosta da cidade	9	3,38
O dono pediu a casa	8	3,01
Outros motivos	12	4,50
Não respondeu	5	1,88
TOTAL	266	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

QUADRO II

Locais Pretendidos Para Mudanças

1.972/1.973

Se sim , para onde ?	fi	%
Outro estado	5	1,88
Outra cidade	48	18,04
Zona rural	23	8,65
Outro bairro	37	13,91
Perto do centro	65	24,44
Para perto do trabalho	5	1,88
Para uma casa que ofereça - condições de conforto	14	5,26
Para uma casa de aluguel - mais barato	2	0,75
Para onde encontrar trabalho	2	0,75
Não sabe ainda	65	24,44
TOTAL	266	100

FONTE dos dados brutos Pesquisa Direta.

QUADRO III
Famílias Que Não Pretendem Mudar De Bairro
 1.972 / 1.973

Se não , por que ?	f _i	%
Gosta do bairro	268	25,21
A casa é propia	255	33,40
O bairro tem recursos	80	7,53
O aluguel está de acôrdo com sua possibilidade financeira	83	7,81
Não paga aluguel	21	1,98
Fica perto do trabalho	32	3,08
Gosta da casa	18	1,69
Tem boas amizades no bairro	15	1,41
Parentes moram perto	10	0,94
Não tem condições de mudar	30	2,82
Fica perto da escola para - - os filhos	8	0,75
Outros motivos	25	2,35
Não responderam	118	11,10
Total	1.063	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

HABITAÇÃO

As relações íntimas que existem entre as condições de habitação e as condições de saúde e produtividade de uma população ressaltam a importância do estudo das condições de habitação no plano geral de uma pesquisa sobre nível de vida.

O estudo da habitação ocupada pela nossa população amostral revela que, numa cidade que podemos considerar rica - do ponto de vista da produção agrícola e industrial - as moradias deixam muito a desejar quanto às condições de higiene (saúde) e conforto.

Condições De Ocupação

Das 1.331 moradias levantadas (o número de residências difere do total de famílias pesquisadas, em razão de 5 famílias ser conviventes), cerca de 51,77% são de propriedade das famílias; 42,97% são alugadas; 4,81% são cedidas e 0,45 estão ocupadas sob outra forma.

Estas últimas são habitações situadas no Bairro Monte Castelo, onde cerca de 30 famílias construíram barracos no meio de uma rua próxima à cerca de uma fazenda.

Embora o número de casas próprias seja elevado (689), a maior parte é constituída de casas populares situadas nos núcleos habitacionais Castelo Branco e Costa e Silva, o que, considerando-se a qualidade e condições de conforto dessas residências, não indica que estas famílias estejam muito bem quanto à habitação.

A nosso ver, o fato de maior relevância relaciona-se com as habitações coletivas, isto é, ocupadas por mais de uma família, — às vezes mesmo quatro, cinco, até seis, como é o caso de cortiços situados no Bairro Mirante e Vila Palmital, sem se falar da chamada "Favela da Mamona", no Bairro Monte Castelo.

Do total de 642 casas que não são próprias, 176 são coletivas, o que significa 13,20% da amostra (quadros I e II).



Por estar situadas na periferia e sob estas condições de ocupação, temos aí caracterizado o fenômeno do favelamento, que, aliado a uma série de outros problemas de igual ou maior gravidade colocam uma certa parcela da população nas piores condições de sobrevivência.

Condições Gerais Da Habitação (quanto à construção)

A maior parte das moradias pesquisadas têm suas paredes de madeira: 974 (73,18%), e 318 (23,89%) são de tijolos. Deve-se salientar que a quase totalidade das casas de tijolos estão situadas nos dois núcleos já citados (quadro III).

Cerca de 15 moradias têm suas paredes construídas parte de tijolos e parte de madeira: 5 casas são de pau-a-pique e 19 construídas de material o mais variado: latas, papelão, tábua de caixote, zinco, bambu, etc.

Estas moradias de pau-a-pique e de outros materiais, estão todas elas situadas na "Favela da Mamona".

Estado De Conservação

Para avaliar o estado de conservação das habitações, procurou-se constatar se as paredes não apresentavam rachaduras, (quando de tijolos) ou se não havia tábuas apodrecidas (quando de madeira); se o telhado estava em ordem e se eram de telha; se o piso era de madeira ou tijolos e se estava em perfeitas condições.

Segundo estes critérios, 489 moradias estavam em boas condições (cerca de 36,74%); 688 em condições razoáveis (51,69%) e 154 (11,57%) em precário estado de conservação, como se pode ver pela tabela abaixo:

Estado de Conservação	f_i	%
Bom	489	36,74
Razoável	688	51,69
Precário	154	11,57
F_t	1.331	100

FONTE dos dados Brutos: Pesquisa Direta

Iluminação, Água e Esgoto

Quanto à iluminação, a quase totalidade das habitações pesquisadas dispõe de eletricidade fornecida pela rede pública (88,96%), enquanto 72 usam o lampião a querosene e 41, lamparinas. 33 das moradias lançam mão dos mais variados materiais para iluminação e 1 não dispõe de nenhuma iluminação, como se pode ver na tabela abaixo:

Iluminação	f_i	%
rede pública	1.184	88,96
lâmpião a querosene	72	5,41
lamparina	41	3,08
outro	33	2,48
nenhuma	1	0,07
F_t	1.331	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

As que não dispõem de rede pública estão situadas na Favela da Manona, Bairro Mirante, Vila Palmital e Vila Barros.

Quanto à água, também o maior número de residências fazem uso da rede pública: 1.076 (80,84%), como se pode ver na tabela abaixo:

Água	f_i	%
rede pública	1.076	80,84
torneira pública	51	3,83
poço	153	11,50
outro	24	1,80
nenhuma	27	2,03
F_t	1.331	100

FONTE de dados brutos: Pesquisa Direta

51 residências se utilizam de torneiras públicas, situadas nos bairros São Miguel e Parque São Jorge, 2 no primeiro e 1 no segundo.

153 residências (11,50%) utilizam água de poço, enquanto 27 não dispõem de água e 24 utilizam água de mina ("Favela da Mamona" e Vila Palmital-trocho situado nas imediações do limite da zona urbana).

Como se vê, quanto à água, um relativo número de famílias se expõem a doenças, já que aquelas minas estão contaminadas conforme análise feita por acadêmicos da Faculdade de Medicina de Marília,

Quanto ao esgoto, a situação é grave, visto que 45,98% das residências fazem uso de fossa negra; 11,12% não dispõe de local para lançar os seus dejetos.

Apenas 36,14% das famílias dispõem de rede pública e 6,54% de fossa séptica, como se observa pela tabela apresentada a seguir:

Esgôto	f_i	%
rede pública	481	36,14
fossa séptica	87	6,54
fossa negra	612	45,98
outra	3	0,22
nenhuma	148	11,12
F_t	1.331	100

Número De Cômodos Dos Imóveis

A maior parte das residências (515) dispõem de quatro cômodos: 2 dormitórios, sala e cozinha. As que dispõem de cinco somam 318 e 182 dispõem de mais de cinco cômodos, como o demonstra o quadro IV anexo.

Entretanto, 191 habitações dispõem de apenas 3 cômodos 82 de apenas 2 e 43 de apenas 1 cômodo. Em razão disso, temos 138 residências que utilizam pelo menos 1 cômodo para mais de uma função. Além do que, os dormitórios se assemelham a verdadeiros depósitos de pessoas, visto que justamente as famílias mais numerosas dispõem de menor número de cômodos.

Existência E Utilização De Terreno Livre

Procurou-se saber se as residências dispõem de terreno livre, não só para verificação das condições da habitação, como também, no caso de haver quintal, o seu uso.

Assim, quanto a este aspecto, as famílias estão em precárias condições, já que 573 das residências não dispõem de terreno livre (43,05%). Tal situação faz com que as crianças não disponham de local para recreação, utilizando-se das ruas.

Quanto à utilização do terreno livre, das 758 residên-



cias que dele dispõem (quadro V), a maior parte (76,91%) não faz nenhum uso. Dos restantes, 29,95% têm árvores frutíferas plantadas no quintal; 19,52%, horta; 17,41%, jardim e 5,80% criam animais ou aves (quadro VI).

Tal situação demonstra que não há interesse ou esclarecimento por parte das famílias, para uma melhor utilização do quintal, o que, no caso de horta ou pomar, poderia complementar a dieta alimentar dessas famílias.

Equipamentos Domésticos

I - Fogão

70,62% dos domicílios pesquisados usam fogão a gás (940) e 26,15% (348) usam fogão a lenha; 12 usam fogão a carvão; 12 não têm nenhum tipo de fogão e 19 preparam seus alimentos de outra forma: com tijolos no chão, lata — nesse caso, o combustível é o pó-de-serra (aparas de madeiras, conseguidas em serrarias). (Quadro VII).

Se por um lado o grande número de domicílios que tem fogão a gás revela a penetração do consumismo nessas famílias, e se tomarmos este elemento como parâmetro, por outro lado, constatamos que os restantes, quase 30% dos domicílios, não têm quaisquer condições de adquirir um fogão deste tipo, quando o sistema de crediário oferece muitas possibilidades de aquisição. Ainda como elemento corroborador do que foi afirmado acima, devemos lembrar que 31 famílias não dispõem de fogão ou usam outros meios para preparar seus alimentos.

II - Casas

Quanto ao leito, podemos ver (quadro VIII) que a situação não é tão grave, já que apenas 5 famílias não dispõem de cama de casal ou de solteiro.

Não obstante, devemos lembrar que, o leito para dormir é o mínimo que se exige para que o indivíduo não se degrade mais.

III - Outros Equipamentos

Quanto aos demais equipamentos, os mais utilizados pelas famílias pesquisadas são o ferro elétrico e o rádio, conforme demonstra o quadro IX. Ainda, o relógio (de casa), chuveiro elétrico e liquidificador aparecem com alta porcentagem.

Quanto à televisão, cerca de 30,88% dos domicílios(411) a possuem.

Com exceção do ferro a carvão, que é utilizado por 129 famílias, podemos ver (quadro IX) que a utilização de certos equipamentos domésticos poderia revelar um regular nível de vida das famílias pesquisadas. Queremos crer, entretanto, e a análise, mais adiante, do nível de renda e estrutura ocupacional dessas famílias vai demonstrar, que isso se deve mais ao efeito-consumo e o sistema de venda a crédito do que a um real nível de vida regular.

QUADRO I
Condições De Ocupação Das Habitações
1.972 / 1.973

CONDIÇÃO DE OCUPAÇÃO	Unidades		Total
	Individual	Coletiva	
Próprio	698	-	689
Alugado	406	166	572
Cedido	55	9	64
Outro	4	2	6
TOTAL	1.154	177	1.331

FONTE dos dados brutos: Pesquisa direta.

QUADRO II
Condições De Ocupações Das Habitações
 1.972 / 1.973

CONDIÇÃO DE OCUPAÇÃO	UNIDADES		Total
	Individual	Coletiva	
Próprio	51,77	-	51,77
Alugado	30,50	12,47	42,97
Cedido	4,13	0,68	4,81
Outro	0,30	0,15	0,45
TOTAL	86,70	13,30	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

QUADRO III
Material De Construção Das Habitações
 1.972/1.973

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO		f_i	%
P A R E D E S	Tijolos.....	318	23,89
	Madeira.....	974	73,18
	Páu a pique.....	5	0,37
	Madeira/tijolos.....	15	1,13
	Outro.....	19	1,43
	TOTAL.....	1.331	100,00
C C B E R T U R A	Telha.....	1.301	97,75
	Tábua.....	10	0,75
	Sapé.....	6	0,45
	Outro.....	14	1,05
	TOTAL	1.331	100
P I S O	Madeira.....	591	44,40
	Tijolos	351	26,37
	Chão batido.....	48	3,61
	Cerâmica.....	47	3,53
	Madeira/tijolos.....	277	20,81
	Madeira/cerâmica.....	16	1,20
	Tijolos/chão batido....	1	0,08
	TOTAL	1.331	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

QUADRO IV

Número De Cômodos Das Residências

1.972/1.973

NUMEROS DE CÔMODOS	f_i	%
1	43	3,23
2	82	6,17
3	191	14,35
4	515	38,69
5	318	23,89
+5	182	13,67
TOTAL	1.331	100

Nº de residências com pelo-
menos 1 cômodo servindo à -
+ de 1 função.

138

10,36

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

QUADRO V

Disponibilidade Das Habitações Em Terreno Livre
1.972 / 1.973

Acasa tem terreno livre ?	f _i	%
Sim	758	56,95
Não	573	43,05
TOTAL	1.331	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

QUADRO VI

Utilização do Terreno Livre

1.972 / 1.973

ESPECIFICAÇÃO	f _i	%
JARDIM.....	132	17,41
HORTA.....	148	19,52
criação de aves/animais.	44	5,80
POMAR.....	227	19,95
NENHUM USO.....	583	76,91
TOTAL.....	1.331	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

Obs. A soma das alíneas não coincide com o total de res
 - idências , em razão de haver mais de uma utili -
 -zação do terreno livre.

QUADRO VIII

Especificação Dos Equipamentos Domésticos

QUADRO VII

Especificação Dos Equipamentos Domésticos- Fogão

1.972 / 1.973

Especificação	f _i	%
À lenha	348	26,15
gás	940	70,62
À carvão1	12	0,90
Outros	19	1,43
Nenhum	12	0,90
TOTAL	1.331	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

QUADRO IX

Especificação Dos Equipamentos Domésticos

Especificação Dos Equipamentos Domésticos

1.972 / 1.973

ESPECIFICAÇÃO Nº DE CAMAS.	CASAL	SOLTEIRO	OUTRO
1	827	619	8
2	397	340	-
3	57	166	-
4	6	47	-
5	1	14	-
5	1	5	-
Nenhuma	1	8	-

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

Rádio.....
Sofá.....

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

QUADRO IX

Especificação Dos Equipamentos Domésticos OutrosEquipamentos

1.972 / 1.973

ESPECIFICAÇÃO	f _i	%
Ferro elétrico.....	1.137	85,42
Ferro a carvão.....	129	9,69
Chuveiro.....	492	36,96
Relógio (de casa).....	746	56,05
Liquificador.....	417	31,33
Filtro p/ água.....	335	24,42
Geladeira.....	396	29,75
Enceradeira.....	171	12,85
Televisão.....	411	30,88
Rádio.....	951	71,45
Sofás.....	308	23,14

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

SAUDE

A análise do nível de saúde, quanto à população "pobre" traz em si um problema, já que as famílias dificilmente têm conhecimento de que são vítimas, apontando aquelas mais evidentes, em resultado de uma experiência anterior, o que se pode notar pelas doenças citadas como causa-mortis.

Acrescente-se, ainda, que, dada a impossibilidade ou ausência de exames médicos criteriosos, as informações prestadas pelas famílias entrevistadas podem apresentar distorções impossíveis de corrigir.

Utilização de Recursos

Quanto aos recursos procurados por ocasião de doenças, 63,70% das famílias se dirigem ao I.N.P.S. e apenas 10,62% recorrem a médicos particulares, numa evidência da falta de recursos materiais dessas famílias.

51,65% das famílias procuram, ainda, os recursos postos à disposição da população pelo Governo do Estado ou do Município e entidades particulares, como demonstra o quadro I.

9,88% procuram farmacêuticos; 4,64% benzedores e 0,37% terreiros de Umbanda; 0,37% não procuram recurso nenhum e 1,05%, outros recursos.

Se, como vimos, estes dados indicam uma situação de "pobreza" dessa população, já que não dispõem de recursos para pagar médicos, por outro lado evidenciam a utilização dos recursos postos à sua disposição, visto que uma minoria ainda se prende a formas não racionais de tratamento de suas doenças.

Mortalidade

De 1961 a 1972, ocorreram 396 óbitos nas famílias pesquisadas, sendo que 1961 apresentou maior número de óbitos.

Como se pode observar no quadro II, com exceção dos anos de 1961, 1969 e 1971, nos demais anos tivemos uma regularidade

de quanto ao número de óbitos, o que significa que os índices de mortalidade baixaram, em relação ao aumento do número de pessoas nessas famílias.

Quanto à idade, o maior número de óbitos ocorreu na faixa 0—1 ano. Também a faixa de + de 50 anos apresentou um alto índice de mortalidade, no período, em relação às demais faixas etárias, como se observa no quadro III.

Quanto à "causa-mortis", como demonstra o quadro IV, o maior número de óbitos se deve a causas não determinadas, o que significa falta de assistência médica.

Realmente, este é um problema grave, já que a falta de esclarecimento quanto aos recursos de saúde disponíveis ou a falta de condições financeiras fazem com que os indivíduos não procurem os médicos, quando doentes.

Afora as causas não determinadas, o maior índice de óbitos se deve a doenças do aparelho circulatório e a moléstias infecto-contagiosas.

Estas últimas são um mal que grassa entre a população pobre, que não dispõe de condições de higiene para evitá-las.

As demais causas de óbitos apresentam um pequeno índice.

Assistência À Natalidade

Quanto à assistência à natalidade, o maior número de filhos, nestas famílias, tiveram a assistências de parteiras, no próprio domicílio, como demonstra o quadro V. Entretanto, não foi possível determinar se essas parteiras eram preparadas através de um curso regular ou não, sendo mais provável que não.

A seguir, o recurso mais utilizado tem sido a Maternidade e o hospital.

Como se observa, o número de filhos nascidos com assistência que não médica é elevado.

Podemos afirmar que atualmente os recursos hospitalares são mais procurados, ao contrário de há alguns anos, quando os filhos nasciam sem assistência, o que explica o grande número de nascidos com assistência de parteiras ou outros.

Natividade

Quanto à natividade, pode-se observar no quadro VI que a média de filhos nascidos vivos por mãe é de 4,39, o que dá um índice regular de fertilidade.

Quanto aos nascidos mortos, a média é de 1,82 por mãe, sendo que apenas 261 mães tiveram filhos nati-mortos.

O quadro VII nos demonstra a ocorrência de abortos.

Embora o período de gestação mais propício ao aborto seja o 2º trimestre, em que realmente incidiu a maior média-2,74 por mãe-, no caso das famílias estudadas, o maior número de abortos ocorreu no 1º trimestre: 212 para 126 mães.

O fato de a maior média estar no 2º trimestre é explicado em razão de, embora o número de mães seja apenas 75, ocorreram 206 abortos, isto quer dizer que cada mãe abortou mais vezes.



QUADRO I

Recursos Procurados Pela Família Nas Casos de Doença
1.972 / 1.973

RECURSO PROCURADO	f _i	%
Médico particular.....	142	10,62
I.N.P.S.	851	63,70
Outros Institutos ou assos- -siação profissional.....	13	0,97
Posto de Saúde.....	193	14,45
Pronto socorro.....	223	16,70
Ambulatório de Santa Casa..	191	14,29
" do Hosp.de clinicas	83	6,21
Farmacêutico.....	132	9,88
Benzedor.....	62	4,64
Terreiro.....	5	0,37
Outros.....	14	1,05
Nenhum.....	5	0,37

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

Obs. 1) Notar que uma família pode procurar mais de um-
-recurso , razão porque o total de famílias não
coincide com o total das alíneas.

2) Os valores percentuais foram calculados sobre -
1.336 , que é o total de familias pesquisadas.

QUADRO II
Mortalidade Nas Famílias Pesquisadas
 1.961 / 1.972

ANOS	f _i	%
1.961.....	54	13,64
1.962.....	24	6,06
1.963.....	22	5,55
1.964.....	33	8,33
1.965.....	32	8,08
1.966.....	32	8,08
1.967.....	31	7,83
1.968.....	32	8,08
1.969.....	42	10,61
1.970.....	34	8,59
1.971.....	50	12,63
1.972.....	10	2,52
TOTAL.....	396	100

FONTE dos dados brutos Pesquisa Direta.

QUADRO III

Mortalidades Nas Fam'ílias Pesquisadas

1.961 / 1.972

FAIXA ETÁRIA	f _i	%
Até 1 ano	177	44,70
+ de 1 ano a 4 anos.....	45	11,37
+ de 4 ans a 10 anos.....	17	4,30
+ de anos a 16 anos.....	10	2,53
+ de 16 anos a 25 anos....	23	5,81
+ de 25 anos a 40 anos....	22	5,56
+ de 40 anos a 50 anos....	30	7,55
+ de 50 anos.....	72	18,18
TOTAL.....	396	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

QUADRO IV
"Causa Mortis" Identificada
 1.961 / 1.972

CAUSA-MORTIS	f _i	%
Doenças do aparelho respirat' -tório.....	30	7,58
Doenças do aparelho circula- -tório.....	85	21,46
Doenças do aparelho digesti- -vo	23	5,81
Acidente	21	5,30
Homicídio	3	0,76
Doenças do sistema nervoso .	9	2,27
Doenças do metabolismo	3	0,76
Doenças do sangue	5	1,26
Suicídio	2	0,51
Doença glândular	1	0,25
Doenças do aparelho urinário	4	1,01
Neoplasma	15	3,79
Doenças do parto	6	1,52
Moléstias infecciosas	53	13,38
Causa indeterminada	136	34,34
TOTAL	396	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.



QUADRO V
Assistência a Natividade
 1.972 / 1.973

RECURSO UTILIZADO	Nº DE MÃES	Nº DE FILHOS
Maternidades	630	1.849
Hospital	102	291
Farmacêutico	3	10
Em casa com vizinhos	52	239
Em casa com parteira	591	2.789
Em casa sem nenhuma assist.	8	34
Outro	2	9

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

RECURSO	DISCRIMINAÇÃO	TOTAL
Maternidade	Nº de mães - 126	1,76
Hospital	Nº de filhos - 212	
Farmacêutico	Nº de mães - 79	0,74
Em casa com parteira	Nº de filhos - 206	2,74
Em casa sem nenhuma assist.	Nº de mães - 40	1,37
Outro	Nº de filhos - 76	

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

QUADRO VI
Natividade

1.972/1.973

NASCIMENTO	DISCRIMINAÇÃO	MÉDIA
NASCIDOS VIVOS	Nº de mães - 1.277 Nº de filhos - 5.614	4,39
NASCIDOS MORTOS	Nº de mães - 261 Nº de filhos - 476	1,82

FONTE dos dados brutos Pesquisa Direta.

QUADRO VII

ABORTO

1.972/1.973

ÉPOCA	DISCRIMINAÇÃO	MÉDIA
1º TRIMESTRE	Nº de mães - 126 Nº de filhos - 212	1,76
2º TRIMESTRE	Nº de mães - 75 Nº de filhos - 206	2,74 2,74
3º TRIMESTRE	Nº de mães - 48 Nº de filhos - 66	1,37

FONTE dos dados brutos Pesquisa Direta.

CONSUMO ALIMENTAR

A dieta alimentar desempenha importante função na determinação das condições gerais de vida de uma determinada população.

Em vista disso, procurou-se levantar dados sobre o consumo alimentar dessas 1.336 famílias. Deve-se ressaltar que esses dados foram colhidos a partir das informações prestadas pelos entrevistados sobre a sua alimentação diária, não sendo possível determinar a quantidade e seu valor em calorias. Não obstante, as informações colhidas permitem uma visualização da ocorrência alimentar da população pesquisada.

Observando os quadros I, II e III anexos, vemos que a dieta alimentar da quase totalidade das famílias tem, como base, o arroz, o feijão e, em menor escala, o pão.

Quanto à carne, o número do que a consomem diariamente é irrisório, sendo elevado o número dos que não a consomem, como se observa no quadro I.

Quanto ao peixe, de alto teor nutritivo, absolutamente faz parte da dieta dessas famílias, já que 1.082 famílias não o consomem e apenas 13 o consomem diariamente.

Em relação ao leite, podemos ver que apenas 41,54% o consomem diariamente; 19,99%, pelo menos uma vez por semana e 38,47% não o consomem. A verdura (hortaliças) é bastante consumida, já que 55,39% das famílias a consomem diariamente, enquanto 27,84%, pelo menos uma vez por semana e 16,77% não a consomem.

As frutas são consumidas diariamente por 35,10% das famílias; 30,69% as consomem pelo menos uma vez por semana e 34,21% não as consomem.

Quanto ao consumo de ovos, temos a seguinte situação:- 22,53% das famílias o consomem diariamente; 55,34%, pelo menos uma vez por semana e 4,93% não consomem.

Com relação aos cereais e seus derivados, o arroz e o



feijão são consumidos, diariamente, pela quase totalidade das famílias, embora 0,60% não consomem arroz e 0,67% não consomem feijão.

O pão também apresenta um elevado índice de consumo :- 84,28% das famílias o consomem diariamente: 7,41%, pelo menos 1 vez por semana e 8,31% não o consomem.

Os demais produtos arrolados no quadro III, apresentam um baixo índice de consumo. Apenas a batata inglesa apresenta um índice de 72,83% de consunção pelo menos uma vez por semana e o macarrão, 59,96%, para o mesmo espaço de tempo.



QUADRO I
Consumo de Carne Por Família
 1.972 / 1.973

ESPECIFICAÇÃO	Diariamente		Pelo menos 1 vez p/semana		Não con- -sistem	
	f _i	%	f _i	%	f _i	%
Vaca	77	5,76	444	33,24	815	61,00
Porco	36	2,70	203	15,19	1097	82,11
Frango	7	0,52	362	27,10	967	72,38
Peixe	13	0,98	241	18,03	1082	80,99

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

QUADRO II
Consumo Alimentar Por Família
 1.972 / 1.973

ESPECIFICAÇÃO	Diariamente		Pelo menos 1 vez por semana		Não con- -somen	
	f _i	%	f _i	%	f _i	%
Leite.....	555	41,54	267	19,99	514	38,47
Manteiga.....	661	49,48	160	11,97	515	38,55
Queijo.....	161	12,05	228	17,07	947	70,88
Verdura.....	740	55,39	372	27,84	224	16,77
Frutas.....	469	35,10	410	30,6	457	34,21
Ovo.....	301	22,53	742	55,54	293	21,93

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

QUADRO III

Consumo de Cereais e Derivados por Família

1972/1973

Especificação	Diariamente		Pelo menos 1 vez na semana		Não consome	
	f _i	%	f _i	%	f _i	%
Arroz	1307	97,83	21	1,57	8	0,60
Feijão	1311	98,13	16	1,20	9	0,67
Macarrão	89	6,66	801	59,96	446	33,38
Batatinha	90	6,74	973	72,83	273	20,43
Pão	1126	84,28	99	7,41	111	8,31
Derivados de Milho	80	5,99	409	30,61	847	63,40
Farinha de Mandioca	7	0,52	10	0,75	1319	98,73

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

ASPECTOS ECONÔMICOS

No estudo da marginalidade ou inserção da camada "marginalizada" na sociedade global, quer-nos parecer que só a análise da estrutura ocupacional vai permitir um real dimensionamento do fenômeno e, o que é mais importante, a perfeita caracterização do fenômeno.

Embora aqui, não procurássemos chegar até a conceituação de marginalidade, procuramos, entretanto, dimensionar a posição dessas famílias pesquisadas quanto à pirâmide social. Neste sentido, além da estrutura ocupacional, consideramos a renda per capita e a mobilidade ocupacional.

Força De Trabalho

Para o dimensionamento da força de trabalho da população pesquisada, subdividimos esta população nas seguintes categorias:-

- a) idade de 0— 14 anos - consideramo-la em processo de formação educacional e profissional, teoricamente fora do mercado de trabalho;
- b) idade de + de 64 anos - excluídos do processo de produção em razão da idade avançada;
- c) população economicamente ativa - as pessoas situadas na faixa etária de + de 14 anos a 64 anos;
- d) número de famílias com 1 dona de casa - computou-se aquelas famílias em que a mãe vive com a família e não exerce trabalho remunerado fora do lar e que se encarrega dos afazeres domésticos - atividade não remunerada;
- e) pessoas empregadas - aquelas que exerciam alguma atividade remunerada, no momento da pesquisa;
- f) pessoas desempregadas - as pessoas em idade economicamente ativa e sem ocupação, no momento da pesquisa.

Assim, o quadro I demonstra a situação de forma detalhada, dessa população.

Ali podemos ver que 61,23% do total de pessoas estão em idade economicamente ativa; não obstante, apenas 41,87% do total de pessoas constituem a oferta global de mão-de-obra dessa população, enquanto 18,44 são donas de casa sem remuneração e 0,97% são pessoas doentes ou aposentadas.

Estrutura Ocupacional

A) Chefe da Família

Dos setores de atividade, o da indústria de transformação é que apresenta o maior volume de empregados. A seguir, temos os de serviços em geral e comércio, respectivamente (quadro III).

É interessante observar que o setor primário ocupa 11,70% dos chefes de família (137), sendo que apenas 3 são proprietários e 1 não é proprietário, mas trabalha com risco de empreendimento; 122 chefes de família são "boias-frias" (10,42% do total de chefes de família) (quadro II).

O Setor de construção civil e mobiliário ocupa 16,14% do total de chefes de família, sendo que destes, 105 são autônomos.

Como podemos observar, os setores primário e secundário absorvem 51,15% da mão-de-obra dos chefes de família, enquanto 43,85% estão distribuídos pelos setores do comércio e serviços (em geral e público).

Quanto aos serviços, deve-se destacar que 50 mulheres na posição de chefes de família, trabalham como empregadas domésticas.

B) Outros membros da família

Quanto à ocupação atual dos demais membros da família 46,62% do total das pessoas empregadas estão ocupados no setor terciário de serviços, sendo que, dos 558 que trabalham neste setor, 276 são empregadas domésticas (quadros IV e V).

A seguir, pelo número de ocupados, temos o setor secundário, com 21,47%, e o comércio, com 17,29%.

Também aqui, a agricultura ocupa cerca de 8,77% das pessoas ocupadas, sendo a maioria "boia-fria".

Os demais setores de atividades ocupam um pequeno número de pessoas.

Como demonstra o quadro IV, o maior número de pessoas estão ocupadas em atividades que não demandam mão-de-obra qualificada. Tal fato vai se refletir na renda das famílias, já que, em muitos casos, tais pessoas trabalham sob um regime de sub-emprego.

Tempo de Serviço

Além da estrutura ocupacional, faz-se mister considerar a permanência dos indivíduos em uma determinada ocupação, para que se caracterize sua situação de instabilidade ocupacional e baixa renda, como consequência ou causa, de sua "marginalidade" em relação ao sistema,

A) Chefe de Família

O quadro VI nos demonstra a situação dos chefes das famílias pesquisadas, quanto à estabilidade ocupacional: 52,35% estão no emprego atual há menos de 5 anos, sendo que 12,30% há menos de 6 meses.

Se levarmos em conta que o indivíduo atinge a estabilidade após completar 10 anos de trabalho em uma mesma firma, teremos que apenas 26,22% são realmente estáveis.

Tais fatos vêm demonstrar o que ocorre no mercado de trabalho, quando se sabe que os contratos de trabalho são feitos para, no máximo, 2 anos, quando o são. Ou então, quando o empregado ultrapassa este período, raramente atinge os 10 anos, já que não é interessante para as empresas que o empregado atinja os 10 anos, em razão das inúmeras vantagens que decorrem da estabilidade.

Deve-se lembrar, ainda, que a nova legislação trabalhista, consubstanciada no F.G.T.S., tornou o mercado de trabalho bastante instável, quanto à estabilidade dos empregados.

B) Demais Membros Da Família

Se, no caso dos chefes da família, quase 50% dos indivíduos têm mais de 5 anos de serviço numa mesma empresa, tal não ocorre com os demais membros da família, como se vê no quadro VII: 77,61% dos que trabalham têm menos de 3 anos num mesmo emprego e 31,91% têm menos de 6 meses.

Para este caso, também poderíamos levar em conta as mesmas considerações feitas acima, acrescidas, talvez, pela entrada recente no mercado de trabalho da maioria dos demais membros da família.

Taxa de Desemprego

A) Chefe da Família

O número de chefes de família desempregados, no cômputo total das famílias pes pesquisadas, é irrisório, já que apenas cerca de 4% encontravam-se desempregados na ocasião da pesquisa; representando, os pais desempregados, 2% da oferta global de mão-de-obra masculina e as mães, 0,72% da oferta global de mão-de-obra feminina.

Quanto ao tempo em que se encontram desempregados, podemos ver (quadro VIII) que 44,95% encontravam-se desempregados há menos de 6 meses, na época da pesquisa (1972). Por outro lado, podemos observar, ainda, que cerca de 31,11% encontravam-se desempregados há mais de 2 anos, o que prenunciaria um "desemprego estrutural" na cidade de Marília. Explica-se tal fato, não só pela restrita oferta de trabalho (ver 1ª parte, cap.V e VI), como também pelo fato de, ao atingir a idade limite de 35 anos, em razão das leis de previdência, os indivíduos dificilmente encontrarem trabalho.

B) Demais membros da família.

O número de demais membros da família que se encontra

vam desempregados somavam 360 - época da pesquisa - representando 12,93% do total da oferta global de mão-de-obra.

Desse total, 70,83% encontram-se desempregados há menos de 6 meses; 28,06% entre 6 meses e 1 ano e, apenas 1,11%, a mais de 1 ano (quadro IX).

Como foi dito acima, a oferta de trabalho na cidade é pequena face à oferta de mão-de-obra, já que os setores secundários e terciário criam poucas oportunidades de trabalho, como se verifica na análise destes setores, na parte 1ª, cap.V e VI.

Formação Profissional

Uma das variáveis de importância para a caracterização da população "marginalizada" é a sua formação profissional.

Em decorrência desta variável, teremos um certo comportamento da variável "renda", além de se poder visualizar a disponibilidade da oferta de mão-de-obra, face o mercado de trabalho.

Para o nosso estudo, dividimos a oferta global de mão-de-obra em: de nível superior; de nível de 2º grau; mão de obra qualificada e mão-de-obra semi-qualificada.

Como mão-de-obra qualificada, classificamos os que fizeram um curso regular de formação de mão-de-obra. Como mão-de-obra semi-qualificada, classificamos aqueles que, embora não tenham feito um curso de formação profissional, aprenderam o ofício na própria empresa onde trabalham ou trabalharam.

Quanto à formação profissional, a população economicamente ativa e que constitui a oferta global de mão-de-obra, encontra-se na seguinte situação: 2,41% é de mão-de-obra qualificada; 5,30%, semi-qualificada e 92,39%, sem formação profissional, como demonstra o quadro X.

O quadro XI mostra a distribuição dessa população pelos vários ramos de formação profissional.

Como se observa, mesmo a mão-de-obra qualificada está distribuída por ramos de atividades para os quais não há altos

salários, já que o salário para esta categoria é pouco superior ao salário mínimo vigente na Região de Marília: Cr\$ 312,45.

Quanto à mão-de-obra semi-qualificada e não qualificada, encontra-se em situação ainda pior, muitas vezes percebendo uma renda abaixo do salário mínimo.

Renda

Como consequência do exposto acima, e não podia ser diferente, estas famílias têm uma baixa renda.

O quadro XII demonstra a situação dessas 1.336 famílias que, com um número total de 6.622 pessoas, têm uma oferta global de mão-de-obra de 2.773, com, portanto, 3.849 dependentes.

A classe de renda que apresenta o maior índice é a de Cr\$ 70,00 a Cr\$ 100,00: 23,65%; vindo a seguir a faixa de Cr\$ 100,00 a Cr\$ 150,00 per capita: 20,58%.

Aplicando-se a fórmula de Czuber para o cálculo da moda, vemos que esta se situa em torno de Cr\$ 71,88, enquanto a mediana está em torno de Cr\$ 84,15.

Concluindo, 50% do total de pessoas têm uma renda "per capita" abaixo de Cr\$ 84,15, enquanto os restantes 50% concentram-se numa faixa de renda que vai até Cr\$ 200,00 "per capita" mensais.

Carteira Profissional E Sindicalização

Com estes itens, quisemos caracterizar o nível de consciência dos pesquisados quanto às garantias legais de que dispõem, quanto ao trabalho, já que o fato de ter carteira profissional e ser sindicalizado significa o acesso a uma série de benefícios, tais como I.N.P.S., F.G.T.S., etc.

Quanto à carteira profissional, apenas 64,70% da oferta global de mão-de-obra a têm, enquanto 35,30% não, o que significa que cerca de 279 pessoas trabalham a título precário (quadros XIII e XIV).

Quanto à sindicalização, apenas 10% dos que trabalham são sindicalizados, enquanto 90% não o é (quadros XV e XVI).

10% de sindicalizados distribuem-se pelos seguintes sindicatos: dos Ferroviários da Zona da Paulista e da Alimentação.

Mobilidade do Emprego

Na análise da mobilidade ocupacional, verificada no período de 1962 a 1972 em que se procurou levantar a ocupação anterior à atual e a ocupação atual, podemos observar, em que pese o grau de urbanização do Município de Marília, que se verifica um acréscimo de ocupação na indústria extrativa de minerais não metálicos e na agricultura. Tal fato caracteriza a condição de sub-empregados de uma boa parcela da oferta global de mão-de-obra das famílias pesquisadas, já que a maior parte dos ocupados na agricultura são empregados temporários ou ocasionais.

O emprego sazonal na agricultura é uma característica marcante dessa região.

Por outro lado, verifica-se um acréscimo na ocupação com a construção civil e do mobiliário, comércio e serviços públicos e em geral, sendo que para este último setor houve um acréscimo de 11,36%, conforme demonstra o quadro XVII.

Quanto aos desempregados, ocorreu um acréscimo de 9,20%.

Para a indústria de transformação, verifica-se um decréscimo de 3,96%.

Como se observa, no período observado de 10 anos e que coincide com a intensificação da produção industrial em Marília, ocorreu um deslocamento dessa mão-de-obra, em maior escala, para o setor terciário, o que caracteriza a condição de "marginalidade" dessa população, já que os serviços, de maneira geral, constituem uma forma de sub-emprego disfarçada; e o número elevado de empregadas domésticas o confirma.

É nesse setor (o de serviços) que ocorreu a maior en-



trada da mão-de-obra inativa anteriormente.

Além do que, o acréscimo dos desempregados vem confirmar ainda, a pequena oferta de trabalho que se dá no Município, em razão da aplicação cada vez em maior escala, de técnicas modernas de produção na indústria.

Concluindo, se o Município tem sua produção industrial acrescida, sempre em maior escala, a população deixa de ser beneficiária deste surto de desenvolvimento, já que não participa da distribuição da renda gerada pelo setor secundário.

Satisfação E Aspiração De Mudança De Emprego

Procurou-se medir o nível de satisfação quanto à ocupação e pretensões de mudança de emprego e também uma possível qualificação da mão-de-obra através de cursos de treinamento.

Em razão do que foi exposto acima, era de se esperar um alto grau de insatisfação, quanto à ocupação.

No entanto, tal não ocorre, como se pode ver pela tabela abaixo:-

Está satisfeito com sua ocupação?	f_i	%
sim	2.102	89,26
Não	239	10,15
Não respondeu	14	0,59
F_t	2.355	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

Cerca de 90% dos que estavam trabalhando na data da pesquisa, estavam satisfeitos com sua ocupação.

Sabendo-se que apenas um pequeno número de pessoas constitui mão-de-obra qualificada, o que justificaria uma certa satisfação quanto à ocupação, em razão de melhores condições de

trabalho e melhor renda, esta situação indica um conformismo e talvez mesmo falta de consciência quanto às suas condições de vida.

Se 39,26% estão satisfeitos com sua ocupação e apenas 10,15% não estão, 14,01% gostariam de mudar de emprego, como se observa na tabela seguinte:

Gostaria de mudar de emprego?	f_i	%
Sim	330	14,01
Não	2.015	85,56
Não Respondeu	10	0,43
F_t	2.355	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

Quanto à ocupação para a qual gostariam de mudar, podemos ver nos quadros XVIII e XIX, que o setor de serviços apresentou o maior índice de preferência (49,09%), enquanto o setor de indústria e transformação apresentou um índice de 12,42% e o comércio, 3,79%.

É interessante observar que 3,33% dos que querem mudar de ocupação, pretende voltar para a zona rural, dedicando-se à agricultura e pecuária.

Por outro lado, 10,91% pretendem mudar para uma ocupação de maior renda, qualquer que seja a ocupação e 2,73%, para um emprego fixo. Isto denota a baixa renda percebida por estas famílias, quando o que importa não é uma satisfação individual numa determinada ocupação, mas sim, que esta lhes dê maior renda.

Quanto a uma possível qualificação de mão-de-obra, quando se inquiriu dos indivíduos de 14 anos até 50 anos, se gostariam de frequentar um curso de qualificação profissional, apenas 15,93% responderam que sim, como se pode observar na tabela abaixo, enquanto 74,67% responderam que não e 9,40% deixaram de res-

ponder à questão.

Gostaria de fazer um curso de quali- ficação profission?	f_i	%
Sim	529	15,93
não	2.479	74,67
não respondeu	312	9,40
F_t	3.320	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

Se, no contexto da grande faixa etária (+14 a 50 anos) os que querem uma qualificação profissional representam um pequeno percentual, deve-se ressaltar que, tomado isoladamente, este índice é altamente significativo, já que representa a soma de 529 indivíduos.

Quanto ao curso que gostariam de fazer, os quadros XX e XXI, o demonstram.

Cabe salientar que, como a instrução aos pesquisadores foi a de registrar qualquer resposta dada, cerca de 10,97% das respostas se referem a cursos escolares regulares, como o primário e o ginásial, ou então o MOBRAL.



QUADRO I
Força De Trabalho Da População Pesquisada
 1.972/1.973

ESPECIFICAÇÃO 666	População Masculina		População Feminina		TOTAL	
	f _i	%	f _i	%	f _i	%
População total	3275	49,42	3347	50,58	6622	100
De 0 a 14 anos	1160	17,52	1189	17,95	2349	35,47
De + de 64 anos	113	1,71	102	1,54	215	3,25
População econo- micamente ativa.	2002	30,23	2056	31,05	4058	61,28
Nº de famílias c/ 1 dona de casa...	-	-	1221	18,44	1221	18,44
Doentes e aposen- -tados.....	56	0,85	8	0,12	64	0,97
Oferta global de mão-de-obra.....	1946	29,40	827	12,47	2773	41,87
Nº de pessoas em -pregadas.....	1740	26,27	615	9,29	2355	35,56
Nº de pessoas - desempregadas...	206	3,11	212	3,20	418	6,31

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

QUADRO II
Ocupação Atual do Chefe da Família
 1.972 / 1.973

SETOR DE ATIVIDADE		M	F	TOTAL
I-Ind. Ext.	A) Mineral não metálico	1	-	1
II-Agricultura	A) Proprietario	3	-	3
	b) Não proprietários c/risco de empreend.	1	-	1
	c) Empregado fixo.....	10	-	10
	d) Empregado temporario ou ocasional.....	120	2	122
	e) Empreiteiro (de boi- -a fria).....	1	-	1
III-Const. Civ. Mobil.	A) Autonomo qualificado e semi	105	-	105
	b) Assalariados qualif. e semi.....	30	-	30
	c) Assalariados braçais	54	-	54
IV-Ind. transp.	a) Administração e co- mercialização.....	25	-	25
	b) Ligados a linha de - produção	73	1	74
	c) Outros assalariados.	173	-	173
V - Comércio	a) Com estabelecimento- próprio	16	-	16
	b) Autonomo ambulante .	43	3	46
	c) Assalariados manuais	44	-	44
	d) " não "	39	-	39
	e) Sistema de distrib.	32	-	32
	f) Outros assalariados.	23	3	26

continua-/

QUADRO II

Ocupação Atual Do Chefe Da Família

1.972 / 1.973

continuação.

SETOR DE ATIVIDADE		M	F	TOTAL
VI - Serviço em Geral	a) Comerciais e de cred.	13	1	14
	b) Saúde	6	-	6
	c) Vestuário e calçados.	4	6	10
	d) Oficinas de reparação	50	-	50
	e) Comércio de combustí- -vel e manutenção de veículos	10	-	10
	f) Higiene pessoal	3	1	4
	g) Serviços domésticos..	-	50	50
	h) Comunicação e eletríc.	9	1	10
	i) Transportes de passag.	7	-	7
	j) Transp. de cargas	49	-	49
	l) Transp. (assal.braçais)	30	-	30
	m) Ensino (professores)..	1	-	-
	n) Ensino (outros)	3	3	6
	o) Outros serviços	15	-	15

QUADRO II

Ocupação Atual do Chefe da Família

1972/1973

cont.

Setor de Atividade	M	F	TOTAL
a) sistema de segurança	21	-	21
b) sistema administrativo			
A) Federal	1	-	1
B) Estadual	5	-	5
C) Municipal	10	1	11
c) serviços urbanos/conserv,			
A) Estadual	10	-	10
B) Municipal	35	-	35
d) Ferroviário	24	-	24
Total	1.099	72	1.171

PONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

QUADRO III
Ocupação Atual dos Chefes de Família

1972/1973

SETOR DE ATIVIDADE	CHEFE DA FAMÍLIA		TOTAL	
	M	F	f _i	%
Industria Extrativa	1	-	1	0,08
Agricultura	135	2	137	11,70
Constr.Civil-Mobiliário	189	-	189	16,14
Indust.Transformação	271	1	272	23,23
Comércio	197	6	203	17,34
Serviços em Geral	200	62	262	22,72
Serviço Público	106	1	107	9,14
TOTAL	1.099	72	1.171	100,0

FONTE dos dados Brutos: Pesquisa Direta.

QUADRO IV

Ocupação Atual dos Outros Membros da Família

1972/1973

SETOR DE ATIVIDADE	Demais Membros		Total	
	M	F	F _i	%
I-Industria Extrativa				
a) Mineração ã.metálica	2	-	2	0,10
II-Pecuária				
a) assalariados fixos ou con- tínuos	4	-	4	0,20
III-Agricultura				
a) Proprietário	2	-	2	0,10
b) Não propriet.c/risco do empreendimento	1	-	1	0,05
c) assalariados contínuos ou fixos	4	-	4	0,20
d) assalariados temporários ou ocasionais	77	21	98	4,66
IV-Construção Civil e Mobiliá- ria:				
a) autônomo (qualif./semi)	26	-	26	1,24
b) assalariados (qualif.semi)	9	-	9	0,44
c) assalariados braçais	21	-	21	1,00
V-Industria Transformação				
a) administ.comercializadã	4	-	4	0,20
b) ligado linha produção	43	13	56	2,66
c) outros assalariados	110	87	197	9,37
VI-Comércio				
a) com estab.próprio	14	-	14	0,67
b) autônomos ambulantes	15	1	16	0,76
c) vendas	74	35	109	5,19
d) administração	16	4	20	0,95
e) sistema distribuição	23	-	23	1,10
f) outros assalariados	18	7	25	1,19

QUADRO IV

Ocupação Atual dos Outros Membros da Família

1972/1973

(CONT.)

SETOR DE ATIVIDADES	demais membros		total	
	M	F	Fi	%
VII-Serviços				
a) comerciais e de crédito	49	23	72	3,43
b) saúde (qual e semi)	3	14	17	0,81
c) vestuário e calçados	14	26	40	1,90
d) oficina consertos	61	—	61	2,90
e) higiene pessoal	2	5	7	0,33
f) serviços domésticos	—	276	276	13,13
g) com. comb. man. veículos	3	—	3	0,15
h) comun. eletricidade	2	1	3	0,15
i) transportes (motorista)	17	—	17	0,81
j) Transportes (braçais)	6	—	6	0,29
l) ensino (prof. primário)	—	13	13	0,62
m) ensino (outros)	8	11	19	0,90
n) outros serviços	18	6	24	1,14
VIII-Serviços públicos e soc. de economia mista:				
a) sistema segurança	2	—	2	0,10
b) sistema administr. munic.	—	2	2	0,10
c) serv. urbano e manutenç:				
1-estadual	1	—	1	0,05
2-municipal	2	—	2	0,10
d) ferroviários	1	—	1	0,05
TOTAL	652	545	1.197	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

QUADRO V

Ocupação Atual dos Outros Membros da Família

1972/1973

Setor de Atividades	Demais Membros		Total	
	M	F	Fi	%
I-Indústria extrativa (mineral não metálico)	2	-	2	0,17
II-Pecuária	4	-	4	0,33
III-Agricultura	84	21	105	8,77
IV-Const.Civil e Mobiliária	56	-	56	4,68
V-Indústria de transformação	157	100	257	21,47
VI-Comércio	160	47	207	17,29
VII-Serviços em geral	183	375	558	46,62
VIII-Serv.Públ.Soci.Ec.Mista	6	2	8	0,67
TOTAL	652	545	1.197	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

QUADRO VI

Tempo de Duração do Atual Emprego - Chefe de Família

1972/1973

PERIODO	Masculino		Feminino		Total	
	F _i	%	F _i	%	F _i	%
até 6 meses	129	11,02	15	1,28	144	12,30
+de 6 meses a 1 ano	104	8,88	13	1,11	117	9,99
+de 1 ano a 3 anos	187	15,97	14	1,19	201	17,16
+de 3 anos a 5 anos	142	12,13	9	0,77	151	12,90
+de 5 anos a 7 anos	80	6,83	7	0,60	87	7,43
+de 7 anos a 10 anos	155	13,23	9	0,77	164	14,00
+de 10 anos	302	25,79	5	0,43	307	26,22
TOTAL	1.099	93,85	72	6,15	1171	100

FOI TE dos dados brutos : Pesquisa Direta

QUADRO VII

Tempo De Duração Do Atual Emprego-Outros Membros Da
Familia

PERÍODO	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	F _i	%	F _i	%	F _i	%
até 6 meses	173	14,45	209	17,46	382	31,91
+ de 6 meses a 1 ano	157	13,11	109	9,11	266	22,22
+ de 1 ano a 3 anos	161	13,46	120	10,02	281	23,48
+ de 3 anos a 5 anos	76	6,35	56	4,68	132	11,03
+ de 5 anos a 7 anos	30	2,51	26	2,17	56	4,68
+ de 7 anos a 10 anos	34	2,84	17	1,42	51	4,26
+ de 10 anos	21	1,75	8	0,67	29	2,42
TOTAL	652	54,47	545	45,53	1197	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

QUADRO VIII

Desemprego dos Chefes de Família

1972 / 1973

PERÍODO	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	F _i	%	F _i	%	f _i	%
até 6 meses	17	37,78	3	6,67	20	44,45
+ de 6 meses a 1 ano	5	11,11	1	2,22	6	13,33
+ de 1 ano a 2 anos	3	6,67	2	4,44	5	11,11
+ de 2 anos a 3 anos	2	4,44	-	-	2	4,44
+ de 3 anos	12	26,67	-	-	12	26,67
TOTAL	39	86,67	6	13,33	45	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

QUADRO IX

Desemprego de Outros Membros da Fa,milia

1972 / 1973

PERÍODO	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	F _i	%	F _i	%	F _i	%
DE 6 meses	119	33,05	136	37,78	355	70,83
deq6 meses a 1 ano	37	10,28	64	17,78	101	28,06
de $\frac{1}{2}$ de 1 ano a 2 anos	4	1,11	-	-	4	1,11
TOTAL	160	44,44	200	55,56	360	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

QUADRO X

Formação Profissional

1972 / 1973

FORMAÇÃO PROFISSIONAL	F _i	%
de nível superior	3	0,11
de nível de 2º grau	22	0,89
mão de obra qualificada	49	1,41
mão de obra semi quali- ficada	147	5,30
sem qualificação profis- sional	2.552	92,39
TOTAL	2.773	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

QUADRO XI

Formação Profissional Por Membro das Famílias

FORMAÇÃO PROFISSIONAL	CHEFE DA FAMÍLIA		OUTROS MEMBROS DA FAMÍLIA		TO TAL
	M	F	M	F	
I- De nível superior					
a)Prof.secundario	1	-	-	-	1
b)Economista	-	-	1	-	1
c)Engenheiro	-	-	1	-	1
II-De nível de segundo grau					
a)Tec. de Contabilidade	3	-	4	-	7
b)Tec. de Anatomia	1	-	1	-	2
c)Prof. primario	-	2	2	9	13
III-Mão de obra qualifi cada					
a)mecânico soldador	2	-	-	-	2
b)farmaceutico	1	-	-	-	1
c)topografo	1	-	-	-	1
d)torneiro mecânico	3	-	4	-	7
e)mecânico de automóvel	21	-	12	-	33
f)enfermeiro	3	-	-	1	4
g)mecânico ajustador	1	1	-	-	1
IV-Mão de obra semi quali ficada					
a)serralheiro	4	-	1	-	5
b)pedreiro	39	-	10	-	49
c)têcelão	-	-	1	-	1
D)sapateiro	4	-	1	-	5
e)costureira	-	4	-	9	13
f)encanador	5	-	1	-	6
g)eletrecista	5	-	-	-	5
h)padoleiro	5	-	-	-	5
i)mecânico de eletro do- mestico	-	-	1	-	1
j)retificador	1	-	-	-	1
k)fotógrafo	1	-	1	-	2
l)seleiro	1	-	-	-	1

QUADRO XI

Formação Profissional por Membro da Família

(cont)

1972 / 1973

FORMAÇÃO PROFISSIONAL	Chefe da família		Outros Membros da família		To tal
	M	F	M	F	total
IV-Mão de obra semi qua- lificada (cont)					
m) manicuri	-	1	-	-	1
n) açougueiro	1	-	-	-	1
o) carpinteiro	15	-	-	-	15
p) operador de máquina	8	-	1	-	9
q) mecânico de máquina de costura	1	-	-	-	1
r) marceneiro	9	-	2	-	11
s) tapeceiro	2	-	-	-	2
t) mecânico de rádio e tv	1	-	1	-	2
u) ferreiro	1	-	-	-	1
v) alfaiate	1	-	1	-	2
x) barbeiro	4	-	1	-	5
y) funileiro	3	-	-	-	3
Sub-total	148	7	47	19	221
Sem nenhuma qualificação profissional	990	71	765	726	2.552
TOTAL GERAL	1.138	78	812	745	2.773

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

QUADRO XII

RendaPer-Capita Familiar Mensal

1972 / 1973

CLASSES DE REDA(Cr\$)	Nº de famílias F _i	F _i	%	% _a
até 20	28	28	2,10	2,10
de 20 a 30	48	76	3,60	5,70
+ de 30 a 40	79	155	5,91	11,61
+ de 40 a 50	120	275	9,00	20,61
+ de 50 a 70	244	519	18,29	38,90
+ de 70 a 100	316	835	23,58	62,48
+ de 100 a 150	275	1.110	20,60	83,08
+ de 150 a 200	116	1.226	8,70	91,78
+ de 200 a 300	71	1.297	5,31	97,09
+ de 300 a 400	19	1.316	1,42	98,51
+ de 400 a 500	3	1.319	0,22	98,73
+ de 500 a 700	4	1.323	0,30	99,03
+ de 700 a 1.000	2	1.325	0,15	99,18
Não tem renda	11	1.336	0,82	100,00
TOTAL	1.336	-	100	-

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

QUADRO XIII

Carteira Profissional

1972 / 1973

RESPOSTAS	Chefe de família		outro Membro da família		total
	M	F	M	F	
sim	1.004	15	462	313	1.794
não	134	63	350	432	979
TOTAL	1.138	78	812	745	2.773

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

QUADRO XIV

QUADRO XIV

Carteira Profissional em %

RESPOSTAS	chefe de família		outros membros da família		TOTAL
	M	F	M	F	total
sim	36,21	0,54	16,66	11,29	64,70
não	4,83	2,27	12,62	15,58	35,30
TOTAL	41,04	2,81	29,28	26,87	100

FONTE dos dados brutos : Pesquisa Direta

QUADRO XV

Sindicalização dos Que Trabalham

1972 / 1973

É sim dicali zado	Chefe de família		Outros mem bro da família		TOTAL
	M	F	M	F	
sim	182	4	36	15	237
não	917	68	616	530	2.131
TOTAL	1,099	72	652	545	2.368

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

QUADRO XVI

Sindicalização dos que Trabalham (em %)

1972 / 1973

É sindicalizado	Chefe de família		Outro membro da Família		Total
	M	F	M	F	
sim	7,69	0,17	1,54	0,60	10,00
não	38,72	2,87	26,00	22,41	90,00
TOTAL	46,41	3,04	27,54	23,01	100

FONTE dos Dados Brutos: Pesquisa Direta

QUADRO XVII

Mobilidade Ocupacional

1972 / 1973

Setor de Atividade	Ocupação Anterior		Ocupação Atual		Dife rença %
	F _i	%	F _i	%	
Indústria extrativa	1	0,04	3	0,11	+0,07
Pecuária	4	0,14	4	0,14	-
Agricultura	222	8,00	242	8,73	+0,73
Construção	184	6,64	245	8,83	+2,19
civil e mobi liária					
Indústria de	639	23,04	529	19,08	-3,96
Transformação					
Comércio	345	12,44	410	14,78	+2,34
Serviço públi co em geral	620	22,36	935	33,72	+11,36
Desempregados	150	5,41	405	14,61	+9,20
Não trabalham	608	21,93	-	-	-21,93
TOTAL	2.773	100	2.773	100	-

FONTE do dados dados: Pesquisa direta

QUADRO XVIII

Pretenção a Mudança de Ocupação

1972 / 1973

Setor de atividade	Masculino	Feminino	Total
I-Agricultura			
a) proprietário	5	-	5
b) Empregado contínuo ou fixo	5	-	5
II-Pecuária			
a) Empregado contínuo ou fixo	1	-	1
III-Construção Civil e Mobiliária			
a) Autônomos (qualif. e semi)	16	-	16
b) Assalariados (qualif. e semi)	3	-	3
IV-Indústria de transformação			
a) Assalariados	6	-	6
b) Administração e comercialização	6	-	6
c) Ligados a linha de produção	29	-	29
V- Comércio			
a) c/ estabelecimento próprio	5	-	5
b) Autônomos ambulantes	2	-	2
c) Administração	1	-	1
d) Vendas	21	-	21
VI-Serviços em Geral			
a) Escritório de contabilidade	15	17	32
b) Saúde (qualif. e semi)	-	9	9
c) Vestuário	1	11	12
d) Higiene pessoal	2	6	8
e) Serviços doméstico	-	16	16
f) Oficina de consertos (veículo)	31	-	31
g) Oficina de conserto (eletro doméstico)	2	-	2
h) Transporte (cargas e pass.)	19	-	19
i) Ensino Primário	-	15	15
j) Ensino (outro)	6	1	7
l) Serviços de crédito	5	-	5
m) Outros serviços	6	-	6

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

QUADRO XVIII

Pretensão A Mudança de Ocupação

1972 / 1973

Setor de atividade	Masculino	Feminino	TOTAL
VII- Serviços Públicos			
a)Município	2	-	2
b)Estadual	2	-	2
c)Federal	1	-	1
d)Não especificou	3	-	2
e)Segurança	3	-	3
VIII-Outros			
a)Emprego fixo	9	-	9
b)de maior renda	36	-	36
c)De Nível superior	8	1	9
d)Aeronáutica	4	-	4
TOTAL	254	76	330

FONTE dos dados brutos: Pesquisa direta

QUADRO XIX

Profissão Pretendida Para Mudança de Ocupação

1972 / 1973

SETOR DE ATIVIDADE PRETENDIDA	F _i	%
Agricultura	10	3,03
Pecúaria	1	0,30
Construção civil e mobiliária	19	5,76
Indústria de transformação	41	12,42
Comércio	29	8,79
Serviços em geral	162	49,09
Serviços públicos	14	4,24
Para um emprego fixo	9	2,73
Para um emprego de maior renda	36	10,91
Para uma profissão de nível superior	9	2,73
TOTAL	330	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

QUADRO XX

Aspiração a Cursos Profissionalizantes

1972 / 1973

Que curso gostaria de fazer?	F _i
I- Em nível superior	
a) Agronomia	3
b) Engenharia Mecânica	1
c) Línguas	2
d) ADMINISTRAÇÃO DE Empresas	6
e) Jornalismo	1
f) Economia	1
g) Engenharia Eletrônica	1
h) Educação Física	1
i) Psicologia	3
j) Pedagogia	4
l) Engenharia Civil	1
m) Belas Artes	4
n) Curso Superior ou Especializado	16
II-Em nível médio	
a) Enfermagem	20
b) Professor Primário	18
c) Técnico de Contabilidade	20
d) Química Industrial	3
e) Farmácia	2
f) Meteorologia	1
g) Técnico de Laboratório	1
h) Tipografia	1
i) Almoxarifado	1
j) Secretariado	1
III-Carreira Militar	
a) Aeronáutica	5
b) Polícia Militar	6
c) Exército	12
IV-Construção civil e Mobiliária	
a) Pedreiro	20
b) Encanador	4
c) Carpinteiro	8

QUADRO XX

Aspiração a Cursos Profissionalizantes

1972 / 1973

Que gostaria de fazer ?	F _i
V- Mecânica e similares	
a) mecânica de automóveis	51
b) Eletricista	5
c) Torneiro Mecânico	13
d) Funilaria	2
e) Retificador	1
f) Técnico de rádio	4
g) Técnico de t.v.	2
VI- Vestuário e calçados	
a) Corte e Costura	76
b) Manicuri	2
c) Cabelereira	23
d) Pintura em tecido	1
e) Crochê	1
f) Figurinista	1
g) Trico	2
h) Alfaiate	2
i) Bordado	2
VII- Outros cursos	
a) Florista	1
b) Artes Culinarias	10
c) Motorista Profissional	11
d) Tecelagem	2
e) Auxiliar de Escritório	13
f) Vendas	7
g) Curso religioso	1
VIII- Outros	
a) Curso Primário	11
b) Curso Ginásial	42
c) Mobral	5
d) Não especificou	71
TOTAL	529

FONTE dos dados brutos: Pesquisa direta



QUADRO XXI

Aspiração a Cursos Profissionalização

1972 / 1973

Que curso de formação profissional ?	F _i	%
De nível superior	43	8,11
De nível médio	68	12,86
De Carreira militar	23	4,35
Construção civil	32	6,05
Mecânica e similares	78	14,74
Vetúário higiene pessoal	110	20,80
Outros cursos	46	8,70
Curso primário	11	2,08
Mobral	5	0,95
Não especificaram	71	13,42
Curso ginásial	42	7,94
TOTAL	529	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa direta

INTERAÇÃO FAMILIAR

O objetivo, aqui, foi constatar a existência de parentes residindo no próprio bairro e na cidade e o nível de coesão familiar, embora, para tanto, pudéssemos apenas considerar a variável "visitação", em razão das dificuldades próprias de um estudo de tal ordem. Acrescente-se, ainda, que, nesse caso, o objetivo foi apenas de uma simples caracterização, sem descer a por menores maiores que nos pudessem indicar o real nível de coesão e suas formas de manifestação.

Assim é que 42,37% do total de famílias têm parentes residindo no mesmo bairro. Desses parentes, o maior número é constituído de irmão e/ou irmã, em relação ao chefe da família. A seguir, pela ordem, temos cunhado e/ou cunhada; pai e/ou mãe e filho e/ou filha. Os demais status de parentesco aparecem em menor escala, como se pode ver nos quadros I e II.

Quanto à existência de parentes residindo na cidade 55,46% das famílias os têm. Deve-se ressaltar aqui, que nesse total não estão incluídas as famílias com parentes residentes no mesmo bairro, embora os dois eventos possam ocorrer com uma mesma família.

Também nesse caso, podemos observar o quadro IV que maior número é de irmão e/ou irmã; vindo a seguir cunhado e/ou cunhada.

Depois, a maior porcentagem é representada por tio e/ou tia; pai e/ou mãe e filho e/ou filha, pela ordem.

Os demais parentes, como no caso anterior, aparecem em pequeno número.

Inquiridos se visitam os parentes sempre, isto é, um número não determinado de vezes, mas que permita um relacionamento constante, 75,22% das famílias responderam que sim e 23,73% que, como se observa no quadro V.

Quanto aos últimos foi-lhes perguntado, ainda, a razão



de não visitarem os parentes. 43, 90% responderam que os parentes moram longe, 21,14% que não têm tempo e 11,67% não responderam à questão.

Ainda, 7,25% responderam que dificilmente saem de casa; 5,36%, que não têm condições financeiras e apenas 4,10%, que as relações com os parentes são difíceis. 1,58% alegaram outros motivos para não visitar os parentes (quadro VI)

Comparando-se o quadro VI com os quadros I e V, podemos dizer, embora acauteladamente, que não se verifica um nível de coesão familiar esperado, já que apenas 75,22% visitam os parentes, quando este percentual deveria ser maior, dados os status de parentesco verificados.

Por outro lado, não podemos dizer que há uma desagregação da família, se lembrarmos que o tipo de família característico de nossa sociedade, é o nuclear (pai, mãe e filhos). Ainda, em decorrência desse fato e em contraposição ao que foi dito acima, podemos afirmar que se verifica um alto nível de interação familiar, dado que 75,22% das famílias visitam seus parentes com relativa frequência.



QUADRO II

1972 / 1973

Identificação de Parentesco Na Vila

QUADRO I

Identificação de Parentesco Na Vila

1972 / 1973

Têm parentes residentes na vila	F _i	%
Sim	566	42,37
Não	769	57,56
Não responderam	1	0,07
TOTAL	1.336	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa direta

QUADRO II

1972 / 1973

Identificação De Parentes Em Relação Ao Chefe de Família

QUE PARENTES? (Em relação ao chefe da família)	F _i	%
Pai e/ou mãe	93	16,43
Filho e/ou filha	88	15,55
Irmã e/ou irmão	206	36,40
Avô e/ou avó	12	2,12
Neto e/ou neta	9	1,59
tio e/ou tia	69	12,19
Primo e/ou prima	45	7,95
Sobrinho e/ou sobrinha	37	6,54
Sogro E/ou sogra	61	10,78
Genro e/ou nora	19	3,36
Cunhado e/ou cunhada	105	18,55
Não especificaram	3	1,41
TOTAL	566	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisas diretas

QUADRO III

Identificação de Parentes na Cidade

1972 / 1973

Têm parentes residentes na cidade?	F _i	%
Sim	741	55,46
Não	581	44,24
Não respondeu	4	0,30
TOTAL	1.336	100

FOI TE dos dados brutos: Pesquisas diretas

QUADRO IV

Identificação de Parentesco em Relação ao Chefe de
Família

1972 / 1973

Que parentes ? (Em relação ao chefe da família)	F _i	%
Pai e/ou Mãe	112	15,12
Filho e/ou filha	112	15,12
Irmão e/ou irmã	290	39,14
Avô e/ou avó	19	2,56
Neto e/ou neta	6	0,81
Tio e/ou tia	126	17,00
Primo e/ou prima	89	12,01
Sobrinho e/ou sobrinha	54	7,29
Sogro e/ou sogra	87	11,74
Genro e/ou nora	20	2,70
Cunhado e/ou cunhada	162	21,86
TOTAL	741	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa direta

QUADRO V

Relacionamento com Parentes

1972 / 1973

Visita os parentes sempre?	F _i	%
Sim	1.005	75,22
Não	317	23,73
Não respondeu	14	1,05
TOTAL	1.336	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisas diretas

QUADRO VI

Relacionamento com Parentes

1972 / 1973

Porque não visitam os parentes	F _i	%
Moram longe	155	48,90
Falta de tempo	67	21,14
É difícil sair de casa	23	7,25
Não tem condições financeiras	17	5,36
As relações com os parentes são difíceis	13	4,10
Outros motivos	5	1,58
Não responderam	37	11,67
TOTAL	317	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisas diretas

INTERAÇÃO VICINAL

Procuramos constatar a existência ou não desse relacionamento e suas formas de manifestação.

Das 1.336 famílias pesquisadas, 1.230, ou seja, 92,06% mantêm relações com seus vizinhos, enquanto 84 não mantêm e 22 recusaram-se a responder se mantêm ou não relações, como se pode ver na tabela abaixo:-

A família mantém relações c/os vizinhos?	f_i	%
Sim	1.230	92,06
Não	84	6,29
Não respondeu	22	1,65
F_t	1.336	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

No entanto, se 92,06% das famílias mantêm relações com seus vizinhos, desse total apenas 61,71% costumam reunir-se com eles, conforme a tabela apresentada a seguir:

Costumam reunir-se com seus vizinhos?	f_i	%
sim	759	61,71
não	469	38,13
Não respondeu	2	0,16
F_t	1.230	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

Inquiridos sobre "para que se reúnem", 72,73% dos que se reúnem com seus vizinhos responderam "para bater papo, troca de idéias"; 7,77% responderam "por amizade" e 4,48% responderam

"para discutir problemas familiares".

As demais respostas (ver quadro I) apresentam um baixo percentual; destas podemos destacar os que responderam "para pedir conselhos" -- 3,43% --, e "em caso de necessidade" -- 3,29%.

Como se observa, a reunião com os vizinhos têm um caráter de "lazer".

Ainda, o relacionamento vicinal pode ser verificado quanto à ajuda prestada entre si, pelas famílias pesquisadas.

Podemos observar na tabela abaixo que, do total de famílias, 61,75% prestam ajuda a seus vizinhos, das mais variadas formas.

Prestam ajuda a seus vizinhos ?	f_i	%
Sim	825	61,75
Não	511	38,25
F_t	1.336	100

Fonte dos dados brutos: Pesquisa Direta

Por outro lado, o percentual dos que não prestam auxílio nenhum, é relativamente grande.

O empréstimo de alimentos é o tipo de ajuda mais frequente; a seguir vem o auxílio "em caso de doença". Cerca de 20,36% responderam prestar qualquer tipo de auxílio (quadro II).

Os que prestam serviços aos seus vizinhos, como forma de auxílio, somam cerca de 13,58% e o empréstimo de utensílios domésticos é feito por 10,06% das famílias.

Apenas 3,03% emprestam dinheiro e o mesmo percentual se verifica para os que "dão apoio moral" a seus vizinhos.

Foi-lhes perguntado, também, se recebem ajuda de seus vizinhos: 54,57% responderam que sim e 45,53, que não, como se observa na tabela abaixo:

Recebem ajuda de seus vizinhos?	f_i	%
Sim	729	54,57
não	607	45,53
F_t	1.336	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

Também nesse caso, o maior percentual é dos que recebem auxílio em forma de empréstimo de alimentos; enquanto 23,46% recebem auxílio "em caso de doença"; 17,42% responderam "qualquer tipo de ajuda" e 10,60%, "prestação de serviços".

Ainda aqui, o percentual dos que recebem auxílio em forma de dinheiro ou apoio moral, é dos mais baixos, como se observa no quadro III.

Podemos concluir que há, nessa camada "mais pobre" da população, um intercâmbio contínuo de auxílio, embora não pudéssemos verificar a frequência dessas formas de cooperação.

QUADRO I

Relacionamento Vicinal

1972 / 1973

Reunen-se para que?	F _i	%
Para bater papo, trocar idéias	552	72,73
Discutir problemas familiares	34	4,48
Para trata de assunto religio sos	18	2,37
Para festas	16	2,11
Em caso de necessidade	25	3,29
Para pedir conselho	26	3,43
Para prestar ajuda	8	1,05
Por amizade	59	7,77
Para assistir televisão	21	2,77
TOTAL	759	100

FOURTE dos dados brutos: Pesquisa direta.

QUADRO II

Relacionamento Vicinal

1972 / 1973

Se costuma ajudar seus vizinhos que tipo de ajuda?	F _i	%
Empréstimos de alimento	229	27,76
Em caso de doença	183	22,18
Empréstimo de dinheiro	25	3,03
Empréstimo de utensílios domest.	83	10,06
Prestação de serviços	112	13,58
Apoio moral	25	3,03
Qualquer tipo de ajuda	168	20,36
TOTAL	825	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisas diretas

QUADRO III

Relacionamento Vicinal

1972 / 1973

Se recebe ajuda de seus vizinhos que tipo de ajuda	F _i	%
Empréstimo de alimento	247	33,88
Empréstimo de dinheiro	34	4,66
Em caso de doença	171	23,46
Prestação de serviço	121	16,60
Ajuda espiritual (sio)	24	3,29
Empréstimo de utensílios doméstico	5	0,69
Qualquer tipo de ajuda	127	17,42
TOTAL	729	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa direta

VIDA SOCIAL (RECREAÇÃO)

O lazer tem um importante papel na vida dos indivíduos, numa época em que a automação descaracterizou o trabalho como uma forma de criação pessoal.

Nesse sentido, procuramos verificar a participação dessas famílias em alguma forma de lazer. Consideramos apenas os de 10 anos e mais, primeiro porque os menores de 10 anos têm alguma forma de lazer não só na escola, como também nos vários parques infantis existentes na cidade; segundo, porque, embora até a idade de 16 anos, aproximadamente, os indivíduos tenham alguma forma de lazer na escola, podem participar de atividades recreativas fora do âmbito escolar.

Observando-se o quadro I, vemos que 33,20% dos maiores de 10 anos não frequentam nenhuma atividade de lazer.

Das formas frequentadas, o cinema é o mais procurado, já que cerca de 26,66% dos pesquisados vão, pelo menos, uma vez por semana, ao cinema. Uma outra forma procurada é o "footing".- Nesses dois tipos citados, embora as mulheres apareçam em menor número, há um relativo equilíbrio.

Já o futebol é frequentado quase exclusivamente por indivíduos do sexo masculino.

O bar foi, por nós, considerado uma forma de lazer, já que constitui um local de reunião dos indivíduos da camada social situada na base da pirâmide social. É frequentado apenas por indivíduos do sexo masculino e apenas por 9,36%. Cabe ressaltar que é frequentado exclusivamente por adultos, em razão das proibições legais nesse sentido.



QUADRO I

Vida Social Para Os De 10 Anos e Mais
1972 / 1973

Vezez por semana	1		2		3		+de 3		total		total geral	
Especificação	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	F _i	%
Praça	227	166	83	85	7	3	7	-	324	259	578	16,80
Cinema	454	382	45	36	-	-	-	-	499	418	917	26,66
Futebol	454	8	11	-	3	1	4	-	472	9	481	13,98
Bar	140	-	62	62	51	-	69	-	322	-	322	9,36
Não frequenta	-	-	-	-	-	-	-	-	580	563	1.244	33,20
TOTAL	1.275	556	201	121	61	4	80	-	2.197	1.244	3.441	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

UTILIZAÇÃO DE RECURSOS

O objetivo deste item, foi verificar se as famílias pesquisadas têm ciência dos vários recursos postos à sua disposição na cidade e seu nível de consciência quanto aos problemas que afetam a população.

Assim sendo, verificamos que, quando se lhes perguntou a quem recorrem quando têm algum problema, o único recurso organizado citado foi a organização policial. Ainda, embora relacionado com uma organização, mas no sentido de uma ligação de caráter mais pessoal, aparecem respostas "ao Padre" e "ao Pastor". (quadro I)

Podemos observar, também, que essas famílias procuram apoio em pessoas amigas, parentes, vizinhos ou patrões.

Por outro lado, 497 famílias (37,20%) não recorrem a ninguém, enquanto 49 (3,67%) procuram resolver seus problemas entre si. 21 famílias (1,57%) recusaram-se a responder à questão.

Dessa forma, vemos que cerca de 41,44% das famílias mantêm um isolamento em relação aos seus problemas, o que nos indica um "fechamento".

Como se pode observar, a utilização de recursos que a comunidade mantém é irrisória por parte dessas famílias.

Ainda, neste sentido, podemos observar no quadro II, que apenas 3 dessas famílias se utilizam de um recurso (parque infantil) para deixar os filhos pequenos quando a mãe precisa se ausentar de casa. A maior parte leva junto, ou então deixa com os filhos mais velhos, ou com parentes, ou ainda, com vizinhos. A maior percentagem é representada pelas mães que deixam os filhos pequenos sozinhos.

Como se vê, isto constitui um grave problema, já que essas crianças ficam praticamente abandonadas.

Com relação à existência de algum recurso no bairro,



que cuide dos interesses da família, podemos observar na tabela abaixo, que 97,23% responderam que não, quando se sabe que há, na cidade, cerca de 35 obras assistenciais que atuam nos mais variados setores e apenas 2,77% responderam que sim.

Há, na vila, alguma sociedade que cuide dos interesses da família?	f_i	%
Sim	37	2,77
Não	1.299	97,23
F_t	1.336	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

Para os que responderam "não", foi feita a pergunta-se "achavam" necessário criar alguma.

Como se observa na tabela a seguir, 86,53% responderam que "sim" e 13,47%, que "não".

Se não existe, acha necessário criar alguma?	f_i	%
Sim	1.124	86,53
Não	175	13,47
F_t	1.299	100

FONTES dos dados brutos: Pesquisa Direta

Dos 1.124 que responderam ser necessário criar alguma sociedade que cuide dos interesses da família, 50,89% optaram por uma organização beneficente; 35,41%, por uma religiosa e 13,52%, por uma sócio-recreativa, como o demonstra a tabela abaixo:

Se sim, de que tipo?	f_i	%
Religiosa	398	35,41
Sócio-Recreativa	152	13,52
Beneficente	572	50,89
Outro	2	0,18
F_t	1.124	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

Como se observa, a maioria prefere uma obra assistencial talvez como uma forma de resolver seus problemas de ordem material.

Quanto à existência de alguma associação de interesse geral, 1.208 declararam não haver nenhuma no bairro. É o que pode ser observado pela seguinte tabela:

Há, na vila, alguma sociedade de interesse geral ?	f_i	%
Sim	128	9,58
Não	1.208	90,42
F_t	1.336	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

Dos 1.208 que responderam não existir, no bairro, uma sociedade de interesse geral, apenas 978 "acham" necessário criar alguma, enquanto 227, não, conforme a tabela abaixo:-

Se não existe, acha necessário criar alguma?	f_i	%
Sim	978	80,96
Não	230	19,04
F_t	1.208	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

Quanto ao tipo de associação, tal como no caso anterior, o maior número de famílias acha necessário criar uma obra as sistencial, conforme se vê na tabela:

Se sim, de que tipo?	f_i	%
Religiosa	174	17,79
Sócio-Recreativa	98	10,02
Cultural	96	9,81
Profissional	151	15,44
Beneficente	452	46,23
Outro	7	0,71
F_t	978	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta

Em seguida, a preferência é para uma associação religiosa.

Uma organização profissional foi reclamada por 15,44%.

É interessante observar que, aqui, aparece como necessária, para as famílias pesquisadas, além de uma organização sócio-recreativa, uma organização cultural.

Quanto à assistência social, apenas 18 famílias, das 1.336 pesquisadas, são beneficiárias de alguma forma de auxílio, como se observa no quadro III, sendo o maior número de organizações religiosas ou a elas ligados.

QUADRO I

Recursos Utilizados

1972 / 1973

Quando tem algum problema a quem recorre?	F _i	%
Aos amigos	27	3,30
Aos parentes	112	8,37
Ao Padre	3	0,23
A outros parentes	281	21,85
Aos vizinhos	292	21,03
Ao Pastor	3	0,23
Aos patrões	18	1,35
A deus	8	0,60
à polícia	8	0,60
Resolvem entre si	49	3,67
A ninguém	497	37,20
Não responderam	21	1,57
TOTAL	1.336	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa direta

QUADRO. II

Recursos Utilizados

1972 / 1973

Quando a mãe precisa se ausentar, com quem deixa os filhos?	F _i	%
Sózinhos	274	20,51
Leva consigo	251	18,79
Com o filho ou filha mais velha	129	9,65
Com o marido	14	1,05
Com os avós	141	10,55
Com a empregada	5	0,37
Com parentes	61	4,57
Com vizinhos	221	16,54
No parque infantil	3	0,23
Não tem filhos pequenos	214	16,02
Não tem filhos	23	1,72
TOTAL	1.336	100

FONTE dos dados brutos: Pesquisa direta

QUADRO III

Recursos Utilizados

1972/1973

Entidades	Nº Famí- lias be- nefíc.	Intervalo en- tre um auxí- lio e outro	o que recebe
Serv.Coloc.Familiar	1	mensal	dinheiro
Cons.Promoção Social	3	mensal	dinheiro/re- médios.
Cons.Cent.Diocesano	4	mensal	roupas/ali- mentos
Igreja Evangélica	3	mensal	alimento
Ass.Fem.Matern.Gota de Leite	1	diário	leite
Frat.Auxílio Cristão	2	mensal	Leite/ali- mentos/rem.
Posto de Saúde	2	mensal	Leite/remé- dios.
TOTAL	18	-	-

FONTE dos dados brutos: Pesquisa Direta.

CONCLUSÃO

Como vimos na 1ª Parte, Marília que teve o seu território ocupado em função da expansão da cultura do café e, posteriormente, deveu seu crescimento à cultura do algodão, o que a definia como uma cidade dependente da zona rural, desenvolveu uma economia urbana, principalmente o setor secundário, enquanto o primário permaneceu estável, o que a libertou da dependência estrita da economia agrícola.

Por outro lado, Marília combinou certa atividade industrial com as atividades agro-pecuárias, como podemos ver na análise do setor secundário.

Esta atividade industrial se referia ao processamento de matérias-primas "naturais" (tal como madeira, argila), indústrias rudimentares tecnologicamente e de reduzido valor agregado às matérias-primas.

Com a crise do café, em 1929, ocorre uma diversificação da atividade agrícola - cultura do algodão; nesse momento dá-se a instalação de indústrias de capital estrangeiro.

Além do que, verifica-se o retorno de imigrantes para a zona urbana, ou o seu deslocamento para outras regiões.

Este fato vai desencadear um processo de crescimento contínuo da população urbana.

Se, em 1940, o índice de urbanização do Município era de apenas 34,98%, em 1970 atinge 77,36%.

Há que se salientar, ainda, a posição de polo geoeconômico de uma vasta região, ocupada por Marília desde o prolongamento dos trilhos da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, além de Piratininga. Ainda, hoje, essa posição polo faz com que convirja para Marília, uma corrente migratória dos pequenos municípios de toda esta região do Estado.

Entretanto, se houve uma expansão do setor secundário e terciário, a oferta de emprego não cresceu na mesma ordem.

A expansão do setor secundário, vinculada às formas de industrialização em todo o país, ocorreu com a aplicação de tecnologia de alto nível e de maior quantidade de capital.



o que acarreta maior produtividade do trabalho e uma diminuição da oferta de emprego.

Se consideramos, com Aníbal Quijano, que "c'est à partir de la place de la masse marginale dans le processus de production que peuvent être déduits les éléments nécessaires à la compréhension du phénomène"(1), temos que um vasto setor da população, dadas as características da industrialização em toda a América Latina, e que Marília confirma, não participa do processo de produção, e se participa, o faz nos limites do processo, já que o capital aumenta, não se dá a ampliação do mercado de trabalho.

Ainda, essa população, que tem um baixo nível de escolaridade, não tem qualificação alguma, não participará do processo de produção também porque a mercadoria (força de trabalho) que tem a oferecer ao mercado, não contém valor de troca, já que está defasada em relação ao mercado, ou então o seu valor está aviltado pelas várias formas de sub-emprego.

Há, além disso, um outro aspecto a salientar: determinados tipos de indústria, em Marília, oferecem trabalho para essa mão-de-obra não qualificada apenas em determinadas épocas do ano (por ocasião da colheita e moagem do amendoim).

O trabalho na zona rural, para esses indivíduos, será uma alternativa para a falta de trabalho na cidade. No entanto, também este tipo de trabalho é sazonal, além de mal pago. Esta irregularidade do trabalho constitui "uma outra forma de sub-emprego, pois que a capacidade de trabalho dos interessados não é inteiramente utilizada durante todo o ano"(2).

O trabalho intermitente durante o ano e o sub-emprego, fazem com que as rendas sejam baixas, mesmo naqueles casos em que os indivíduos conseguem empregar-se por certo período, recebendo o salário mínimo ou pouco mais, já que, computando o tempo em que ficam desempregados, forçosamente a renda irá baixar.

Verifica-se, ainda, em Marília, a não utilização da capacidade profissional dos indivíduos qualificados. Certos indivíduos, na população amostral pesquisada, são professores primários e estão empregados em casas de loteria esportiva. O presente fato constitui, também um indicador da situação de



marginalidade.

Um outro indicador da marginalidade é a não participação na renda gerada.

Marília é uma cidade com um elevado valor global da produção industrial, centrada, na maior parte, na produção de alimentos, cujo mercado é constituído por várias regiões do país, o que indica uma elevada renda gerada no Município, renda essa que não é distribuída pela população, não só em decorrência da saturação do mercado de trabalho, como também em função da concentração de capital e da substituição de indústrias que ocupavam mão-de-obra em larga escala, como as têxteis, por outras que demandam pouca mão-de-obra, dado o nível tecnológico de seus processos de produção. Cabe citar, aqui, o exemplo de uma indústria de alimentos que reduziu à metade o seu pessoal ocupado, ao importar máquinas. Com isso, despediu de sua seção de embalagem, cerca de 90 moças.

Cremos ter caracterizado o contexto sócio-econômico de Marília, no qual se insere a população marginal.

Resta agora, tecer algumas considerações finais.

Considerando como indicadores da "situação social" do indivíduo, o nível de renda, grau educacional e a estrutura ocupacional, o problema da marginalidade se coloca no contexto de um desequilíbrio econômico, que "repousa em grande parte na incapacidade dos setores dinâmicos da economia de abrirem oportunidades de emprego em ritmo capaz de absorver as massas crescentes da população economicamente ativa"(3).

Esta incapacidade de absorção da mão-de-obra é decorrente da própria contradição do processo de industrialização verificado.

Todo esse complexo determina baixos níveis de renda e portanto uma não participação no consumo de bens e serviços o que se confirmou na 2ª Parte, pela determinação de vários indicadores, tais como os recursos de saúde utilizados e consumo alimentar deficiente.

A partir desse contexto, poderão ser estudados uma série de aspectos correlatos, como a inserção dessa "população marginal" numa estrutura de classes.



BIBLIOGRAFIA GERAL

BARAN, PAUL A.

A Economia Política do Desenvolvimento, 2ª ed., Rio, Zahar Editores, 1964

BAER, WERNER

A Industrialização e o Desenvolvimento Econômico do Brasil, Rio, Fundação Getúlio Vargas, 1966

CASTRO, ANTONIO BARROS DE

7 Ensaios sobre a Economia Brasileira, 1ª ed., Rio, Companhia Editora Forense, 1969

CARDOSO, FERNANDO HENRIQUE

O Modelo Político Brasileiro, São Paulo, Difusão Européia - do Livro, 1972

FURTADO, CELSO

Análise do Modelo Brasileiro, 2ª ed., Rio, Editora Saga S/A, 1968

GEIGER, PEDRO PINCHAS

A Evolução da Rede Urbana Brasileira, São Paulo, MEC-INEP, 1963

GERMANI, GINO

Sociologia de la Modernización, Buenos Aires, Paidós, 1969

HUGON, PAUL

Demografia Brasileira, São Paulo, Editora Atlas, 1973

IANNI, OCTÁVIO

Estado e Capitalismo, Rio, Editora Civilização Brasileira, 1965

IANNI, OCTÁVIO

Industrialização e Desenvolvimento Social no Brasil, Rio, Editora Civilização Brasileira, 1963

IANNI, OCTÁVIO

Estado e Planejamento Econômico no Brasil, Rio, Editora Civilização Brasileira, 1971

LOPES, JUAREZ RUBENS BRANDÃO

Sociedade Industrial no Brasil, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1964



LOPES, JUAREZ RUBENS BRANDÃO

Desenvolvimento e Mudança Social, 2ª ed., São Paulo,
Companhia Editora Nacional, 1971.

LEWIS, OSCAR

Antropologia de La Pobreza, 6ª ed., México, Fondo de
Cultura Econômica, 1969

LANGONI, CARLOS GERALDO

Distribuição da Renda e Desenv. Econ. do Brasil, Rio,
Editora Expressão e Cultura, 1973. Rio. Editorial Vitória
1.963

MARX, KARL

Trabalho assalariado e Capital

MATA, MILTON DA, e outros

Migração Interna no Brasil, Rio, IPEA/INPES, 1973.

MARTINS, LUCIANO

Industrialização Burguesia Nacional e Desenvolvimento,
Rio, Editora Saga, 1968.

PINTO, L.A. COSTA E BAZZANELLA, W.

Organizados, Processos e Implicações do Desenvolvimento
Rio, Zahar Editores, 1969.

PEREIRA, LUIZ

Estudos sobre o Brasil Contemporâneo, São Paulo, Prôme-
vas, 1971.

PEREIRA, LUIZ

Urbanização e Desenvolvimento

PÓVOAS, GLICERIO

Serviço de Estatística da Prefeitura de Marília, São
Paulo, Empr. Gráfica da "Revista dos Tribunais", 1.47

PEREIRA, JOSÉ CARLOS

Estrutura e Expressão da Indústria em São Paulo, São Pau-
lo, Editora Nacional, 1967.

PEREIRA, LUIZ

Desenvolvimento e Subdesenvolvimento

SINGER, PAUL

Tecnologia e Divisão do Trabalho in vários . Ciência Tec-
nologia e Desenvolvimento. São Paulo, Editora Brasileira
1.971.



SINGER, PAUL

Desenvolvimento e Crise, São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1963

SMELSER, NEIL J.

A Sociologia da Vida Econômica, trad. bras. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1968

STAVENHAGEN, RODOLFO

Sete Teses Equivocadas sobre a América Latina, Sociologia do Desenvolvimento, trad. bras. Rio, Zahar Editores 1967

VINHAS, M.

Estudo Sobre o Proletariado Brasileiro, Rio, Editora Civilização Brasileira, 1970.

VIEIRA, FRANCISCA ISABEL S.

"O Japonês na frente de expansão paulista", São Paulo, Pioneiros, 1973.



Introdução	1
------------------	---

1ª Parte

Aspectos Sócio-econômicos

A frente de expansão a oeste de São Paulo e a fundação de Marília	8
O crescimento e o comportamento da população	14
Setor Primário	35
A) Agricultura	35
B) Pecuária	51
Setor Secundário	61
Setor Terciário	70
A) Comércio	70
B) Serviços	72

2ª Parte

"O 'niverso Marginal"
(Características da População Marginal)

Composição Demográfica	83
Grau de Instrução	97
Religião	101
Origem da População	104
Migração Familiar	111
Fixação da População	123
Aspiração de Mudança	133
Habitação	139
Saúde	155
Consumo Alimentar	164
Aspectos Econômicos	169
Interação Familiar	206
Interação Vicinal	214
Vida Social (recreação)	220
Utilização de Recursos	222



Conclusões	229
Pibliografia Geral	233



